

ORGANIZADORES PATRICIA BIEGING E RAUL INÁCIO BUSARELLO



CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

ORGANIZADORES PATRICIA BIEGING E RAUL INÁCIO BUSARELLO



2018

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados

Copyright do texto © 2018 os autores

Copyright da edição © 2018 Pimenta Cultural

Comissão Editorial Científica

Alaim Souza Neto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Alexandre Silva Santos Filho, Universidade Federal do Pará, Brasil
Aline Corso, Faculdade Cenequista de Bento Gonçalves, Brasil
André Gobbo, Universidade Federal de Santa Catarina e Faculdade Avantis, Brasil
Andressa Wiebusch, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Andreza Regina Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Angela Maria Farah, Centro Universitário de União da Vitória, Brasil
Arthur Vianna Ferreira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Beatriz Braga Bezerra, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Daniele Cristine Rodrigues, Universidade de São Paulo, Brasil
Delton Aparecido Felipe, Universidade Estadual do Paraná, Brasil
Dorama de Miranda Carvalho, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Elena Maria Mallmann, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Elisiane Borges leal, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Elizabeth de Paula Pacheco, Instituto Federal de Goiás, Brasil
Francisca de Assiz Carvalho, Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Gracy Cristina Astolpho Duarte, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Heloisa Candello, IBM Research Brazil, IBM BRASIL, Brasil
Inara Antunes Vieira Willerding, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Jacqueline de Castro Rimá, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Jeane Carla Oliveira de Melo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil
Jeronimo Becker Flores, Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Joelson Alves Onofre, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil
Joselia Maria Neves, Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Júlia Carolina da Costa Santos, Universidade Estadual do Maro Grosso do Sul, Brasil
Juliana da Silva Paiva, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil
Kamil Giglio, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Lídia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ligia Stella Baptista Correia, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Luan Gomes dos Santos de Oliveira, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Luciene Correia Santos de Oliveira Luz, Universidade Federal de Goiás; Instituto Federal de Goiás., Brasil
Lucimara Rett, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Marcio Bernardino Sirino, Universidade Castelo Branco, Brasil
Marcio Duarte, Faculdades FACCAT, Brasil



EXPEDIENTE

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Maribel Santos Miranda-Pinto, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal
Marília Matos Gonçalves, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Marina A. E. Negri, Universidade de São Paulo, Brasil
Marta Cristina Goulart Braga, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Midierson Maia, Universidade de São Paulo, Brasil
Patricia Biegging, Universidade de São Paulo, Brasil
Patricia Flavia Mota, UNIRIO, Brasil
Patricia Mara de Carvalho Costa Leite, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Patrícia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ramofly Ramofly Bicalho, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Rarielle Rodrigues Lima, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Raul Inácio Busarello, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Rita Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Rosane de Fatima Antunes Obregon, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Samuel Pompeo, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Tarcísio Vanzin, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Thais Karina Souza do Nascimento, Universidade Federal do Pará, Brasil
Vanía Ribas Ulbricht, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Direção Editorial Patricia Biegging
Raul Inácio Busarello

Administrador de sistemas Marcelo Eyng

Capa e Projeto Gráfico Raul Inácio Busarello

Editora Executiva Patricia Biegging

Revisão Organizadores e autores

Organizadores Patricia Biegging
Raul Inácio Busarello

PIMENTA COMUNICAÇÃO E PROJETOS CULTURAIS LTDA – ME.
São Paulo - SP. Telefones: +55 (11) 96766-2200 - (11) 96777-4132
E-mail: livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



Expediente

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, história de vida e memória: lugares de enunciação.
Patricia Biegging, Raul Inácio Busarello - organizadores.
São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. 174p.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-66832-78-5 (eBook)

1. Cultura. 2. História de vida. 3. Memória. 4. Identidade.
5. Formação do sujeito. 6. Narrativas. I. Biegging, Patricia.
II. Busarello, Raul Inácio. III. Título.

CDU: 316.7
CDD: 306

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.785



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição – Uso Não Comercial – Não a Obras Derivadas (by-nc-nd). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.



2018

SUMÁRIO

Prefácio	
Memórias e negociações de vida	6
<i>Patricia Biegging e Raul Inácio Busarello</i>	
Capítulo 1	
Memórias de “práticas avaliativas” de docentes da Educação Básica: “formação do sujeito”	9
a partir do que a avaliação <i>não é</i> <i>Juliana Tiburcio Silveira Fossaluzza</i>	
Capítulo 2	
História de vida e identidade docente: a pesquisa como legitimação do <i>lócus</i> de enunciação docente	34
<i>Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos,</i> <i>Daiane Caetano Costa de Aquino e Indiamaris Pereira</i>	
Capítulo 3	
A cultura em Frans Post: cidade, engenho e mundo antrópico	56
<i>Francisco Isaac Dantas de Oliveira</i>	
Capítulo 4	
A pesquisa e escrita (auto)biográfica com professores: entre princípios conceituais e dimensões práticas	99
<i>Sebastião Silva Soares e Eliana Gonçalves da Silva Fonseca</i>	
Capítulo 5	
Mulher, mãe e chefe de família: narrativa acerca da monoparentalidade feminina	121
<i>Amanda Cardoso Barbosa, Viviane Bernadeth Gandra Brandão e</i> <i>Laura Rafaela Silva Amador</i>	
Capítulo 6	
Experiências e memórias: as grandes enchentes de Blumenau na voz de Maria	146
<i>Patricia Biegging e Raul Inácio Busarello</i>	
Sobre os autores	169



PREFÁCIO

MEMÓRIAS E NEGOCIAÇÕES DE VIDA

“*Cultura, história de vida e memória: lugares de enunciação*”, trata de dar espaço aos discursos singulares da vida, das experiências e das subjetividades dos sujeitos participantes das pesquisas apresentadas nesta obra. Falar de memória e de história de vida é dar voz, muitas vezes, a fatos que perpassam as histórias ditas oficiais de cada sociedade ou espaço institucional.

Nesta obra, os autores abrem discussões importantes e oferecem margens de pensamentos que avançam o entendimento sobre a cultura de cada envolvido a partir de seus depoimentos. Buscamos entender as práticas e as ressignificações que se passam quando os sujeitos são confrontados com os acontecimentos, colocando em foco as vivências como o ponto máximo e mais importante do discurso da cultura, da história de vida e da memória.

No capítulo um “*Memórias de ‘práticas avaliativas’ de docentes da Educação Básica: ‘formação do sujeito’ a partir do que a avaliação não é*”, de **Juliana Tiburcio Silveira Fossaluzza**, o ato de avaliar é colocado em discussão. Para isso, a autora entrevistou docentes da Educação Básica, abrindo espaço para que três professoras pudessem, segundo Juliana, “denunciar o que a avaliação não é” a partir de suas memórias.

Na sequência, “*História de vida e identidade docente: a pesquisa como legitimação do lócus de enunciação docente*”, das autoras **Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos, Daiane Caetano Costa de Aquino e Indiamaris Pereira**, temos a abordagem das histórias de vida e das identidades na formação docente. O objetivo é, a partir das lembranças, entender como se constitui, neste “jogo” entre o circuito das memórias antiga e atual, a construção da identidade docente.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

PREFÁCIO

No capítulo três, **Francisco Isaac Dantas de Oliveira** apresenta o texto “*A cultura em Frans Post: cidade, engenho e mundo antrópico*”. O autor trabalha os aspectos humanos e culturais nas paisagens do artista holandês Frans Post. A partir de cinco telas são apresentadas representações textuais e pictóricas que buscam refletir o “olhar colonizador seiscentista dos temas da história colonial da América que vamos chamar aqui de holandesa”.

“*A pesquisa e escrita (auto)biográfica com professores: entre princípios conceituais e dimensões práticas*”, dos autores **Sebastião Silva Soares e Eliana Gonçalves da Silva Fonseca**, trabalha a pesquisa e a prática (auto)biográfica no campo da formação docente. No texto são apresentados dados que fazem pensar a pesquisa e a prática pedagógica a partir da produção do gênero textual e memorial e, ainda, do caderno de memórias na formação de professores.

No capítulo cinco, “*Mulher, mãe e chefe de família: narrativa acerca da monoparentalidade feminina*”, das autoras **Amanda Cardoso Barbosa, Viviane Bernadeth Gandra Brandão e Laura Rafaela Silva Amador**, são trabalhados relatos de vida de famílias pobres que fazem refletir acerca de temas históricos a partir das vivências cotidianas dos sujeitos participantes da pesquisa. As histórias revelam as relações e as estratégias de vida adotadas frente às carências e ao contexto social ao qual vivem estas famílias.

A obra fecha com o capítulo de **Patricia Biegging e Raul Inácio Busarello**. Os autores apresentam o texto “*Experiências e memórias: as grandes enchentes de Blumenau na voz de Maria*”. A pesquisa traz lembranças que enlaçam-se e se embaralham com as narrativas apresentadas no rádio na época do desastre. É possível perceber que, por vezes, o discurso singular torna-se coletivo a partir das histórias que não são mais apenas de Maria, mas de seus familiares, vizinhos e, até mesmo, pessoas desconhecidas.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Nestes textos as memórias, experiências de vida e a cultura local é testada a todo momento por lapsos, encontros e desencontros, pelo fazer lembrar e esquecer de um tempo em que se encontra, por vezes, vívido na memória, por vezes, escondido. É um exercício para nós mesmos e para quem nos lê, pois percebemos o quanto é importante realizamos estes resgates, buscando ressignificações e (re)leituras da vida.

Desejamos uma boa leitura.

Patricia Biegging

Raul Inácio Busarello

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO





01

JULIANA TIBURCIO SILVEIRA FOSSALUZZA

**MEMÓRIAS DE “PRÁTICAS AVALIATIVAS”
DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA:
“FORMAÇÃO DO SUJEITO”
A PARTIR DO QUE A AVALIAÇÃO *NÃO É***

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.785.9-33

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o “ato de avaliar” a partir da perspectiva freiriana de educação e do relato de experiência resultante de um trabalho de pesquisa realizado por estudantes de um curso de Pedagogia, cujo tema central foi “avaliação”. Foram entrevistados alguns docentes da Educação Básica, por meio de questionários constituídos por perguntas abertas e respondidos voluntariamente por alguns docentes. Neste artigo, serão destacadas partes das memórias escolares de três professoras com a finalidade de *denunciar* o que a avaliação *não é*, pois tais lembranças revelam algumas “práticas avaliativas” conservadoras que as docentes vivenciaram em seus períodos escolares. A partir da concepção freiriana de educação, baseada no *diálogo*, pretende-se *anunciar* o vir a ser do ato avaliativo, como meio de propiciar condições para que todos os estudantes aprendam os conteúdos necessários à sua autonomia intelectual, crítica. A avaliação visa promover e incluir os educandos num futuro humano. Do contrário, é possível que muito pouco, professores tenham compreendido sobre avaliação.

Palavras-chave:

Avaliação. Memórias Escolares. Professores da Educação Básica. Diálogo.

CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a apresentar parte das memórias escolares de três docentes que desenvolvem sua atividade educativa na Educação Básica em escolas públicas localizadas no Estado de São Paulo, Brasil; memórias voltadas às “práticas avaliativas” utilizadas pelas instituições de ensino nas quais estudaram as docentes entrevistadas. “Práticas” que correspondem, sobretudo, ao ensino tradicional¹, à sua forma de examinar²/ “avaliar”, ao exercício de uma educação autoritária, que silencia o desenvolvimento autônomo, crítico dos educandos ao reduzi-los a objetos, cuja passividade daqueles se constitui numa característica dessa forma de ensinar.

A fim de fundamentar o estudo da memória e a relevância de seu conteúdo *social* recorreu-se aos escritos de Ecléa Bosi (2003), em especial, à sua obra *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*.

Outra questão a ser ressaltada é que o processo de coleta de parte das memórias escolares das professoras da Educação Básica é resultante de um relato de experiência, de um trabalho de pesquisa realizado por educandos de um curso de Licenciatura em Pedagogia de uma faculdade localizada no Estado de São Paulo, Brasil, pesquisa que se constituiu em entrevistar docentes por meio de *questionários* (SEVERINO, 2016)

1. Sobre o ideário tradicional de ensino, jesuítico, e sua influência na educação brasileira, verificar em Saviani (2008).

2. Sobre a constituição histórica do “ato de examinar” relacionado à educação tradicional, verificar em Luckesi (2001).

que continham *perguntas abertas*, e que foi voluntariamente respondido pelas professoras. Este trabalho de cunho científico foi proposto aos educandos do referido curso com o objetivo de relacionar os textos estudados na disciplina de *Avaliação* com as narrativas relatadas por meio da modalidade escrita pelas próprias docentes. Em última instância, se pretendeu verificar em que medida os textos dialogados em sala de aula se aproximavam da realidade escolar a que se referiam, ou ainda, se eram ou não verdadeiros³.

Deste exercício de pesquisa proposto em sala, a partir de dados interessantes, surgiu a possibilidade de produção deste artigo, como tentativa de refletir sobre um tema relevante, e por vezes ainda não abordado com responsabilidade e rigor nos cursos de formação inicial de professores: a *avaliação*. Ou ainda, refletir sobre o que a *avaliação não é* tendo em vista o horizonte de uma pedagogia emancipatória. Nesse sentido, recorreu-se também de modo especial aos fundamentos freirianos sobre educação para que fosse possível a análise dos dados.

O exercício sugerido é repensar as *práticas avaliativas* a partir do que a *avaliação não é*, considerando não só a perspectiva de alguns autores que serão mencionados no decorrer do texto, assim como às memórias escolares de algumas docentes da Educação Básica.

3. Verificar sobre a práxis como critério de verdade em Vásquez (2011).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

CONTRIBUIÇÕES FREIRIANAS PARA A EDUCAÇÃO: A DENÚNCIA POR MEIO DAS MEMÓRIAS ESCOLARES, O ANÚNCIO DIANTE À POSSIBILIDADE DO DIÁLOGO NA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Este artigo tem como objetivo central apresentar o que a avaliação *não* é por meio das memórias escolares de professoras da Educação Básica, o que representa, ao mesmo tempo, uma denúncia em linhas gerais e a contraposição às “práticas avaliativas” conservadoras, opressivas, classificatórias, e, sobretudo, excludentes em relação ao outro. Neste caso, o outro se refere ao educador, como educando, e às “práticas avaliativas” que continuam vivas em suas memórias escolares. Na realidade, se tratam de saberes docentes (TARDIF, 2014) marcados também pelo “dissabor” de uma educação denominada por Freire (2014) como “bancária”, com todas as consequências que derivam dessa forma de educar.

Importa lembrar que a denúncia (FREIRE, 2000a) é necessária a fim de “descortinar os bastidores” de uma realidade que se pode revelar muitas vezes desumana, estranha, doída mesmo de ser lembrada. A denúncia é, portanto, um ato crítico e político, que não “caminha de mãos dadas” com a hipocrisia, com a indiferença, com a insensibilidade diante às injustiças sociais, políticas, econômicas, culturais tão presentes nesta forma de sociabilidade em que a maioria, os oprimidos, (sobre) vive. Nesse sentido, a criticidade não se dissocia do ato político, pois a análise da realidade somente é possível se fundamentada

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA
E MEMÓRIA**
lugares de enunciação
SUMÁRIO

num conhecimento crítico, o que implica, ao mesmo tempo, num posicionamento do indivíduo na sociedade em está imerso, e em que poderá emergir (FREIRE, 1978) assumindo-se como sujeito da história.

A denúncia, portanto, reclama a necessidade do anúncio (FREIRE, 2000a), como forma de esperança e de propor ações que modifiquem ou que até mesmo transformem a realidade em que se vive. O anúncio não pode ser inconsequente, infundado, impulsivo, mas é rigoroso (FREIRE, 1986), estratégico, pensado.

Para mim ao repensar nos dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica também a *denúncia* de como estamos vivendo, e o *anúncio* de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso, por isso mesmo. É neste sentido que, como o entendo, o pensamento profético não apenas fala do que pode vir, mas, falando de como está sendo a realidade, *denunciando-a*, *anuncia* um mundo melhor. Para mim, uma das bonitezas do ato profético está em quem não anuncia o que virá necessariamente, mas o que pode vir, ou não. O seu não é um anúncio fatalista ou determinista. Na real profecia, *o futuro não é inexorável, é problemático* [grifos nossos]. Há diferentes possibilidades de futuro. Reinsisto em não ser possível *anúncio* sem *denúncia* e ambos sem o ensaio de uma certa posição em face do que *está* e *vem sendo* o ser humano. O importante, penso, é que este ensaio seja em torno de uma ontologia social e histórica. Ontologia que, aceitando ou postulando a natureza humana como necessária e inevitável, não a entende como uma *a priori* da História. A natureza humana se constitui social e historicamente. (FREIRE, 2000a, p.54, grifos do autor)

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

De que modo o que se diz, sobre *denúncia* e *anúncio*, na perspectiva freiriana, se relaciona ao tema da “avaliação”, poderiam pensar alguns leitores e leitoras. Se se pensa que o ato de avaliar está estritamente relacionado à sociedade em que se está inserido (LUCKESI, 2001), que uma determinada forma dos indivíduos se relacionarem entre si também influencia o modo de ser dos cotidianos escolares, assim como a maneira de o educador avaliar seus educandos, então, faz todo sentido e é necessário que professores e professoras ao avaliarem pensem, ao mesmo tempo, que tipo de sociedade pretendem *denunciar* e *anunciar* por meio de suas práticas de avaliação, que permeiam, não pontualmente, suas práxis educativas, mas constantemente o realizar de sua atividade.

Para denunciar práticas que *não* correspondem à avaliação, compreendida no sentido diagnóstico, processual, mais, *dialógico*, recorreu-se às memórias escritas por três docentes da Educação Básica. São pequenos pedaços de histórias de vida que denunciam o que a avaliação *não* é, porque também tais professoras têm como desafio a não reprodução de tais práticas excludentes, opressoras, junto a seus educandos. Portanto, as memórias escolares representam, neste (con)texto, um ato de *denúncia*. E além do mais,

A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos. [...]. O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro. (BOSI, 2003, p.66)

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Em tempos de exacerbação do individualismo, importa resgatar a dimensão social da memória, que é também histórica, não apenas para reconstruí-la, mas sim com o objetivo de delinear “temas” pelos quais ainda se deve lutar. Expressar relações sociais contraditórias que medeiam a memória e que, ao mesmo tempo, perfazem o indivíduo, é também buscar um caminho para (re)fazer sua identidade. O tempo organizado pelo sistema, por esta sociedade alienante tem “encurtado” a memória de muitos, que é, segundo Bosi (2003), uma “fonte”, um “manancial” de experiências, “geradora do futuro”. Sem a memória não há possibilidade de *enraizamento*, de saber quem se é. Recorrer às memórias escolares de algumas docentes representa, neste caso, uma maneira de trazer à luz “práticas avaliativas”, que correspondem ao que a avaliação *não é*, mas é também anunciar a possibilidade de seu vir-a-ser.

Uma das docentes entrevistadas, ao escrever sobre algum fato ou situação que a marcou a respeito da avaliação no decorrer de sua vida escolar, menciona que,

Na escola era A os melhores alunos, B os bons, C os fracos e D os piores. Era queridinha dos professores a turma dos A. Conversava ou levantava ponto negativo. Nota azul e nota vermelha. O boletim era algo temido pelos alunos. Na faculdade tive uma professora que pegou uma disciplina que ela não dominava. Eu pesquisava muito e fazia sinapses com outros conteúdos do curso de Pedagogia. Ela não dava abertura para eu participar, negava meus resumos. No dia da prova as questões assertivas dela estavam fragmentadas que não dava pra entender e relacionar com as alternativas, mas fiz. Nas questões dissertativas elaborei-as muito bem. Na hora

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

de entregar ela já foi corrigindo na minha frente. Dando meio certo em todas. Minha colega a questionou e falou: ‘_as minhas estão bem menos explicadas e você deu certo’. A professora olhou para mim e falou: ‘_isso é pra você aprender a se frustrar’. Sorte de meus alunos, como professora, não quero ninguém frustrado. Avaliação não é um *ato de vingança* [grifos nossos] e nem de resolver questões pessoais, afetivas, etc. Pelo contrário, é um *ato de amor* [grifos nossos].

Há elementos expressos nas lembranças da professora... Elementos que não podem ser assumidos como “critérios”, ainda que subjetivos, do ato de avaliar se se pretende de fato desenvolvê-lo. Notas que identificam os educandos, produzindo ao mesmo tempo, estereótipos, dividindo-os entre bons, médios e ruins. Marcas (notas) que excluem, ao classificar. É como se o sujeito recebesse um “certificado” que o habilitasse ou não a se adaptar à sociedade em que vive. Emitidas pelo docente dizem: este terá futuro, já este não. São marcas porque exatamente não são esquecidas. Notas são formas de registro sem dúvida da vida escolar, acadêmica de cada um, mas podem também se transformar em instrumento de exercício do autoritarismo, do poder, do professor, da professora, dependendo da maneira como são compartilhadas ou impostas aos estudantes. A educação aqui não se faz *com* o educando, mas *sobre* ele. É a educação como parte da reprodução da *economia do poder* (FOUCAULT, 1987), docilizando corpos e mentes, porque não cabe aos alunos o ato da rebeldia contra aquilo que os oprime. A avaliação transforma-se assim em mecanismo de opressão, de

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

silenciamento. A escola em meio de intimidação, em instrumento antidemocrático (LUCKESI, 2001). É assim também que a escola se faz como um agente não da inclusão, mas da exclusão permanente, da propagação do fracasso escolar, que se define por meio da contradição: está proibida a educação na escola.

O boletim pode ser algo temido por muitos alunos e alunas, como disse a professora entrevistada. Notas vermelhas, sinal de preocupação. Notas azuis podem significar um verdadeiro alívio para muitos. Reprovação, aprovação. As provas, que reduzem o ato de avaliar a momentos pontuais, simbolizam para os estudantes verdadeiros “testes de sobrevivência” frente a uma sociedade norteadada pelo lucro e pelas relações sociais baseadas na concorrência.

Observa-se ainda que a avaliação de alguns docentes pode se transformar em “meio de vingança”. Mas do que mesmo eles se escondem ou se “vingam”?

É possível verificar como a “educação bancária”⁴(FREIRE, 2014), que não se restringe à Educação Básica, se faz presente também nas práticas avaliativas no Ensino Superior.

Como bem define a professora, avaliação não pode ser um “ato de vingança”, mas sim “um ato de amor”. É importante que os docentes reflitam e (re)pensem suas práticas de avaliar, se têm avaliado seus educandos a fim de promover-lhes condições de aprendizagem (HOFFMANN, 2009), e em que medida têm conseguido realizar o ato educativo como um ato ontológico e

4. Especificar-se-á sobre a “educação bancária” mais adiante.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

de amor. Será realmente que se tem realizado educação neste país, tão extenso e único e, ao mesmo tempo, diverso?

A educação é um ato amoroso, porque implica também num ato de libertação. De libertar o ser humano do *estranhamento-de-si* (MARX, [1844], 2004, p.83), de uma consciência intransitiva⁵, de um “estado vegetativo”, de um quase (in)compromisso com a existência. A partir da concepção freiriana de educação o ser humano é chamado a existir. É convidado a assumir-se como sujeito histórico, a responsabilizar-se com o mundo em que vive, e esta é uma atitude necessária ao ato educativo.

Entende-se que a educação também é um ato ontológico, pois o ser em comunhão com o outro, se educa, e ao educar-se, contribui, simultaneamente, com o desenvolvimento do seu próximo, numa relação de reciprocidade dialética, mediatizada pelo mundo, pela cultura, que é resultado da criação humana.

Portanto, é necessário o aprendizado de que se avalia na relação *com* o outro, a fim de que o educador contribua para que os conhecimentos prévios dos educandos se tornem cada vez mais complexos. Avalia-se a fim de colaborar para o desenvolvimento presente e futuro do estudante, para a formação de sua criticidade; se avalia na possibilidade de construir um futuro humano, para que o educando aprenda de forma autônoma, o que depende de um ambiente escolar democrático.

Nesse sentido, a avaliação também é um ato político, porque se trata de uma escolha. Pois o docente se posiciona

5. Freire (1978).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

social e politicamente, ao avaliar. A prática da educação progressista, crítica, não se contenta com a mesmice da “verbosidade vazia” exercida em sala de aula, tradicionalmente, por alguns professores e professoras, que se negam e negam também a seus alunos e alunas a possibilidade de viverem, juntos, em comunhão, a experiência da libertação (FREIRE, 1978) que pode proporcionar o ato educativo.

Mais uma vez, não se avalia para “frustrar”. Avalia-se para amorosamente libertar. Incluir. Democratizar, no sentido freiriano, o conhecimento científico, a participação autêntica do oprimido numa sociedade cuja natureza se assenta em relações sociais desiguais. Este é o *anúncio*.

Outro depoimento escrito, também interessante, foi mencionado por uma segunda professora, ao ser questionada se algum fato referente à avaliação, teria marcado sua trajetória escolar.

Acredito que eu sempre estudei em escolas bastante tradicionais, então, a avaliação sempre era feita através de provas/ testes que abrangiam basicamente a matéria estudada. *Avaliações estas que avaliavam muito pouco do efeito que o conhecimento tinha em mim* [grifos nossos]. Sempre gostei muito de ir à escola e tenho memórias maravilhosas de meus professores, alguns responsáveis pela minha escolha de me tornar também uma professora. Porém acredito que a avaliação poderia ter abrangido muito mais do que simplesmente o saber. Quando eu estava na quarta série tive uma prova muito difícil de inglês, matéria esta que eu não entendia bolhufas, bem porque em uma turma de 30 alunos e uma professora que apenas escrevia na lousa era impossível aprender

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

[...] outra língua. Mas bem, voltando à história, nesta prova eu tinha que tirar uma nota boa, pois já tinha algumas notas vermelhas no meu histórico. Um dia antes de tal prova eu fiquei tão desesperada que resolvi fazer uma ‘cola’ porque eu não me achava capaz de entender o tal verbo ‘to be’ e então chegou o abominável dia da prova e eu não sabia nada mesmo! A professora percebeu que eu estava tão desesperada e encontrou minha ‘cola’ e claro eu tirei zero nesta prova. Eu me lembro, que mesmo tendo 10 anos eu me senti tão incapaz, tão burra, me senti como se só eu não tivesse conseguido, que não era capaz de aprender. E esse sentimento de incapacidade me acompanhou durante muitos anos, pois até mesmo adulta eu sempre achei que não seria capaz de aprender a falar inglês. Contudo, com 25 anos eu enfrentei minhas dificuldades e me inscrevi em um curso de inglês e hoje sou professora de inglês dos meus pequenos!

Em relação às duas docentes que compartilharam parte de seus saberes escolares por meio de suas memórias, cabe destacar a capacidade de ambas de superação de um passado escolar e/ ou acadêmico que poderia tê-las traumatizado, e/ ou dificultado suas escolhas: tornarem-se professoras! Elas que, ainda com um possível medo, optaram pela ousadia. À primeira docente, das lições duras advindas de “práticas avaliativas” opressoras vivenciadas de modo contraditório num curso de formação inicial de professores, ficou a lição de não formar alunos frustrados, de não transformar a avaliação num instrumento de poder desmedido, de transferência de sentimentos frustrados do docente a seus alunos.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A segunda entrevistada superou uma situação também traumatizante que poderia tê-la desmotivada a respeito de sua opção profissional, tornar-se uma professora de inglês. Nesse sentido, importa mencionar que a *denúncia* de práticas que não definem o ato de avaliar, não representa, ao mesmo tempo, uma *renúncia* da educação escolar. Muito pelo contrário, ao se tomar consciência do que a avaliação *não é*, e não pode continuar sendo, ao que ela não pode se reduzir, porque se esvazia, é necessário propor a reflexão e a opção por um posicionamento crítico, por uma ação dialógica, que envolve o processo de ensino e aprendizagem permeado pelo ato de avaliar.

As lembranças, ainda que não relatadas pela segunda docente, também são marcadas por fatos bons de serem (re) lembrados, ocorridos na escola, em que nem tudo é ruim, pois a experiência escolar é contraditória.

Contudo, a consciência de mudança do *modo* de avaliar remete simultaneamente à revisão do exercício da práxis educativa como um todo, ou seja, como se pensa a educação, o desenvolvimento da aula, que se “inicia” no ato de planejar, aí está o “ponto de partida”, quando o docente começa a avaliar, pois não é possível dissociar o planejamento da avaliação (LUCKESI, 2001). Portanto, não se pode (re)pensar avaliação como ato isolado do contexto econômico, social, cultural, político em que a escola está inserida, pelo contrário, deve-se repensá-la de maneira *contextualizada*, sem perder de vista em que horizonte a educação escolar hoje se pauta, e em que horizonte *possível* ela poderá se nortear e, conseqüentemente, o ato de avaliar.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Dito de outro modo, repensar a avaliação, inclui refletir sobre a concepção que se tem do ser humano, da sociedade, da educação escolar e da práxis educativa, da qual faz parte o ato de avaliar.

Nesse sentido, é vital a transformação desta sociedade, para que seja verdadeiramente inclusiva, e uma das ferramentas para auxiliar na transformação social é certamente o ato educativo, que na concepção freiriana, de educação crítica, é *democrático*, pois se realiza por meio da proposta de uma aula que se pautar no *diálogo* (FREIRE, 2014).

Uma aula baseada no diálogo implica na mudança de atitude do educador, da educadora e de seus educandos. Nesse modelo de aula, educador e educando se relacionam como *sujeitos epistemológicos*, mediados pelo conhecimento, são sujeitos curiosos, porque pesquisadores, e *não antagônicos*. Professores e alunos são diferentes nessa relação, mas essa diferença não se caracteriza como antagônica.

A sala de aula não é um “campo de batalha”, em que educador se posiciona *contra* educando, educando *contra* educador, pois nesse ambiente já não há educação, mas sim deseducação. A relação que se dá entre os sujeitos epistemológicos é de tensão dialética, de *problematização*⁶ dos temas, dos conceitos que serão trabalhados em sala de aula. O que importa na aula dialógica é o desenvolvimento social, humano, de educadores e de educandos. A decisão cabe a ambos de compartilhar seus saberes de modo a torná-los mais enriquecidos e

6. Aprofundar este assunto em (FREIRE; BETTO, 2000b).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

complexos. Existe troca, enriquecimento, não disputa arrogante. Implica sim numa relação democrática em que ambos podem conhecer o que o outro sabe, concordarem, discordarem. E os professores são, neste caso, *problematizadores* da realidade social de seus alunos e alunas. No entanto, é importante que não se perca de vista que,

O professor é inevitavelmente responsável por iniciar o processo e dirigir o estudo. A escolha dos objetivos torna impossível a neutralidade [grifo dos autores]. Ao dirigir um curso e pelas relações sociais do discurso em classe todo professor exprime sua posição política. *Escolhemos os livros a ler, as perguntas a serem feitas, o modelo da sala de aula – tudo isso envolve a nossa política.* (FREIRE; SHOR, 1986, p.97, grifos nossos)

Ira Shor (1986), em *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*, em seu diálogo com Paulo Freire, relembra a responsabilidade dos educadores no exercício da docência, e de forma objetiva afirma que a educação não é uma atividade passível de neutralidade. E se a educação não é um ato neutro, muito menos será o ato de avaliar. De uma forma simples, exemplifica o referido autor que o professor se posiciona e, acrescenta-se, avalia, ao escolher a literatura que comporá seu curso, as perguntas que pretende realizar em sala de aula, ainda que outros temas e questões possam surgir pelos educandos, a disposição dos estudantes em classe, etc. Portanto, a aula dialógica é diretiva, dirigida pelo docente, que constantemente avalia sua atividade e a aprendizagem dos estudantes, e não neutra. E também

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

porque não propor o exercício da autoavaliação⁷ aos alunos. Esse modo de realizar a práxis educativa não está relacionado com o espontaneísmo que muitos podem supor.

A aula dialógica provoca o *saber pensar* (DEMO, 2000), supera a *pobreza política* e, conseqüentemente, incentiva o gosto por ensinar-aprender, aprender-ensinar. A partir daí, conseqüentemente, o ato de avaliar que é constante no processo educativo poderá se modificar, porque a forma de olhar e reconhecer o outro, também muda.

Pobreza política não é outra pobreza, mas a mesma, vista politicamente. Tem como marca que o combate à pobreza não pode ser beneficência, concessão, doação. Precisa ser conquista coletivamente organizada, com base em cidadania reflexiva e combativa. Porquanto o sistema não teme o pobre com fome; teme o pobre que sabe pensar. Tarefa principal da educação seria, pois, confrontar-se com a pobreza política, desfazendo o véu de ignorância historicamente produzido sobre as camadas populares, que os impede de tomar em suas mãos o rumo de sua história. Esta tarefa lhe é própria, por conta de sua politicidade, em todos os casos mais decisiva que a inserção no mercado de trabalho. Em primeiro lugar vem o cidadão, depois o consumidor e o beneficiário. (DEMO, 2000, p.149)

Entende-se que um dos objetivos, senão o principal, da avaliação é combater, por meio da educação escolar, a *pobreza*

7. Sobre autoavaliação de estudantes verificar no documentário Vocacional: uma aventura humana (2011), de Toni Venturi. Este documentário retrata e memoriza um importante momento da educação brasileira, os colégios vocacionais de São Paulo, experiências desenvolvidas na década de 1960. Infelizmente, a proposta educacional se perdeu devido às perseguições da ditadura militar.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

política (DEMO, 2000). Mas esta pode não apenas se fazer presente na vida de muitos educandos, mas igualmente em vários professores. Portanto, é uma escolha. O fim da pobreza política dos educandos reclama a necessidade de um educador, de uma educadora, que reconheça também em si a importância da superação de sua pobreza política. E, nesse sentido, o ato educativo, dialógico, assim como a avaliação, requer rigor (FREIRE; SHOR, 1986), estudo, seriedade, responsabilidade, comprometimento com o desenvolvimento de uma consciência crítica (FREIRE, 1978).

Lembra-se que o ato de avaliar, rememorando o relato escrito pela segunda docente entrevistada, não está relacionado à atitude desumana de reproduzir o sentimento de incapacidade nos educandos.

Sabe-se também que a maioria dos docentes exerce sua atividade em condições de trabalho precárias. Essas circunstâncias reforçam ainda mais a necessidade de solidariedade da categoria dos professores em prol da luta por uma escola em que, verdadeiramente, se possa ensinar, estudar e aprender.

Além disso, as provas, uma vez desvestidas do medo que provocam, poderão se tornar momentos de aprendizagem, a aula que antecede o momento da prova, que não poderá definir a inteireza do ato avaliativo, poderá ser uma oportunidade eficaz para que se esclareçam as dúvidas dos educandos ainda não resolvidas, retomar os conteúdos da prova, assim como o momento que lhe é posterior, outra oportunidade de esclarecer, visando a aprendizagem dos alunos, o que ainda não foi

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

aprendido (GATTI, 2009). As provas em si não são um problema no que se refere à avaliação, não precisam ser abolidas, e sobre elas não deve recair a culpa do que a avaliação não é, mas a forma como são elaboradas e desenvolvidas em sala de aula, isso sim é que pode se tornar um problema.

A terceira professora, sobre algum fato que lhe tenha marcado em relação à avaliação, escreveu que,

Nossa! Não faz muito tempo, mas a impressão que tínhamos era só pelo papel. Nossa principal preocupação era decorar para acertar. Ganhávamos nota pelo caderno em dia e sem orelhas. Nas provas tudo tinha que estar ‘igual’ ao que fora explicado e colocado em lousa. Uma avaliação mais focada no mínimo de acerto (quantitativa) do que preocupada com o desenvolvimento do aluno. Era como uma transferência de saberes, o professor como centro de tudo e portador de todas as respostas. Tudo era decorado e com caminhos únicos ou você faz assim ou está errado. Nossa evolução nos últimos anos causou grandes rupturas, apesar de saber que ainda existem aqueles que não acompanharam e resistem às novas propostas educacionais. Sabemos que hoje tudo está se concluindo de forma mais humana. Claro que estamos passando pela era da informação de maneira exagerada, mas a escola tem esse papel fantástico de transformar essas informações em conhecimento e tudo fica em vias de mão dupla. E o ‘professor agora é aquele que [...] [aprende]’.

Ainda no início deste trabalho, citou-se a “educação bancária”. As palavras anteriores mencionadas pela terceira docente entrevistada definem de modo claro essa forma de

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

educação e, ao mesmo tempo, como a avaliação é compreendida a partir da educação tradicional, ainda presente em muitas escolas, em que se avalia com a finalidade de classificar, excluir o aluno do processo de ensino-aprendizagem, que precisa, sobretudo, memorizar ou decorar os conteúdos que serão cobrados no momento da prova exatamente da maneira como o professor os “ensinou”, caso contrário, o estudante não será aprovado; o docente é considerado o centro do processo e detentor único do saber, somente ele detém as respostas cientificamente exatas, é o portador do conhecimento. A partir dessa forma de educação/ avaliação, o educando não tem voz, nem opinião própria, a única autonomia que cabe aqui neste processo é do professor que imporá suas prescrições, opiniões aos estudantes.

Paulo Freire (2014), a respeito dessa forma de educação antidialógica, afirma o seguinte,

Na educação ‘bancária’ que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da ‘cultura do silêncio’, a ‘educação’ bancária mantém e estimula a contradição. Daí, então, que nela: a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 2014, p.82-3, grifos do autor)

A “educação bancária” se caracteriza, de acordo com a citação anterior, como dicotômica. No entanto, o educador se faz em oposição e mais, em negação do educando como sujeito do processo de ensino-aprendizagem. Apesar de a educação para Paulo Freire, como já mencionado, ser um processo diretivo, o que se opõe a uma educação espontaneísta, irresponsável, isto em nada implica na anulação do direito que o próprio educando tem em assumir seu papel como sujeito de sua aprendizagem, em não aceitar até mesmo as ideias do docente apresentadas, e não impostas, na sala de aula. Na educação progressista que admite somente uma *avaliação dialógica*, porque baseada no *diálogo*, o aluno também precisa construir sua autonomia, aprender, inclusive, se autoavaliar.

Ou seja, à educação voltada para o desenvolvimento de uma consciência crítica, somente faz sentido numa forma de avaliar constante que visa a produção da autonomia intelectual do educando, assegurando-lhe o direito de aprender os conteúdos necessários à sua formação escolar ou acadêmica

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

e que lhe possibilite pensar e interferir na sociedade em que vive. A avaliação não é para a classificação do aluno e, conseqüentemente, para a sua exclusão, pelo contrário, avaliar tem a função de propiciar condições, criar oportunidades para que *todos* consigam aprender os conteúdos necessários à construção de sua autonomia crítica. Por isso, acredita-se que para mudar a avaliação é necessário também que se modifique a forma de planejar e desenvolver a aula, mudança que está atrelada a uma transformação social, pois o ato de avaliar está em unidade e permeia constantemente a práxis educativa. Quando professores avaliam importa responderem à questão: “quem eles pretendem formar”?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliação não é instrumento de coerção. Não é mecanismo de opressão, de exercício de poder desmedido. De autoritarismo. Quando assim agem os professores que tipo de sociedade, de educação reproduzem, que alunos e alunas pretendem formar?

Avaliação também não é “ameaçar” educandos com notas vermelhas nos boletins, com pontos negativos nas cadernetas, avaliar não é sinônimo de disciplinamento, não é impor uma “cultura do silêncio” nas salas de aula, em que fica proibido pensar.

Avaliação não se reduz às provas que uma vez não elaboradas adequadamente, transformam-se em meios de “cobrança” daquilo que o professor, a professora *não* ensinou no decorrer

CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA

lugares de enunciação
E MEMÓRIA

SUMÁRIO

das aulas. Em momentos de “pegadinhas”. Instrumento que ao invés de verificar o que o estudante aprendeu, para que o professor possa avançar, assume como finalidade o amedrontar. “Bom professor” passa a ser aquele que reprova *mais* alunos.

Ora, isso nada tem a ver com a educação e nem com o ato de avaliar. Pelo menos não na perspectiva freiriana.

Acredita-se que para mudar as práticas de avaliação é necessário também que o docente reflita sobre o *modo* como realiza sua práxis educativa. Como pensa a sociedade em que vive, os indivíduos que nela tecem suas relações sociais.

A forma de avaliar poderá se modificar por meio da ousadia daquele docente que tenta desenvolver sua aula na perspectiva do *diálogo*, em que se problematiza temas, modificam-se atitudes, posturas, superam-se inseguranças e medos. Medo, de fato, de se desenvolver educação nas escolas, neste país ainda repleto de tantos “analfabetos políticos”.

Neste artigo, pretendeu-se propor uma reflexão sobre o ato de avaliar, por meio das memórias escolares de algumas professoras da Educação Básica, que constituem também os saberes docentes e que *não* definem o que a avaliação é ou pode ser, no entanto, apresentam “práticas avaliativas” opressoras, excludentes, que podem ainda ser disseminadas, provavelmente, em muitas escolas.

Interessante pensar que tais práticas também estão sendo repensadas e não propagadas por tantos outros docentes, que não se deixaram, e nem se deixam vencer por uma educação *estranha*, mas que estão envolvidos na luta para que seus alunos

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

e alunas tenham assegurado seu direito de aprender, pois isso sim define a possibilidade do vir a ser da avaliação.

REFERÊNCIAS

BOSI, ECLÉA. *O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DEMO, Pedro. *Saber pensar*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. (Guia da escola cidadã; v. 6)

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____.; BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. - 11ª ed. - São Paulo: Editora Ática, 2000b.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. - 56ª ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000a.

_____.; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopes, revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GATTI, Bernadete. Avaliação em sala de aula. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Turismo* - ISSN 1984-5952 - Vol. 1, n. 1, p. 61-77, Maio/2009.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. - 11ª ed. rev. e atual. org. - Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUCKESI, Carlos Cipriano. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*. - 11ª ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Tradução [de] Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

SAVIANI, Dermeval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. - 2ª ed. rev. e ampl.- Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção memória da educação)

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. - 24ª ed. rev. e atual. - São Paulo: Cortez, 2016.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. - 17ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. – 2ª. ed. – Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais – Clacso, São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.

Vocacional: uma aventura humana. Direção: Toni Venturi. Roteiro: Silvia Lohn, Toni Venturi e Vitor Alves Lopes. Produção: Olhar Imaginário. Brasil, 2011, 77 min.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO



02

**BRUNA CAROLINA DE LIMA SIQUEIRA DOS SANTOS
DAIANE CAETANO COSTA DE AQUINO
INDIAMARIS PEREIRA**

**HISTÓRIA DE VIDA E IDENTIDADE
DOCENTE: A PESQUISA COMO
LEGITIMAÇÃO DO LÓCUS
DE ENUNCIÇÃO DOCENTE**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.785.34-55

RESUMO

Quais são as contribuições para construção da identidade docente inferidas pelo uso da memória e dos relatos de história de vida? Pretendemos provocar reflexões sobre as contribuições do uso das histórias de vida na formação e construção da identidade docente. A memória é um recurso paradoxal, que se esquia da lógica cartesiana, pois, é avito ao mesmo tempo em que é atual. Estudos baseados nas histórias de vida permitem o resgate de experiências e contribuem para a construção da identidade.¹

Palavras-chave:

Pesquisa. Formação Docente. Educação. História de vida. Identidade docente.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

1. Esta pesquisa foi fomentada pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC. Agradecemos a Lupa Assessoria pelo incentivo à esta pesquisa.

INTRODUÇÃO

Lembra aquela vez...? Quantas das nossas melhores conversas são introduzidas com essa simples pergunta de três palavras? Tal proposição poderia ainda ser reduzida a duas palavras - Lembra quando...?- e, ainda assim, traria a tona inúmeras memórias. Nossa história de vida é registrada em nós por meio de memórias, somos por elas constituídos, não importa quão tenra for a idade, sempre existirá algo para ser lembrado, a vida inteira, desde o nascimento até a morte, pode ser narrada, transformando-se em um história (ARENDETT, 2007), mas, quanto mais velho nos tornamos, mais histórias temos para contar (BONZAN, 2016), logo, inferimos que, quanto mais histórias para contar mais vida foi vivida.

À medida que compromete-se na busca constante de ressignificar o espaço escolar objetivando de alguma forma melhorar esse espaço de vivência coletiva, a pesquisa em Educação torna-se uma pesquisa viva; tal proposição encontra amparo no pensamento de Berger (1992), para ele, o papel das Ciências da Educação é investigar o saber de que as pessoas possuem, e não o de produzir saberes sobre as pessoas coisificadas, nesse sentido entendemos que, a educação escolar torna-se significativa para o educando, quando o mesmo não se sente apenas receptor e sim parte do processo, e isso se dá a medida que sua história de vida é valorizada.

Assim, para justificar a escolha deste tema de pesquisa, com mais fidedignidade, seria necessário visitar um pouco do

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

passado de cada docente que compõe o complexo processo que chamamos de educação; de cada criança, jovem ou adulto que integra a coletividade humana que chamamos de corpo discente. Ciavatta (2009) nos elucida que a emancipação humana se faz na totalidade das relações sociais, ali mesmo onde a vida é produzida. Portanto, um fazer científico que preze o objetivo fundamental de transformação da realidade social, com vistas a desejável melhoria da vida dos sujeitos que a integram (GAMBOA, 2012), jamais deveria desconsiderar o lócus de produção dos registros de existência desses sujeitos, qual seja, a memória, pois:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a História, uma representação do passado (NORA, 1999, p. 95)

Pela colocação da autora, atentamos que a memória é um recurso paradoxal, que se esquia da lógica cartesiana, pois é avito ao mesmo tempo em que é atual. Tal característica pode estar entre os atributos desencadeadores da aversão de alguns pesquisadores orientados pela lógica tradicionalista. No entanto, coadunamos com a proposição de Larrosa (2002), cujo alerta está para o fato de que:

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões como “reflexão crítica”, “reflexão sobre prática ou não prática”, “reflexão emancipadora” etc. (p. 12)

A utilização da história de vida como instrumento de coleta e análise de dados dentro da metodologia de história oral na área da educação é algo recente, que vem ganhando destaque no cenário da pesquisa na área de educação. No entanto, a coleta de dados por meio dos relatos de histórias de vida, muitas vezes foi e é objeto de polêmica no meio acadêmico devido, a possibilidade de ocorrência do que Farias (1994) chamou de seletividade. Podemos aproximar as desvantagens elencadas por Lakatos (1999) nas pesquisas de campo com a coleta de memória oral- a medida que pode ser é uma pesquisa de campo; Conforme a autora estão entre as desvantagens:

Pequeno grau de controle sobre a situação de coleta de dados e a possibilidade de que fatores desconhecidos para o investigador possam interferir nos resultados. Comportamento verbal pode ser relativamente de pouca confiança pelo fato de os indivíduos podem falsear suas respostas. (p. 88)

Dentre as vantagens dessa abordagem a autora elenca o acúmulo de informações com possibilidade de análise comparilhada e, a facilidade na obtenção de uma amostragem.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Sem querer aprofundar a discussão acerca da legitimidade dos métodos de validação, muito menos exprobar o pensamento da autora, que diga-se de passagem usufrutua de nossa cabal fascinação, nos sentimos encorajados, pela própria autora inclusive, à tecer inquirições pois, ao versar sobre os conteúdos veiculados nos artigos científicos, ela nos elucida que está “o enfoque contrário ao já conhecido” (LAKATOS, 1999, p. 236).- e, fazendo modestamente uso do princípio Socrático, de ser verdadeiro e assim se revelar, questionamos, com a devida frugalidade de um iniciado, qual a função da pesquisa se não, a busca por aquilo que nos é desconhecido? Não seriam as interferências, dos fatores desconhecidos nos resultados, também um achado?

Quando buscamos tal dado relato de memória, nossa pesquisa se volta, também, para a compreensão de como a narrativa da memória é construída pelo sujeito pesquisado, de que maneiras ele identifica a si e ao outro, de que jeito ele reconhece os elementos e pessoas que partilham da realidade social do contexto em que está inserido; é possível tentar identificar quais as formas e estruturas do pensamento a que ele recorre para exteriorizar linguisticamente tais concepções. Ou seja, queremos dizer que, nessa perspectiva, busca-se compreender o discurso do sujeito a partir do que o sujeito entende de si.

Segundo disserta Jenkins (1996) as identidades não são inatas, não nascem conosco, precisam ser construídas e esta construção passa pela interação com o outro, pois só a interação social permite viver em sociedade. Por entendermos que a identidade se constrói na relação com o outro, acreditamos

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

justificar a intersecção entre identidade docente e história de vida, afinal, “abordar a identidade implica, necessariamente, falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo” (CATANI E BUENO, 2000, p.168).

Diante da argumentação já tecida, pretendemos então, com base nas obras de Bueno (2006), Le Goff (1990), Pollak (1992), Polon (2009), Silva, Sirgado e Tavira (2012), Silva e Silva(2006) e Soares (2006), responder a seguinte indagação: quais são as contribuições, para construção da identidade docente, inferidas pelo o uso da memória, dos relatos de história de vida referentes às experiências do cotidiano escolar?

Sendo assim, o presente estudo toma por objetivo principal, provocar reflexões em torno das contribuições que a história de vida relacionada às memórias escolares, impressa nas recordações e no exercício de lembrá-las, pode ter na formação e construção da identidade docente. Para facilitar a compreensão e incitar abordagens futuras a respeito das temáticas aqui colocadas em evidência, será abordado o conceito de memória, a relação entre memória e história, e por fim a contribuição das histórias de vida na construção da identidade docente.

Após essa breve introdução discutiremos como os conceitos de história e memória se entrecruzam; na sessão posterior verificaremos como tais conceitos se ramificam na constituição da identidade docente, por fim, arremataremos as ideias desenvolvidas ao longo do presente estudo às concepções autorais das pesquisadoras.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

MEMÓRIA E HISTÓRIA

Em um estudo realizado por Bueno et all (2006), intitulado: Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (BRASIL, 1985-2003), apresentou-se a crescente utilização da memória oral como instrumento de pesquisa no meio acadêmico brasileiro. Tal estudo mapeou as produções no meio acadêmico científico que abordaram os temas: histórias de vida, autobiografias, memórias, lembranças, depoimentos orais, narrativas relacionados às pesquisas na área de formação de professores e profissão docente.

Cada área do conhecimento tem seu prisma próprio ao estudar a memória. Os mecanismos de funcionamento da memória humana são complexos, o estudo da memória remeterá a algo multifacetado já que a definição de memória está atrelada a concepção de cada área em que será estudada.

Para Le Goff (1994, p.423) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. O indivíduo então por meio de sua memória tem a possibilidade de armazenar e manusear informações, fatos e acontecimentos, mas nem tudo fica armazenado.

Não existe apenas uma memória, mas várias formas de memórias que interagem entre si para formar a memória que utilizamos no cotidiano. As memórias podem ser diferenciadas de acordo com o tempo que duram ou a bagagem que contém.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA lugares de enunciação E MEMÓRIA SUMÁRIO



Algo a ser destacado é a intrínseca relação entre memória e história, segundo Silva e Silva (2006) “a memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com monumento e com a oralidade”.

O estudo da memória dentro do campo da historiografia é recente, e os estudos principais estão relacionados à História Oral, como afirma Silva e Silva (2006), “quando os historiadores começaram a se apossar da memória como objeto da História, o principal campo a trabalhá-la foi a História Oral”, campo esse em que muitos estudiosos tem se dedicado a distinguir as formas de memória existentes e, saber como ela atua na nossa percepção do passado e do presente.

Para distinguir a história da memória Silva e Silva (2006), apresentam argumentos para facilitar a compreensão e distinção como é possível observar nessa fala dos autores: “a memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a História trabalha com o que a sociedade trouxe a público”.

A história de vida remete extrinsecamente e intrinsecamente a uma vivência humana. De acordo com Bourdieu (1996):

Falar de história de vida é pelo menos pressupor e isso não é pouco que a vida é uma história e que [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. [...] Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis,

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (p. 183 e 184)

Conforme já expomos, há contestações a respeito da utilização da memória como documento histórico, já que a memória se refere a fatos vivenciados ou repassados e a história remete a acontecimentos distantes. Sobretudo Le Goff (1994, p.426) afirma que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.”.

A publicação do livro Raízes, do escritor afro-americano Alex Haley, caracterizou-se como um marco ao colocar em evidência a memória como um fator que exerce grande influência na construção das identidades, em sua obra o autor compartilha o passado de sua família através das memórias coletivas repassadas de geração para geração (SILVA; SILVA, 2006).

De acordo com Pollak,

Podemos portanto dizer, que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.5).

Sendo assim, a memória desempenha um papel importantíssimo no estabelecimento da identidade individual e coletiva,

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

uma vez que reafirma e acopla “elementos” que contribuirão na elaboração, reafirmação ou reflexão sobre da identidade.

A memória pode ser coletiva ou individual, ambas estão expostas a transformações, variações e alterações. Para os historiadores a memória coletiva é a que desperta maior interesse de estudo, por ser composta por lembranças vividas ou apropriadas pelo indivíduo, essas lembranças apropriadas se referem a fatos repassados, que compõem a memória coletiva de um grupo, uma comunidade ou uma sociedade. Esse tipo de memória revela a função social que a memória exerce na sociedade.

A história é produto de um coletivo de memórias que se cruzam e que por vezes se desencontram. Le Goff (1994, p.477) confirma a relação estreita entre a memória e história ao mencionar que “a memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

A abordagem da memória coletiva iniciou seu desenvolvimento com o trabalho acerca da memória oral. Como características esse tipo de memória se atém a lembranças do cotidiano, raramente faz alusão a fatos históricos evidenciados na historiografia, tem como fundamento apenas acontecimentos considerados mais relevantes e simplifica o tempo em presente e passado.

Esse exercício de memória oral é realizado costumeiramente por povos que não utilizam à escrita, como por exemplo: algumas tribos indígenas, africanas, algumas comunidades surdas. Em sociedades que utilizam à escrita, essa memória

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

oral passa a ser documentada, em sua maioria, através de registros escritos, no entanto a prática se mantém através dos contos e das narrativas tecidas entre os sujeitos que compartilham experiência cultura. Sobre o registro da memória oral para a memória escrita, destacam Silva, Sirgado e Tavira (2012, p. 269) que “entre as produções, que marcam a memória estruturada e textos, destacam-se: as cartas de viajantes, os diários de meninas, as biografias de heróis (reais ou imaginários), as autobiografias e os memoriais.”

De acordo com o proposto na introdução, ao refletir sobre memória e história nesta sessão, intentamos abordar a relação entre ambas. De agora em diante, buscaremos captar, mais detalhadamente, como as memórias são expressadas nos relatos orais temáticos que compõe as histórias de vida docente; com tal organização pretendemos identificar as principais contribuições dessas recordações para a construção da identidade docente.

HISTÓRIA DE VIDA E IDENTIDADE DOCENTE

A história oral pode ser definida como metodologia de pesquisa e assim como outras metodologias, seja dentro do princípio quantitativo ou do qualitativo, possui instrumentos próprios para coleta e análise de dados. Soares (2006, p.2) chama atenção a respeito do uso recente da história oral como metodologia nas pesquisas ao afirmar que: “é interessante observar que, no contexto das pesquisas no campo das Ciências

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Humanas, a articulação da educação com a história oral só mais recentemente tem sido trabalhada”.

A história de vida é um instrumento utilizado para coleta de dados, que possibilita ao pesquisador estabelecer certa proximidade com seu entrevistado. Porém, é preciso ter cautela para conduzir uma entrevista, conforme sinaliza Bourdieu (1996, apud SOARES, 2006, p. 4) “cabe ao pesquisador a atenção e critérios para não cair na tentação de condução da entrevista para uma narrativa que confirme as hipóteses ou objetivos da pesquisa”. Faz-se necessário, então, que o pesquisador tenha uma postura ética diante do objeto de pesquisa, para gerar informações mais próximas da realidade possível. Segundo Gauthier (1987), a ética perpassa todo o processo investigativo. Diz respeito desde a simples escolha do tema ou da amostra, ou ainda, dos instrumentos de coleta de informações. Estas opções exigem do pesquisador um compromisso com a verdade e um profundo respeito aos sujeitos que nele confiam. Da mesma forma, a análise das informações e a produção das conclusões exigem do pesquisador cuidado ético.

Tal pretensão parece nos situar em um movimento onde buscou-se racionalizar a produção do conhecimento humano. Nesse contexto racionalizar significa “ estender ao gesto do homem as mesmas preocupações de precisão e economia que no uso da máquina” (WALLON, 2010, p. 46).

Muito fala-se da necessidade de conservar a imparcialidade no momento da elaboração das questões bem como gestos, expressões faciais ou corporais que dêem ao entrevistado

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

qualquer sinal, que o induza a responder os questionamentos que lhe estão sendo imputados, pelo pesquisador, tais posicionamentos são fundamentais para assegurar a obtenção de respostas neutras que não sofreram a influência do pesquisador. Porém, tal pensamento parece estar fundamentado primordialmente em uma concepção superficial da ciência e da pesquisa. (GAMBOA, 2012). Captar uma história de vida dentro dessa perspectiva nos remete ao que Arendt (2007) citou como os incessantes empreendimentos dos seres humanos em dominar os segredos da vida para reproduzi-la artificialmente.

Os diferentes modelos de investigação se fundamentam em diferentes perspectivas gnosiológicas. Cabe ao pesquisador compreender a teoria do conhecimento com a qual está trabalhando quando investiga pois, criamos uma relação cognitiva entre sujeito e objeto quando produzimos conhecimento em ciências da educação (GAMBOA, 2012). De acordo com o autor:

o pesquisador não é axiologicamente neutro; como cidadão de sua época e de uma determinada sociedade, como ser político, como homem de sua época e também sujeito da sua história, deve ter consciência clara dos interesses que comandam seu fazer investigativo. Portanto não deve poupar esforços para esclarecer as implicações filosóficas e ideológicas de suas opções epistemológicas. (p.23)

Ao encontro dessa perspectiva estão as ideias de Bakhtin (2003) para quem as pesquisas em Ciências Humanas se encontram em oposição às demais ciências, cujo estudo está centrado no que está morto; para o autor o que é pesquisado

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

em ciências humanas é o Outro, um outro que possui um saber sobre si, logo o seu contato com o pesquisador não pode ser outra coisa, se não dialógico. Para Bakhtin (2003) “a interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinidade dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica nas ciências exatas.” (p. 399).

Não queremos nos referir que a pesquisa deva se tornar uma atividade sem critérios, mas que ela se compõe de um todo lógico que articula vários fatores para adquirir sentido; que por sua vez se produz em condições histórico-sociais, que faz dessa atividade parte de um processo maior da produção do conhecimento humano.

A unidade entre o lógico e o histórico é um importante princípio metodológico da construção do sistema de categorias, às quais deve refletir de forma específica toda a história de sua formação e evolução. (GAMBOA, 1996, p. 35).

A riqueza da utilização da história de vida na formação docente consiste no fato de possibilitar aos docentes trazerem a tona a suas memórias, reviverem momentos, para então reconhecer a sua identidade docente como fruto de suas experiências vividas relacionadas à educação ou ao processo de inserção na carreira docente, tomando assim consciência de si. Conforme nos esclarece Larrosa (2000):

A experiência requer: parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

devagar, escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, dar-se tempo e espaço. (p. 35).

Nas palavras de Pollon (2009, p. 1224) ao narrar sua história de vida, o professor poderá utilizar essa auto-reflexão para (re)planejar ações futuras, tendo em vista seu desenvolvimento profissional e pessoal. As experiências reveladas através do exercício de resgatar e relatar sua história de vida, oferta ao docente a oportunidade de práxis. Ou seja, rever suas práticas, e a partir dessa rememoração continuar a desenvolvê-las da mesma forma ou modificá-las pois :

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2002).

Tal pensamento firma raízes em uma visão de experiência como encontro com algo que se experimenta, o sujeito da experiência está, portanto, exposto, aberto à sua própria transformação. (LARROSA, 2002).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A história de vida como instrumento de pesquisa tem estado recentemente em evidência, vem ganhando cada vez mais espaço no campo acadêmico, o caráter formativo desse instrumento tem sido apontado por alguns autores, como por exemplo, é possível constatar na fala de Pollon (2009):

[...] o sujeito ao reconstruir seu itinerário de vida realiza uma reflexão quando rememora o seu passado e a partir disso toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método, reside nessa tomada de consciência de suas experiências sejam elas negativas ou positivas, as quais possibilitam rever certos pontos de atuação enquanto professor. (p. 1223).

O exercício de trazer a tona experiências acerca da vida cotidiana, vivências escolares e práticas pedagógicas desenvolvidas, revela que as lembranças que giram em torno da interação com outras pessoas são carregadas de significados, se manifestam de maneira mais marcante. É o que reforça Catani e Bueno (2000, apud POLON 2009, p. 1224), ao dizer que: “as recordações mais significativas são aquelas que carregam significados adquiridos em sua vida prática, na maioria das vezes, nas relações de interação com os outros”.

Outro ponto que merece destaque é que o registro escrito do relato das experiências docentes, têm a possibilidade de servir como referência para práticas a serem compartilhadas por outros docentes, independente da sua fase de investimento na carreira.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Conforme destaca Polon ao dizer que:

[...] os estudos centrados em histórias de vida possibilitam o resgate de experiências e práticas pedagógicas, as quais ao serem relatadas/registradas através das autobiografias podem servir como parâmetros para outros professores. (POLON,2009, p.1224)

Diante das colocações feitas nesse artigo pode-se dizer que a identidade docente se constitui da união de elementos que ao revisitar as lembranças emergem, esses elementos giram em torno da prática pedagógica, da reflexão e (re)planejamento das ações futuras que serão desenvolvidas em sala de aula e na escola enquanto docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pautou-se na reflexão acerca das temáticas em torno da contribuição dos relatos de história de vida de docentes e sua influência na construção da sua identidade profissional dos professores.

Para chegar ao instrumento de coleta de dados denominado história de vida foi necessário entender primeiramente que a memória pode ser definida como a capacidade de armazenar/revisitar acontecimentos passados ou interpretados como tal, e que está diretamente conectada de forma intrínseca com a história.

Foi elucidado através da contribuição de diversos autores, que a história de vida é um instrumento utilizado para coletar dados, dentro da metodologia de história oral. que a utilização da história oral como metodologia de pesquisa para coleta e análise de dados, vem ganhando espaço no mundo acadêmico e especificamente nas pesquisas da área da educação na perspectiva da formação da identidade docente. Destacamos também, que os relatos orais a respeito do cotidiano escolar realizados pelos professores tem se mostrado como uma fonte valiosa e que o exercício de rememoração das situações vivenciadas contribuem efetivamente para a formação da identidade docente.

Durante exercício de recordar e relatar as histórias de vida tendo como temática as lembranças escolares, os docentes têm a possibilidade de refletir sobre suas experiências e práticas pedagógicas, avaliar as que deseja continuar a desenvolver ou as que precisam ser repensadas, construindo nesse processo de revisitação sua formação e sua identidade.

Na formação docente o exercício de rememorar práticas ou simplesmente acontecimentos que giram em torno do cotidiano escolar e do ensino, poderá provocar reflexão crítica acerca das metodologias e estratégias desenvolvidas em sala de aula. Essa reflexão contribuirá no processo de formação da identidade do professor impressa nas suas ações durante suas aulas.

Aponta Polon (2009, p. 1230) “que a pessoa se forma mediante a compreensão de sua própria trajetória de vida, desse modo a rememoração pode contribuir com as novas interpretações no fazer docente”.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Nesse sentido, o cunho formativo que as histórias de vida relacionadas à escola, exercem sobre os docentes, tem feito com que esse instrumento conquiste espaço no meio acadêmico e sua utilização se torne cada vez mais evidente nas pesquisas relacionadas à formação e identidade docente.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGER, Guy. A investigação em educação modelos socioepistemológicos e inserção institucional. In: *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 28, 2009, 175-192. Porto, Portugal.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996b.

BUENO, Belmira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, maio/agosto. 2006.

CATANI, D. B.; VICENTINI, P. P. *Minha vida daria um romance: lembranças e esquecimentos, trabalho e profissão nas autobiografias de professores*.

CIAVATTA, Maria. *Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação de trabalhadores (60-1930)*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA lugares de enunciação E MEMÓRIA SUMÁRIO

GAMBOA, Silvio Sánchez. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. Ed. Chapecó: Argos, 2012.

GAUTHIER, B. (org). *Recherche sociale*. Québec (Canadá): Presses de l'Université Du Québec (Canadá), 1987.

FARIAS, Ignez Cordeiro de. Um troupiér na política: entrevista com o general Antonio Carlos Muricy. FERREIRA, Marieta de Moraes. (coord.). In: *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

JENKINS, Richard. *Social Identity*. Londres: Routledge, 1996.

LARROSA, Jorge Bondiá. Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. n.19 Nº 19, Rio de Janeiro: ANPED: Autores Associados, jan/fev/mar/abr, 2002. p. 20-28.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração e análise e interpretação de dado*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

NORA, P. (1999) *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. (Y A. Khoury, Trad.). *Projeto História*, 10, 7-28.

PENNA, Rejane Silva. *Fontes orais e historiografia: avanços e perspectivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

POLON, Sandra Aparecida Machado. As histórias de vida na formação de professores. In: *IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Outubro, 2009.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

SILVA, Daniele, N.H; SIRGADO, Angel. P; TAVIRA, Larissa V. Memória, narrativa e identidade profissional: analisando memoriais docentes. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol.32, n.88, p.263-283, set.- dez. 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. Ed. Contexto – São Paulo; 2006.

SOARES, Ana Paula Taveira Soares. Possibilidades da história oral na pesquisa sobre saberes docentes. In: *XII Encontro Regional de História ANPUH-Rio de Janeiro*, 2006.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO



03

FRANCISCO ISAAC DANTAS DE OLIVEIRA

**A CULTURA EM FRANS POST:
CIDADE, ENGENHO
E MUNDO ANTRÓPICO**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.785.56-98

RESUMO

O texto reflete sobre a construção visual dos aspectos humanos/culturais na paisagem do artista holandês Frans Post. A paisagem americana passou a compor o imaginário do social holandês no século XVII. O olhar europeu (holandês) sobre as possessões conquistadas no Novo Mundo era carregado de exotismo e imaginação, para compreender tal visão é relevante estudar as pinturas de paisagens que foram erigidas por Frans Post no seu regresso à Holanda, entender a noção de paisagens urbana, antrópica e social que os neerlandeses tinham quando pensavam sobre a colônia holandesa na América. Vamos utilizar primordialmente como fonte (visual) de pesquisa cinco telas: Vista da Sé de Olinda (1662), Engenho (1661), Engenho (1660), Vista da cidade Maurícia e do Recife (1653), e Paisagem com rio e tamanduá (1649). Buscaremos trabalhar com uma metodologia que privilegie a leitura de fontes primárias visuais e textuais, estas representações textuais e pictóricas refletem o olhar colonizador seiscentista dos temas da história colonial da América que vamos chamar aqui de holandesa.

Palavras-chave:

Paisagem, Arte, Frans Post, Brasil colonial, Brasil holandês.

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

“Seguindo cerca de 53 léguas, encontrei todo um país que, penso eu, dificilmente seria superado em amenidade e moderação do céu. Quando jornadeava, nem me incomodou o calor diurno nem o frio noturno, conquanto às vezes se arrepiasse o corpo. Rasgam-se planícies numa extensão de dez milhas a fio, regadas por cursos d’água temporários e por arroios que afluem tranqüilos. Aqui e ali vagueiam animais, que pastam em manadas de 1500, 5 mil, 7 mil cabeças. Pasmei; e não acreditaria nestas maravilhas se não as contemplasse com estes olhos. Só de habitantes carece a terra; e pede colonos para povoar e cultivar seus desertos.”

João Maurício de Nassau-Siegen,
(BARLAEUS In E. C. de MELLO, 2010, p. 165).

Neste artigo pretende-se analisar algumas telas de Frans Post, privilegiando as cenas onde vemos a presença marcante da cultura. Post pinta os colonizadores europeus e suas construções, vilas, cidades e engenhos. Vamos, ainda, estudar o desenho intitulado Bela Vista que mostra uma vista panorâmica dos centros urbanos coloniais (Maurícia e o Recife), feito para o livro escrito por Gaspar Barlaeus.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO



Figura 1 - Paisagem com rio e tamanduá. 1649. Frans Post. Óleo sobre Madeira. 53 x 69,4 cm. Alte Pinakothek, Munique.

Eis a paisagem do “mundo colonial”. Na figura 1 que se chama Paisagem com rio e tamanduá, podemos identificar todos os principais elementos aos quais Frans Post recorre para representar seu mundo colonial. O pintor oferece ao espectador, desta tela, uma mata nativa com o tamanduá no primeiro plano; as pessoas que vivem na colônia estão aí; as construções coloniais podem ser vistas nas colinas, o espaço rural de Pernambuco com uma extensa várzea com o espelho do rio refletindo o azul do céu.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A tela é um ótimo exemplo do poder que a iconografia tem para dar significados aos nossos sentidos e a nossa imaginação. Do horizonte, nosso olhar pode percorrer dois caminhos, pelo céu azul de um tom claro e agradável, e, por terra, onde a natureza e a cultura são mais evidentes.

Nas colinas à direita as construções como engenhos e casas são bastante familiares à visão do espectador. Logo embaixo, o rio perene enche o olhar de tempos de fartura, podemos dizer que existe água abundante para a plantação e o escoamento da produção da cana-de-açúcar, a várzea está verde e a paisagem que se desenrola é tranquila.

Tranquilidade que podemos sentir no sossego da personagem que está sendo carregada por dois escravos na liteira, provavelmente é uma mulher que está na rede.

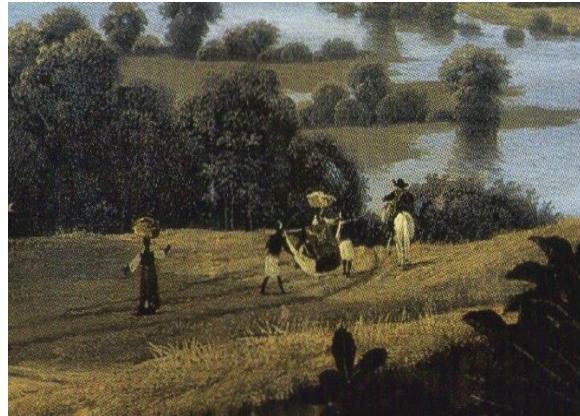


Figura 2 - detalhe do quadro Paisagem com rio e tamanduá. 1649. Frans Post. Óleo sobre Madeira. 53 x 69,4 cm. Alte Pinakothek, Munique.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Abrindo caminho está o homem branco (provavelmente o marido da senhora), o senhor de roupas pretas montado no cavalo branco é o líder da comitiva. Será esta cena uma comitiva de visitação dominical a seus familiares em outras fazendas?¹ O casal segue por uma estrada carroçável que os leva aos engenhos situados nas colinas. Prestando mais atenção podemos ver duas escravas que têm em suas cabeças cestos de palhas, talvez aí carreguem mantimentos e utensílios úteis para o casal.

A imagem é tão significativa que (quase) podemos sentir a maciez das roupas femininas, podemos ver o branco do algodão cozido das calças dos escravos e quase podemos sentir a sensação do calor insuportável que deve sentir o senhor de preto sob o sol da colônia. A claridade proposta por Post, no quadro, denuncia uma manhã de sol forte, podemos assim imaginar o calor que o homem deveria estar sentindo.

Uma “cerca viva” de vegetação separa os espaços e protege o tamanduá, ele é representado no quadro de tal jeito que a realidade se destaca no quadro. Ele anda despreziosamente pela terra.

À direita podemos ver o cacho de bananas, ainda verdes, dependurados na bananeira, suas folhas viçosas se espalmam quase como se fosse uma flor; a palmeira macaúba é descrita de tal forma realista que o seu tronco tem uma textura palpável às nossas mãos, a abundância de seus frutos é percebida pelos cachos de coquinhos.

1. A prática de visitar os familiares em outras fazendas também foi representada por Jean-Baptiste Debret em suas aquarelas durante sua estadia na capital imperial Rio de Janeiro no século XIX.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

A posição do espectador em relação à imagem é privilegiada. Somos testemunhas oculares dessa cena, estamos logo atrás dessas pessoas, também estamos a caminho dos enghos e em breve vamos passar pela mesma estrada².

A paisagem que Post realizou apresenta elementos naturais que possibilita ao espectador o reconhecimento do mundo natural por meio do rio, da mata e do tamanduá; é também humana e cultural quando pinta homens e mulheres numa atividade social. Por meio das nossas referências culturais somos capazes de reunir, sob nosso olhar, toda a dimensão do lugar e o que ele suporta para definir – este mesmo – espaço como sendo colonial. Sendo assim, certificamos que a imagem carrega conceitos verídicos. “A verdade pela imagem”³.

Segundo Panofsky a experiência prática com imagens garante uma maior cumplicidade do espectador com a análise iconográfica, outra razão plausível para considerar:

A análise iconográfica, tratando das imagens, estórias e alegorias em vez de motivos, pressupõe, é claro, muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática. Pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos, tal como são transmitidos através de fontes literárias, quer obtidos por leitura deliberada ou tradição oral. (PANOSFKY, 2001. p. 58).

2. “O artista inaugura aqui o estilo da distribuição de elementos da paisagem exótica que usará com variantes a partir de 1650, e que nesta composição ainda tenta corresponder de perto à realidade observada in loco por Post” (LAGO, 2006. p. 126).

3. “Assim, concebo a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estado da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar. (...). Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise.” (2001. p. 54).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Espectadores da obra de Frans Post, brasileiros e holandeses são capazes de reconhecer o espaço representado por este artista. Pelas imagens deste, a paisagem colonial da América foi conhecida pelos holandeses contemporâneos de Frans Post e é reconhecível e próxima do nosso tempo, tanto para o holandês como para o brasileiro, por meio de um passado compartilhado. Tomando o exemplo de Panofsky, seria muito difícil para um chinês reconhecer o espaço colonial americano e exótico das paisagens de Post. O que poderia chamar mais a atenção do estrangeiro são os animais estranhos e exóticos que este não conhece na fauna local chinesa. Logo, classificar e reconhecer os temas propostos por Frans Post estaria fora de cogitação da análise do chinês⁴.

A CIDADE NA PAISAGEM DE FRANS POST

Em 1630 as milícias holandesas chegam a Olinda “(...) os holandeses da frota da Companhia das Índias Ocidentais tomaram a direção de Olinda e logo dela se apoderaram, instalando seu quartel-general no Real Colégio dos Jesuítas.” (MENEZES, 1999. p. 86), o historiador José Luiz M. Menezes nos conta da experiência militar e de ocupação que as tropas neerlandesas realizaram na chegada ao Novo Mundo.

4. “..., estamos, na verdade, lendo ‘o que vemos’, de conformidade com o modo pelo qual os objetos e fatos são expressos por formas que variam segundo as condições históricas.” (PANOFSKY, 2001. p. 58).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A cidade de Olinda, situada numa elevação geográfica muito comum dentro da configuração urbana do mundo ibérico português, já contava com uma boa estrutura cidadina:

Ao entrarem na Vila de Olinda, os holandeses já encontraram, sob o ponto de vista urbano, uma aglomeração definida, à maneira lusitana, com as características que se encontram em outras vilas e cidades do Brasil, com memórias de núcleos urbanos do Portugal ibérico. A vila tinha cerca de 2.000 vizinhos, alguns de grande cabedel, entre praças, arruamentos, igrejas, conventos e colégios, dispostos nas colinas, quer nas partes elevadas ou à meia ladeira, ligados por caminhos irregulares, na disposição que lembra o medieval das cidades informais. (MENEZES, 1999. pp. 86-87).

O espaço urbano de Olinda, quando da invasão neerlandesa na capitania de Pernambuco, já era considerado bom. A cidade dispunha de grandes casas, arruamento, igrejas e colégios religiosos, Olinda era a capital administrativa da capitania e, como tal, gozava de status senhorial no mundo colonial. Mas os tempos de urbe senhorial estavam prestes acabar. Olinda não atendia às necessidades dos novos administradores e, segundo o próprio Maurício de Nassau, “Também é bem pouca a probabilidade de ser restaurada a cidade de Olinda, que pelo contrário vai em decadência, pois muita gente procura a ilha de Antônio Vaz para construir casas e aí habitar.” (MELLO, 2010. p. 243).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

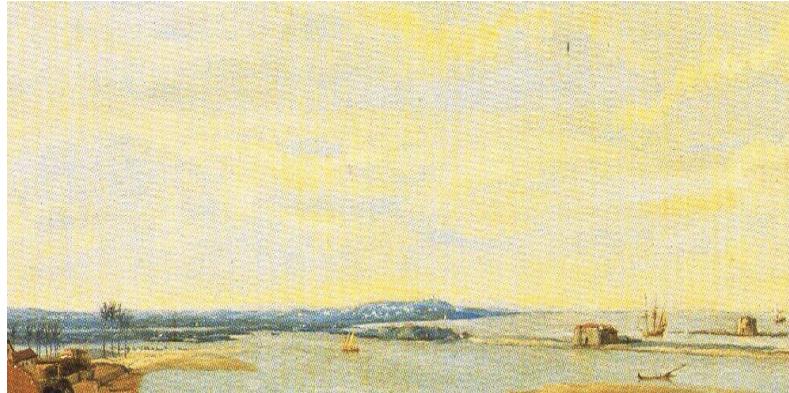


Figura 3 - detalhe do quadro Vista da Cidade Maurícia e do Recife. 1653. Frans Post. Óleo sobre madeira. 48,2 x 83,6 cm. Coleção particular, São Paulo.

Olinda pode ser avistada no horizonte da tela Vista da cidade Maurícia e do Recife (1653), sendo que sua menção visual, no quadro de Frans Post, pode ser interpretada como uma memória do que foi a cidade, um sonho urbano que fora destruído e preterido. Agora as cidades mais importantes da colônia eram Maurícia e Recife. A imagem é bastante significativa do mundo urbano colonial que o holandês construiu para si.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

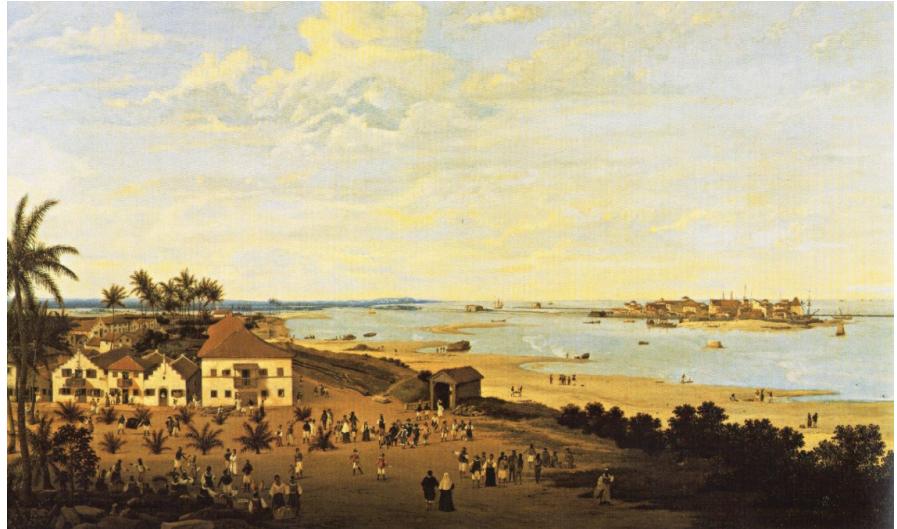


Figura 4 - Vista da cidade Maurícia e do Recife. 1653. Frans Post. Óleo sobre madeira. 48,2 x 83,6 cm. Coleção particular, São Paulo.

Em Vista da cidade Maurícia e do Recife a paisagem é bem peculiar, dentro da produção de Frans Post, pois ele estava muito mais acostumado a pintar a vida rural e natural da colônia holandesa e não os ambientes urbanos e citadinos.

Aqui, uma cena de festa mostra-nos – uma parte da – a vida da sociedade colonial. Esta é uma das principais representações que Frans Post realizou quando começou a trabalhar no seu regresso à Europa. Nesta vista urbana podemos ver uma cena popular de comemoração: “Além da Cidade Maurícia e do Recife, o quadro deve, pois, necessariamente representar algum evento numa data especial, anterior a 1641”. (LAGO, 2006. p.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

146). Pela primeira vez, Post brinda-nos descrevendo o tema da cidade como sendo o principal motivo da sua paisagem.

A tela Vista da Cidade Maurícia e do Recife (Mauritsstad e Recife) é sem dúvida uma das telas mais importantes de Frans Post, que chegou até nosso tempo. Este trabalho é um dos mais atraentes de sua obra. A provável satisfação do artista perante uma cena muito bem executada, realizada menos de dez anos após sua volta à Holanda. Existe no quadro uma riqueza de detalhes nas várias cenas apresentadas em conjunto, inseridas na precisa e ambiciosa representação da cidade, que fazem deste óleo uma obra ímpar em toda sua produção pictórica. A cidade que podemos ver oferece subsídios para entender melhor o espaço urbano e social que era vivido no século XVII na colônia americana.

Com o passar de algum tempo o Recife se constitui a sede do governo e

Transplantando-se para o Recife, os holandeses logo trataram de fortificá-lo. Para tanto empregam os conhecimentos dos engenheiros militares vindos com a frota da Companhia das Índias Ocidentais e que, baseados em mapeamentos ainda pouco exatos, vão dispor as primeiras linhas de defesa, voltadas para os prováveis ataques vindos ou pelo lado oeste, pelo istmo, ou pelo sul, desde de afogados. (MENEZES, 1999. p. 87).

Tomando a paisagem urbana como exemplo e documentação de época, percebemos que Frans Post pintou o fator cultural em vários elementos, ou seja, o homem e sua cultura estão presentes em quase todas as telas que desenvolveu aqui na

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

colônia, como também nos quadros pintados na Holanda. Para que fique claro o nosso pensamento vejamos mais um trabalho de Post, agora um desenho realizado para o livro História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil, de Gaspar Barlaeus, editado e publicado em 1647, na Holanda.



Figura 5 - Boa Vista. 1647. Frans Post. Gravura. Livro de Barlaeus, 1980.

No século XVII, o palácio da Boa Vista era sem dúvida o melhor mirante para observar as benesses urbanas, erguidas pelos holandeses na colônia. O rio Capibaribe espelha a beleza irradiante da construção. Nesta gravura, o palácio é sem sombra de dúvidas a jóia principal da colônia holandesa. Segundo Barlaeus “...o palácio da Boa Vista, muito aprazível alegrado também por jardins e piscinas.” (BARLAEUS, 1980. p. 158). A dominação do espaço selvagem pela cidade foi uma

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

transformação ímpar na vida cultural que até pouco antes era predominantemente natural; o espaço foi saneado, transformado e modificado pelo engenho holandês.

Da perspectiva do desenho podemos ver, ao fundo, a cidade Maurícia e a ilha do Recife. O palácio da Boa Vista era a residência preferida do conde João Maurício de Nassau que, segundo o humanista Barlaeus, no remanso, Nassau descansava, rodeado pela vista das suas construções e observava os mares que dominava com a força de sua frota.

O desenho de Frans Post mostra a visão numa perspectiva de quem estivesse do outro lado da margem do rio Capibaribe, assim esta era, na verdade, a ilha de Antônio Vaz. Veja o que o relato do cronista Barlaeus nos conta:

Nesta Ilha de Antônio Vaz existia não só o palácio, mas também o Museu do Conde, para o qual traziam as naus vindas da Índia Oriental ou da Ocidental, da África e de outras regiões, animais exóticos, plantas, alfaias dos bárbaros, trajes e armas, para espetáculo mais deleitoso e raro proporcionado ao conde. (BARLAEUS, 1980. p. 158).

Assim, Post brinda-nos com duas representações visuais das cidades holandesas aqui na América. Tanto no quadro a óleo, quanto na gravura do livro de Barlaeus a cidade foi o lócus privilegiado de representações antrópicas. Para tanto, Post plasmou em algumas telas o centro do poder colonial holandês, que foi a cidade do Recife. Segundo o cronista Cuthbert Pudsey:

O Recife, de um lado da região, era o principal porto para a recepção de navios, sendo muito fortificado com dois

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

fortes, um ficando numa rocha dentro do mar, no ponto de entrada da baía, cuja rocha cerca a costa não mais do que um tiro de canhão da praia. Toda a região pelo espaço de 3 ou 4 centenas de léguas é uma maravilhosa dádiva de Deus, exceto apenas nas bocas dos rios que fluem para o oceano, os quais lugares são transformados em portos desde que essa terra foi povoada pelos habitantes, para a recepção de navios, para o embarque da mercadoria, como açúcar, pau-brasil, tabaco, peles de animais e similares. (PUDSEY, 2000. p. 35-37).

Nas palavras do nosso cronista, a faixa de terra na qual o Recife estava encravada era uma dádiva de Deus. Uma terra boníssima onde, na desembocadura dos rios que deságuam no mar, era local dos portos que coligiam as riquezas de Pernambuco.

Como vimos também, Post representou em vários trabalhos a cidade mais bela da colônia, Olinda e suas ruínas.

A opinião de que Olinda é uma bela cidade pode ser constatada no documento textual de Cuthbert Pudsey⁵, no qual afirma com frequência que Olinda é “Uma cidade formosa por sua curiosa situação, de uma prazerosa perspectiva, com edifícios suntuosos, acompanhados por raros jardins com frutas e prazeres, fontes de uma água pura maravilhosa.” (PUDSEY, 2000. p. 39). Muito formosa, a paisagem da cidade de Olinda tomava de arrebate a visão do soldado/colonizador holandês.

Na cena, a vista de Olinda era uma maravilha mesmo distante. “Olinda é vista ao longe e Post a representa de forma

5. Manuscrito do soldado Cuthbert Pudsey (1629-1640) relatando suas memórias a respeito do Brasil holandês. Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

convincente apenas com pequenos pontos brancos aplicados sobre os montes azuis no horizonte.” (LAGO, 2006. p. 150). Nesta representação, pela primeira vez Olinda é coadjuvante. As cidades principais, na tela, são cidade Maurícia e Recife, que não menos deslumbra a visão do espectador.

Tudo indica que é uma cena de crepúsculo, a tarde cai e o céu toma cores douradas. As casas portuguesas junto de casas com elementos da arquitetura holandesa⁶, e ainda as casas de taipa (pau-a-pique), se mostram no primeiro plano, esta é a cidade Maurícia. A visão destas casas tem uma melhor descrição visual à luz dos inúmeros quadros nos quais Frans Post fixou a arquitetura portuguesa do período colonial⁷.

A ilha do Recife pode ser vista acima à direita. Tudo indica ser uma cena de comemoração. São tantas as pessoas que dá vontade de irmos participar do evento com os transeuntes. Negros, índios e brancos convivem e misturam-se no mesmo espaço social⁸. Uma figura singular chama a atenção, é um homem importante do governo holandês? Seria o próprio

6. “Na cidade, há alguns belos edifícios, feitos de pedra branca, talhada, a saber, os cunhais e os marcos das janelas e das portas são de cantaria talhada em quatro faces e as paredes são de pedra não afeiçoadas e presas umas às outras com boa cal, com dois ou dois e meio pés de espessura, e mais, segundo o peso do edifício. Nos mais altos, com piso assoalhado, mora-se na parte superior; o térreo é utilizado como um ou dois armazéns. Nos que só têm o andar térreo, mora-se aí mesmo, e calçam o chão com argila dura em vez de pedras.” Relato de Servaes Carpentier sobre as casas da capitania da Paraíba. Relatório sobre a capitania da Paraíba em 1635. pp. 45-46 In Fontes para a história do Brasil holandês. (MELLO, 2010. p. 262).

7. (MELLO, 2010. p. 261).

8. “Em suma, os espanhóis e portugueses, os brasilienses e tapuias, os mulatos e mamelucos, vivem quase todos entre si, à moda das impuras bestas lascivas, não obstante aqueles que se dizem cristãos terem bem visível e presente os sinais da ira e os notáveis castigos de Deus contra essa vida licenciosa e sodomítica, permitindo que, há alguns anos, os nossos se apoderassem à mão armada das suas grandes e fortes cidades.” (WAGENER, 1964. pp. 328-329 In MELLO, 2010. pp. 282-283). Para Wagener, cronista da época, o resultado da invasão holandesa na colônia americana fora um castigo pelos pecados praticados pelo livre convívio étnico que acontecia aqui na colônia.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Maurício de Nassau? Homem envolvido com a indústria do açúcar e governador do Brasil holandês, segundo N. Deer no seu “The History of Sugar” (London, 1949) “O homem mais notável de quantos já se envolveram na indústria do açúcar” (DEER, 1949 In BOXER, 1961. p. 157). O fato é que o homem está rodeado por pessoas, outro homem interrompe a evolução do séquito administrativo quando cumprimenta Maurício⁹.

O governo de Maurício de Nassau, por meio do patrocínio da Companhia das Índias Ocidentais, melhorou, ampliou e embelezou a colônia. Pelo projeto urbanístico dos holandeses, Nassau “melhorou e ampliou o Recife de então, dotando-o de novas (e pavimentadas) ruas, estradas e pontes.” (BOXER, 1961. p. 157). A fala de C. R. Boxer, historiador respeitado, é significativa para termos uma noção do mundo colonial.

Embora a imagem analisada não confirme a pavimentação das ruas da cidade Maurícia e muito menos do Recife, o imaginário social acerca do governo neerlandês nos diz que muitos cuidados foram dispensados para o Recife. Muito embora seja preciso termos consciência de que a imagem – complexa – foi realizada posteriormente às melhorias nas cidades de Maurícia e Recife, já quando Post residia em Haarlem na Holanda. É importante percebermos que a imagem (cena) representada é seminal, bem anterior às melhorias urbanísticas praticadas nas

9. “Durante a sua permanência no Brasil, rodeou-se João Maurício de um círculo seleta de 46 homens formados, cientistas, artistas e artífices, trazidos todos dos Países Baixos e tendo cada um função determinada pela qual recebia vencimentos.” (BOXER, 1961. p. 158). Outra informação para compreendermos a época é “A produção total de açúcar durante o seu governo foi calculada em 218.220 caixas, valendo 28 milhões de florins, sem falar em que, quando ele o deixou, a indústria do açúcar estava a caminho de completa recuperação”. (BOXER, 1961. p. 161).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

idades, representadas no quadro, pois trata-se de um momento passado, um instante de comemoração por algum feito que nós não sabemos qual foi. Provavelmente é uma pintura que recupera um fato passado na memória coletiva da colônia.

Vaidoso, ordenou a construção de palácios para o seu governo “Ele [Maurício] fez construir duas casas de campo na ilha de Antônio Vaz, onde fundou a nova cidade de Mauritsstad, uma das quais ficou sendo chamada, em holandês, ‘Vrijburg’, enquanto a outra recebeu o nome português de ‘Boa Vista’.” (BOXER, 1961. p.162). A figura de João Maurício de Nassau é um exemplo de príncipe europeu esclarecido e sustentado por potentados familiares, realizou uma obra fundamental na América.

A ilha de Antônio Vaz ou cidade Maurícia estava sendo planejada para o futuro, equivalente em modernidade aos projetos urbanos europeus, não ficando devendo em nada às cidades da metrópole holandesa¹⁰. Outrossim, é bom lembrar que:

Já se esboça, na Ilha de Antônio Vaz, os princípios do centro futuro do núcleo urbano quando aquele grande recinto fortificado irregular, criado entre 1631 e 1637, determina o local do grande alojamento, já se sentindo desde então, outro tipo de organização urbana, que orientará a definição das ruas, praças, etc., instalando outra memória urbana, diferente, culturalmente, daquela decorrente

10. “Desse modo, os holandeses mal se fixam e seus engenheiros e mestres de fortificação, ou simplesmente mestres-de-obras flamengos, vêm trazer para o Recife o que se tinha como novidade na Europa e a formação de cada um deles que estavam acompanhando as modificações urbanísticas então traduzidas nas ampliações de Amsterdam a partir de 1612.” (MENEZES, 1999. p. 89).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

de cidades portuguesas. Serão diretrizes resultantes da 'nova concepção' de cidade, que desde o Renascimento vem orientar os urbanistas da época, engenheiros militares, os grandes "agentes do urbanismo". (MENEZES, 1999. p. 89).

A cidade Maurícia vai desfrutar das benesses acima mencionadas por Menezes. Suas ruas seguem traçados pré-estabelecidos, existe uma organização que estabelece a ordem.

Nessa nova orientação encontra-se presente o racional, o geometrismo das cidades regulares, em face das interpretações mais singulares de Vitruvio. São cidades estelares ou em tabuleiro de xadrez, com praças centrais e secundárias nas quais as ruas se cruzam em uma regularidade que se opõe à irregularidade das cidades informais. (MENEZES, 1999. p. 89).

Assim, percebemos o primeiro choque cultural entre colonização holandesa e colonização portuguesa, pois a primeira coloniza com regras e fazem de suas cidades exemplos urbanos a serem seguidos na nova ordem colonial holandesa; a segunda não tem nenhum padrão urbanístico no tratamento e construção de suas cidades coloniais¹¹.

Isso pode ser percebido a partir da fonte iconográfica que estamos analisando. A imagem é bem clara na ideia que a

11. Alguns autores defendem que o padrão urbanístico luso não era estético, mas funcional. O modo português de fundar vilas e cidades era também um padrão e não apenas um crescimento desordenado. Isso faz parte dos mitos urbanísticos popularizados por Sergio Buarque de Holanda que dizia o crescimento espontâneo das cidades portuguesas seria um sinal de ausência de padrão racional urbano. Para saber mais ler o texto de Betina Schürmman "Urbanização colonial na América Latina: cidade planejada versus desleixo e caos" 1999.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

cidade Maurícia segue uma ordem lógica e geométrica, na construção de suas ruas, onde o traçado reto e amplo proporciona um espaço claro e ordeiro nas construções da cidade; enquanto a ilha do Recife, impedida de crescer por limitações espaciais, é um amontoado de casas, cidade mais antiga e de clara influência portuguesa, suas ruas não seguem o padrão Renascentista que ora estava em voga em cidades como Amsterdam, Madrid e Florença; o padrão Renascentista favorecia uma cidade com ruas ao estilo xadrez, grandes praças, era uma racionalidade urbanística para uma nova sociedade, a burguesia mercantil. “Assim, o primeiro choque de culturas vem se dar na nova forma de conceber o núcleo urbano, em contraponto com a maneira adotada pelos portugueses no Brasil.” (MENEZES, 1999. p. 89).

A análise iconográfica, embora mostre-nos pequenas cidades, a urbes segue em franca expansão. A ilha do Recife é densamente construída por prédios e casas, toda cercada e fortificada¹². Ao fundo, podemos ver os mastros dos navios ancorados no porto natural. Segundo Barlaeus:

Maurício, depois de ter muitas vezes examinado os portos e os inúmeros lugares do Brasil abordáveis e defensáveis, julgou que este sítio [Recife] bastava sozinho para a sua própria defesa e que seria capaz de se tornar, sem grandes obras, inacessível e inexpugnável. E, para isso, aconselhou a ligação da ilha ao Recife por meio de uma ponte, facilitando o transporte do açúcar para a ilha, pois este só se podia fazer durante o refluxo da maré e não sem dano, porque amiúde eram os carregamentos atin-

12. “Tão logo se mudam para o povoado, os holandeses tratam de fortificá-lo e ampliá-lo.” (MENEZES, 1999. p. 89).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

gidos pela água e pelo respingo das ondas. (BARLAEUS, 1980. p. 155 In MELLO, 2010. pp. 241-242).

Por ser uma cidade portuária e que escoava grande parte do açúcar que era produzido na colônia, Recife necessitava de melhorias urbanísticas. Com isso, o embarque de mercadorias nos navios mercantes por meio de pontes que facilitassem o transporte da carga, foi realizado e, paralelo a isso, melhorias tinham que ser feitas para a proteção do porto contra possíveis ataques inimigos.

Sendo assim, o Recife cresceu e transformou-se numa das melhores cidades da colônia.

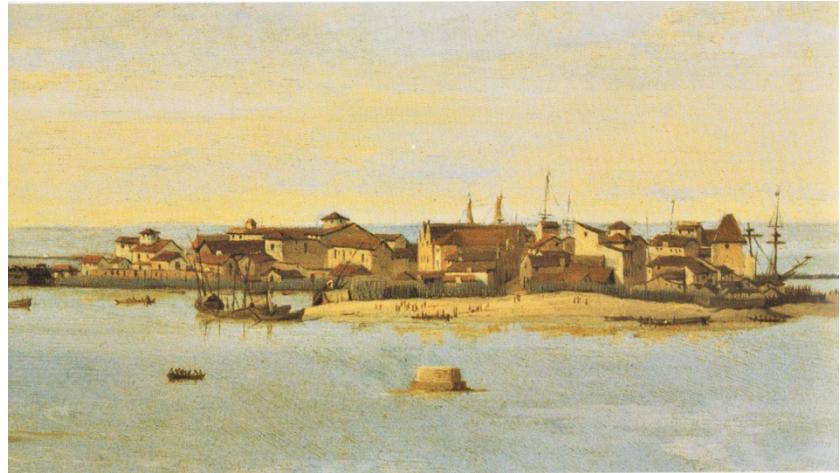


Figura 6 - detalhe do quadro Vista da Cidade Maurícia e do Recife. 1653. Frans Post. Óleo sobre madeira. 48,2 x 83,6 cm. Coleção particular, São Paulo.

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

No detalhe da paisagem observamos a destreza no acabamento das casas, a ilha do Recife é irregular no trato das ruas, mas bem executada no cuidado de suas casas. Para melhor compreender a análise, vejamos o que diz Menezes: “na arquitetura da moradia, as pinturas e desenhos do artista Frans Post, de 1637 em diante, testemunham a qualidade das construções.” (MENEZES, 1999. pp. 89-90). As telas de Frans Post são bons testemunhos para enxergarmos o estilo de casa colonial da época.



Figura 7 - detalhe do quadro Vista da Cidade Maurícia e do Recife. 1653. Frans Post. Óleo sobre madeira. 48,2 x 83,6 cm. Coleção particular, São Paulo.

Este outro detalhe mostra-nos as casas representadas por Post na cidade Maurícia. Uma cidade fica muito perto da outra,

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Recife e Maurícia se veem frente a frente diferenciadas pelo estilo empregado nas construções.

No exemplo, vemos casas com frontispício em degraus, essas são casas ao estilo batavo. Sendo assim, “é natural que, esteticamente, devesse predominar o gosto flamengo das casas de empenas em degraus, em duas águas, no telhado.” (MENEZES, 1999. p. 90). Mas notemos que na mesma imagem também é possível vermos no meio das casas holandesas, o estilo arquitetônico português: mestres portugueses e holandeses trabalharam juntos na construção de muitas casas.

Tecnicamente a mão-de-obra portuguesa pode ter se somado à dos mestres flamengos vindos para ajudar na ampliação do Recife, hábeis que eram no uso de tijolos e mais conhecedores, talvez, da sistemática de montagem, com seus carpinas, das casas e armazéns pré-fabricados, de madeira.” (MENEZES, 1999. p. 90).

Embora aja diferença pontual foi durante a colonização holandesa, no norte da América, que os estilos arquitetônicos batavos e ibéricos (português) se aproximaram e construíram cidades singulares que Frans Post mostra em suas telas “(...) Recife e cidade Maurícia, lado a lado Holanda e Portugal revelam essa ‘ordem das habitações’, resultado da ‘ordem dos sonhos’ de cada cultura.” (MENEZES, 1999. p. 90). Assim, podemos afirmar que: “Casas de pedra, com balcões de madeira, ou de taipa, vêm se somar às de tijolos e tão conhecidas nos Países Baixos, representadas em pinturas de costumes por artistas

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

como Brueghel ou outros que fixaram aspectos de aldeias e cidades do norte da Europa.” (1999. p. 90).

Na tela de Post, que ora pesquisamos, as duas cidades são separadas apenas pelo rio. A proximidade entre elas faz-se íntima. Uma cidade olha para a outra, Recife quer ser Maurícia com seus palácios e organização Renascentista, tão própria dos holandeses; Maurícia que ser Recife com a descontração de ruas estreitas, desordenadas e sem a rígida simetria do pensamento racional neerlandês. Como no reflexo de um espelho as cidades irão crescer e unir-se numa mistura de ruas, logradouros e becos.

No perfil estilístico e arquitetônico, na construção de suas casas, a cidade Maurícia era holandesa, Recife era portuguesa. Muito embora essa relação fosse mais complexa do que parece ser. Não podemos engessar o gosto individual e familiar que as pessoas tinham. Logo, vale o bom senso de sabermos que aqui na colônia nenhum conceito era rígido e estrito, as relações entre as pessoas, entre as religiões e a política eram muito maleáveis. Isso também pode ser transportado para o gosto estético na hora de decidir construir uma casa, fosse esta na cidade Maurícia¹³ ou no Recife¹⁴ seiscentista.

13. “A concepção urbana da Nova Maurícia é moderna e guarda estreita relação com as ideias novas das cidades voltadas para a burguesia.” (MENEZES, 1999. p. 100).

14. Muito pequena e com dificuldades geográficas de espaço para uma futura expansão, o Recife, é preterida e uma nova cidade será construída: “Nassau, ao chegar em 1637, encontra um Recife, uma aldeia, que cresceu em exígua faixa de terra de forma relativamente regular, mas sem condição alguma para ser uma cidade do valor que deveria ter a sede do Brasil holandês.” (MENEZES, 1999. p. 94).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Nesta pesquisa, ao falarmos de beleza e estética urbana, não poderíamos deixar de prestar atenção nas telas executadas por Frans Post quando este representa a cidade de Olinda.

A beleza urbana de Olinda fora aclamada pelos cronistas que viveram e viram a cidade, in loco, em muitas épocas. Vários foram os historiadores que sublinharam a beleza deste espaço. Mas Olinda foi castigada com a destruição do espaço citadino pelo pecado cometido por seus moradores:

[Frei] Calado vira na invasão holandesa o castigo divino pela acentuada deterioração moral da vida pública e privada. O que o Lucideno reporta no primeiro capítulo da primeira parte, intitulado 'Da origem da destruição e ruína de Pernambuco', é a história de uma queda, na acepção teológica do termo. Habitantes de um paraíso terreal, os colonos haviam sucumbido à iniquidade, sendo punidos Por Deus mediante as armas dos hereges. Antes da ocupação, Pernambuco fora "a mais deliciosa, próspera, abundante e não sei se me adiantarei muito se disser a mais rica de quantas ultramarinas o Reino de Portugal tem debaixo de sua coroa e cetro". Contudo, "entrou nela o pecado, foram-se os moradores dela, entre a muita abundância, esquecendo de Deus; e deram entrada aos vícios", que Calado discrimina: "usuras, onzenas e ganhos ilícitos", "amancebamentos públicos", "ladroíces e roubos", "brigas, ferimentos e mortes", "estupros e adúlteros", práticas judaizantes, corrupção da justiça etc. Revelada a intenção divina, o segundo capítulo passa à invasão neerlandesa, instrumento do propósito celestial. (MELLO, 2008. p. 220).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Com um fundo religioso perpassando todo o discurso do Frei M. Calado¹⁵, Olinda estava passando por “percalços” pelo pecado praticado por sua população. A invasão holandesa, na visão deste religioso, era o castigo que Olinda estava pagando.



Figura 8 - Vista da Sé de Olinda. 1662. Frans Post. Óleo sobre tela. 107 x 172,5 cm. Rijksmuseum, Amsterdã.

Na tela Vista da Sé de Olinda, que ora apresentamos, Frans Post representa um céu azul exuberante, a luz utilizada na tela nos indica um – perfeito – dia de sol. A claridade ilumina o rio na várzea onde podemos ver também uma elevação geográfica.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

15. Frei Manuel Calado, O valoroso Lucideno ou Triunfo da liberdade, 2 vls. (Recife, 1942).

Os telhados das construções católicas portuguesas são vistas nesta imagem¹⁶, mais uma vez Post representou uma cena que deveria ser corriqueira no cotidiano de Olinda e, no termo utilizado por Calado, “olindanos”, um homem branco paramentado com vestes marrons abre caminho para que os escravos carreguem uma senhora na liteira. Logo atrás, seguindo a comitiva, um senhor montado num cavalo branco, cremos que este deve ser o marido da mulher.

Bem em frente a Sé de Olinda um grupo de figuras humanas é pintado na saída da missa, provavelmente uma cena social, onde cumprimentos cordiais, ao modo católico, são dispensados pelos fiéis. Para melhor compreender o que se passa,

(...) a ruína da catedral que evidentemente ainda era usada como tal, tendo sido parcialmente reconstruída após o incêndio de 1631. O quadro mostra um grupo de portugueses deixando uma cerimônia católica, tendo à frente muitos personagens, inclusive figuras que parecem freiras, mas são provavelmente mulheres portuguesas com a cabeça coberta. Impressiona a riqueza de detalhes nesse quadro (...), pois incorpora muitos elementos tropicais. (LAGO, 2006. p. 200).

16. Numa problematização feita por E. C. de Mello sobre o assunto rural e urbano no espaço de Olinda, ele nos conta que: “No período ante bellum, o domicílio duplo havia caracterizado a vida da açucarocracia. Esta tinha então um pé no engenho, outro na vila, como se relutasse a desprender-se de todo dos modelos de existência urbana dos estratos de que procedia no Reino. Da narrativa do padre Cardim (1584) à descrição do Lucideno sobre as condições materiais às vésperas do ataque batavo, salta à vista o gosto de ostentação, o consumo conspícuo, que denota a persistência desses modelos em Pernambuco. (...) É revelador o contraste entre a arquitetura doméstica olindense e a rural, das casas-grandes, no tocante à qualidade do material de construção, a primeira definida pela nobreza da pedra, do tijolo, da telha; a segunda, pela rusticidade da madeira, da taipa, das folhas de palmeira. São residências, as retratadas por Frans Post, mas erguidas antes da ocupação holandesa, que sugerem o absenteísmo sazonal dos proprietários, o provisório de residências secundárias, habitadas apenas durante os meses de moagem em que se fazia indispensável a presença do senhor, que frequentemente se deslocava sozinho, deixando a família no conforto da casa de Olinda.” (MELLO, 2008. p. 223).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A Sé (Catedral de Olinda) está destruída, mas ainda é utilizada como templo religioso. O espaço sagrado é preferido para rememorar os tempos de uma Olinda exuberante no imaginário colonial, pois “(...), no campo da arquitetura, para fins religiosos, as igrejas e conventos de Olinda, onde destacaríamos a velha Matriz, a Igreja dos Jesuítas, com seu imenso colégio e a mole, enorme, inacabada, do Convento dos Carmelitas.” (MENEZES, 1999. p. 89). São esses espaços de memória para a vida religiosa de uma Olinda que se constitui em muito por ser uma cidade eclesiástica.

A cena é diferente e exótica, pois mostra destroços e vestígios arquitetônicos de uma cidade que, mesmo sucumbida pelo opressor holandês (na visão portuguesa dos fatos), ainda é bela.

Anteriormente à invasão holandesa, Olinda era segundo Evaldo C. de Mello “... burgo ante bellum, habitavam mercadores, dignidades eclesiásticas, funcionários régios, militares, artesãos, e também proprietários rurais, de vez que a açucarocracia ainda não se ruralizara inteiramente.” (MELLO, 2008. p. 222). Cidade influente por todo território do norte da colônia, Olinda era a cidade escolhida para morar da maioria dos “homens de bem”, famílias aristocráticas e sede religiosa católica. Depois da conquista de Olinda e posterior destruição por parte dos holandeses¹⁷, o Recife fora escolhida como sede administrativa do governo neerlandês.

17. “Incendiada em 1631, a Vila de Olinda somente renasceria das cinzas lentamente e, com maior intensidade, após 1654, ao término da aventura holandesa no Brasil.” (MENEZES, 1999. p. 87).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A natureza representada na tela não é pura e simplesmente natureza, é natureza representada por uma cultura que a via como natureza exótica. Exótico que Frans Post faz questão em dar ao olhar holandês por meio de sua experiência e referências nas terras coloniais.

As imagens analisadas nesta pesquisa foram todas pintadas na Holanda. Vale salientar que as técnicas e referências na produção de imagens são todas holandesas, mas a paisagem pintada não é holandesa, mas, colonial e exótica, pois os elementos que a constituem, como paisagem, são diferentes dos encontrados na paisagem neerlandesa.

Os vegetais e animais expostos na tela Vista da Sé de Olinda¹⁸ (1662), são antes uma visão cultural embasada pelo conceito do exótico do que natureza pura. Os animais são pintados de uma forma descritiva da natureza, são elementos exóticos para o espectador. Eles são naturais na medida que os aceitamos como tal. Os animais estão escondidos das figuras humanas na tela, mas se mostram para nós, os espectadores. O sapo parece inchar numa demonstração de que é venenoso; o tamanduá come um mamão que acabou de cair do alto mamoeiro; o macaco dorme sossegado inclinado na vegetação; as aves caçam insetos nas plantas. Os espectadores têm a posição privilegiada de observadores da natureza, a cena representa uma mata, estamos dentro dela e podemos ver os animais que habitam na floresta.

18. "O céu é azul brilhante, o repousoir é extremamente rico, a vegetação da esquerda é variada, muito mais luxuriante do que na maior parte dos outros quadros da terceira fase. A presença de uma grande variedade de animais no primeiro plano também é notável." (LAGO, 2006. p. 200).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

O iguana procura alimento, a serpente mais uma vez aparece depois de um bote bem sucedido. Vários animais da fauna nativa estão na imagem. Podemos observar, também, uma variedade muito grande de plantas: mamoeiro, coqueiro, mamona, cactos, cabaça, maracujá, abacaxi e urucum.

Por meio da tela de Frans Post, deduzimos que o espaço urbano de Olinda estava na maior parte do tempo esquecida pelas autoridades neerlandesas. Mas não pelo artista holandês. Este representa Olinda em muitos momentos de sua produção. Levantando a hipótese de que Frans Post tinha uma ligação sentimental muito próxima com a cidade. Olinda oferecia um cenário de destruição muito peculiar, como uma estética da guerra, do esquecimento, de uma memória. Sendo assim, Olinda ainda é capaz de oferecer o belo por meio dos olhos de Frans Post.

Neste quadro é possível ver a retomada do espaço pela floresta. Os caminhos humanos são “engolidos” pela mata nativa, as grandes paredes dos edifícios religiosos portugueses são reivindicadas pelos arbustos que crescem nas frestas e rachões, com a mesma paciência de uma oração católica. Os animais protegidos pelo esconderijo verde do mato, que cresce nas ruas, também retomam o lugar da natureza no espaço. A cidade é espremida. Olinda relegada ao limbo, ao esquecimento, passava agora por uma segunda invasão, a floresta conquistava espaço urbano e os animais e plantas invadiram a cidade de Olinda.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

O ENGENHO E O CAMPO

Após a cena de transição, quando a mata está perto dos conceitos culturais e segue retomando o espaço que fora anteriormente tomado pela cultura humana, vamos analisar o espaço rural que desde de muito cedo foi representado por Frans Post quando pintou, por exemplo, o quadro *O carro de bois* de 1638, que é uma paisagem rural.

Post retratou a paisagem como categoria do espaço colonial americano, não só da capitania de Pernambuco, mas do Rio Grande com a tela *o Forte Ceulen no Rio Grande* (1638), a Paraíba na tela *Cidade Frederica na Paraíba* (1638) e tantos outros espaços seiscentistas.

Não foi apenas a cidade a componente do que chamamos de “mundo antrópico”. Muito constante na iconografia realizada por Post, foi a representação do engenho, composto por cenas da vida cotidiana e rural dos escravos e pela presença arquitetônica da capela e da casa-grande. De certa forma, o mundo humano retratado por Frans Post parece interligado.

O engenho tem uma característica especial, neste estudo, pois se constitui um espaço onde natureza e cultura convivem com suas semelhanças e diferenças; comunhão mútua e o conflito por espaço. O engenho está encravado no meio da floresta e o homem utiliza todos os recursos necessários como a água e o rio, a lenha para a combustão da fornalha e o principal de todos os recursos que é a terra onde planta a cana-de-açúcar. Como um espaço híbrido, humano/social e natural,

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

SUMÁRIO

a sociedade que desenvolve-se neste espaço é influenciada pelo meio ambiente natural. O engenho e a cultura ao seu redor são minimamente complexos e duais, as pessoas que ai vivem sabem lidar muito bem com a natureza.



Figura 9 - Engenho. 1660. Frans Post. Óleo sobre tela. 87 x 113 cm. Statens Museum for Kunst, Copenhagen.

O engenho como espaço tinha função social, econômica e política imprescindível na vida colonial. No quadro Engenho, de 1660, que ora apresentamos, o engenho foi representado com muitos detalhes. A imagem tem um brilho particular, mostra a vida econômica do meio rural que era, em grande parte, também da colônia que tinha como base o açúcar que era produzido nas “fábricas de ouro branco”.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

O engenho principal não está sozinho, existem na várzea outros engenhos que somados fazem a riqueza da capitania de Pernambuco. O tema cultural aqui se sobrepõe à natureza tão explorada por Post em outros trabalhos.

O bagaço da cana-de-açúcar serve de combustível para o abastecimento da fornalha que, na época de moagem da cana, não podia parar. Os escravos negros, tão importantes, eram toda força de trabalho na colônia; sem eles, os holandeses sabiam que os engenhos não tinham a menor condição de funcionarem.

Post retrata o moinho com traços de perfeição. Embora não possamos ver este mecanismo, com maior nitidez, uma vez que a máquina está sob a cobertura e embaixo a cena fica escura, mas ainda sim vemos os negros passando a cana no moinho e, logo em seguida, sendo separado o bagaço que será usado no abastecimento da fornalha.

Um grupo de senhores brancos, no terreiro, conversa entre si. Podemos sugerir que eles tratam dos negócios, saber quanto iria ser a produção do açúcar para negociar o preço era necessário para uma boa e lucrativa barganha.

Acima no morro, perfazendo a tríade colonial¹⁹, que era composta do engenho, capela e casa grande; podemos observar a capela colonial com sua cruz católica no alto do prédio; logo atrás, a casa grande, lugar irradiador do poder do senhor de engenho.

19. Para entender melhor a utilização deste termo, ver o trabalho de Gilberto Freyre em *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Global. 2004. O conceito desenvolvido em 1937, Freyre apresenta essa estrutura sistemática no norte da colônia queremos pensar que este triângulo arquitetônico que tem como composição a Casa-Grande, a Capela e o Engenho sustenta o poder econômico, religioso e social dentro do mundo colonial holandês aqui na América. Entendemos que está tríade funcionava como sistema simbólico de controle social dentro da paisagem colonial de Pernambuco.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A imagem apresentada acima é uma dentre muitas paisagens rurais pintadas por Frans Post, ele utiliza quase sempre do mesmo tema e composição para representar o triângulo rural. Podemos ver, em primeiro plano, o engenho com a sua vida diária de trabalho, mais acima observar a casa grande e a capela. Este é o sistema mencionado por Freyre em 1937.

Com a fixação dos colonos na terra, era necessário construir. A mata cede espaço à cana. Os engenhos eram erguidos perto dos rios, foi construído um lugar para morar; descortinava-se, assim, a visão do Brasil colonial. A casa grande, morada dos senhores de engenhos; o engenho, local de processamento da cana e produção do açúcar; e a capela, pequena igreja Católica inserida nesta paisagem para confortar o espírito dos habitantes do engenho colonial.

Bem acima, na casa de purgar, entre as árvores, um telhado chama atenção. Será o telhado da senzala? A moradia dos escravos africanos nunca foi representada nos quadros de Frans Post. A senzala, preterida e escondida nas imagens executadas por Post, não significa que nunca existiu na capitania de Pernambuco. Muito pelo contrário, pois sabemos que as senzalas ficavam nas redondezas do engenho, muito próximas da tríade colonial. Na cena, não podemos comprovar se o telhado é de fato a senzala, mas fica lançada a hipótese para uma problematização futura na obra de Post.

Outra ausência significativa, nas telas analisadas aqui, é a falta de animais domésticos fazendo exceção ao boi e ao cavalo.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Cachorros²⁰, gatos, porcos, galinhas e gansos nunca foram retratados pelo artista. O quadro, que ora analisamos, mostra um mundo rural de cultura do engenho. Certamente esses animais faziam parte deste mundo, mas Post não se interessa por mostrá-los. A ausência destes animais na tela não significa que eles não estavam presentes no cotidiano do engenho, pois como José A. G. de Mello conta:

Receberam-se, também da Holanda, animais para a criação, como galinhas, gansos, patos e porcos. Gatos foram enviados para dar combate aos ratos dos armazéns. Uma remessa de 300 cães ingleses foi anunciada para o Brasil pelo Conselho dos XIX: auxiliariam os soldados holandeses na captura de índios, negros e campanhistas. (MELLO, 2007. p. 165).

Post estava mais interessado em mostrar animais exóticos, animais curiosos que os holandeses não costumavam ver nas já escassas florestas setentrionais.

Outro detalhe que podemos chamar atenção, neste quadro, é quando Frans Post decide minimizar os tradicionais temas do repouso, escuro e sem a riqueza em vegetação e animais o tema central da cena é a vida rural do engenho e a produção do açúcar.

A cena é bem significativa para entendermos a vida rural. O dia-a-dia de trabalho começava cedo na colônia. Vida esta que era ímpar para a produtividade na América, pois sabemos que o grande interesse dos holandeses, na invasão à América portu-

20. Na tela O carro de bois de 1638 que perfaz a 1ª fase de produção de Frans Post, além de mostrar os bois puxando a carroça, na frente destes aparece timidamente um cão branco com manchas avermelhadas.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

guesa, era o açúcar produzido aqui. Como já vimos: “O açúcar e não a esperança de descobrimento de minas pode-se afirmar que foi o motivo principal do ataque a Pernambuco.” (MELLO, 2007. p. 136).

Os holandeses sabiam que o engenho rural era a principal atividade industrial da colônia. Nosso ponto de vista em justificar essa afirmativa encontra respaldo nos estudos de José A. G. de Mello:

Muitos dos conquistadores flamengos ingressaram na vida rural, mas cedo reconheceram a impossibilidade de se manter assim: era-lhes necessário um conhecimento especializado da lavoura e do frabrico do açúcar, que não possuíam. Sem a ajuda e a experiência dos da terra e dos portugueses, os engenhos não poderiam ser administrados nem movimentados. Pouco a pouco a lavoura canavieira foi voltando às mãos dos velhos senhores de engenho, dos feitores, dos administradores brasileiros ou lusos. E a tal ponto que um conselheiro de justiça, holandês, escreveu em 1643 aos seus chefes: ‘nós governamos a terra e os moradores, mas os portugueses governam nossos haveres’²¹. (MELLO, 2007. pp. 138-139).

A lida no campo, na plantação da cana, não era prescindível para o colonizador holandês. Essa tarefa, eles deixaram para o colonizador português.

O trabalho rural necessitava de conhecimento e técnica apurados. Essa experiência com o mundo rural o português

21. Carta de Balthazar van de Voorde aos diretores da Companhia na Câmara da Zeelândia, datada do Recife, 9 de junho de 1643. (MELLO, 2007. p. 139).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA lugares de enunciação E MEMÓRIA SUMÁRIO

já havia conquistado. “É sabido que um engenho moente e corrente implica um grande número de ofícios e tarefas especializadas, e esses ofícios e tarefas especializadas nunca mereceram dos holandeses a devida atenção.” (MELLO, 2007. pp. 139-140). Trabalhar e lidar com a administração do engenho era uma atividade complexa e o holandês sempre esteve envolvido com o comércio.

No período colonial o engenho permeou toda a base da vida social e, economicamente falando, “A base do sistema econômico do Brasil holandês foi o açúcar, e o elemento mais importante, o senhor de engenho. O elemento burguês que se aglomerava no Recife e Maurícia vivia do comércio do açúcar ou dele dependia para sua subsistência, direta ou indiretamente.” (MELLO, 2007. p. 167). Portanto, mesmo morando em importantes centros urbanos, tais como Maurícia e Recife, a vida do homem colonial foi influenciada pela vida do homem rural de todas as maneiras possíveis.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO



Figura 10 - Engenho. 1661. Frans Post. Óleo sobre madeira. 45,7 x 71,3 cm. Instituto Ricardo Brennand, Recife.

No quadro Engenho, de 1661, atualmente no Instituto Ricardo Brennand, é possível visualizarmos os temas rurais na paisagem pintada por Post. Ele representa índios, europeus e negros escravos no pátio de uma moenda de cana-de-açúcar, ou seja, o engenho.

O engenho, no seu dia-a-dia de produção do açúcar, era um espaço importante para a mistura étnica. Na colônia o mundo rural privilegia o contato inter-racial. A figura 10 trata-se, sem dúvida, de um dos engenhos de melhor qualidade (técnica) pintados por Post, tem uma composição padrão do mundo rural. Neste óleo, apresenta um corte onde mostra a fábrica de açúcar. Somos testemunhas da lida diária do trabalho.

Buscar temas culturais na paisagem de Frans Post torna-se um exercício agradável, a cultura será corriqueira na sua obra. Identificar representações de sociabilidade entre escravos, índios e europeus, relações entre senhor e escravo, conceito de festas e do trabalho nas pinturas deste holandês é relativamente simples. Ele criou um mundo colonial a partir de sua experiência como pintor e colonizador.

É interessante ressaltar que Frans Post não criou o mundo colonial, este já se encontrava em movimento e em transformação constante. Frans Post deu visibilidade ao espaço, ele criou um padrão de paisagem colonial brasileira que resiste no imaginário do Brasil até os dias atuais. Podemos perceber isso por meio dos estudos de J. A. G. de Mello:

Muitos flamengos, alemães, franceses – súditos dos Países Baixos – deixaram-se prender pelo encanto da terra pernambucana. É significativo que seja da autoria de um pintor holandês, Frans Post – que uma vez assinou certo quadro com o seu nome traduzido para o português: F. Correo – o quadro onde melhor está apreendido o espírito da paisagem pernambucana, o mais belo dos quadros de assunto pernambucano: ‘a essência da paisagem da ‘Várzea’ está aí captada, nessa tela admirável’, observou Joaquim de Souza Leão, filho. (MELLO, 2007. p. 152).

Para Mello, o espírito da paisagem pernambucana é a várzea captada por Frans Post, ou seja, o espaço rural está no imaginário do historiador, assim como no imaginário de vários conterrâneos. Post imprime, por meio de seu trabalho, a vida social – rural – da colônia.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Muito constante na iconografia realizada por Post, foi a representação do engenho, composto por cenas da vida cotidiana e rural dos escravos e pela presença arquitetônica da capela e da casa-grande. De certa forma, o mundo humano retratado por Frans Post parece interligado.

Numa primeira observação, cidade e campo, urbano e mundo rural são uma extensão um do outro, estes espaços são “irmãos” no mundo colonial. Frans Post produziu imagens documentais da geografia, natureza e população da colônia. Conclui-se, assim, partindo do ponto de vista do historiador Ernst van den Boogaart, que:

Post pretendia construir uma análise pictórica da colônia a partir de imagens documentais, que têm fortes semelhança com os estudos produzidos pelos funcionários. Isto não quer dizer que as pinturas devam ser avaliadas como ilustrações dos relatórios destes. Eu [Boogaart] proponho apenas que as pinturas e os estudos compartilham temas que surgiram através da vontade dos holandeses de construir um quadro de referência sobre a sociedade que eles queriam dominar. (BOOGAART, 2004. p. 310).

O trecho citado encaixá-se perfeitamente na proposta metodológica que propomos desde o início deste trabalho, quando fizemos uma análise partindo de imagens e textos que fossem significativos do período holandês. Para uma melhor conquista do espaço e das pessoas, era preciso conhecer a colônia na totalidade, e os textos e imagens produzidos no período pelos funcionários da Companhia de Comércio das Índias Ocidentais foram essenciais para esta finalidade.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Nas paisagens onde Frans Post representou a várzea, a água dos rios, os caminhos sinuosos que levam as figuras humanas às fazendas são imagens de um espaço histórico, relevante para o entendimento de uma época. A história colonial da América sob domínio do governo holandês pode ser apreciada em várias partes do mundo por meio dos museus que abrigam as paisagens representadas por Frans Post.

A cultura material do engenho, da capela católica, da casa-grande, da cidade de Olinda, de Maurícia e Recife são exemplos das referências humanas que chegou até nosso tempo. Logo, a pintura realizada por Frans Post, no século XVII, é representativa do passado do Brasil.

REFERÊNCIAS

BOOGAART, Ernst van den. As perspectivas da Holanda e do Brasil do “Tempo dos flamengos”. In: *Brasil Holandês: história, memória e patrimônio compartilhado*. VIEIRA, Hugo C.; GALVÃO, Nara N. Pires. & SILVA, Leonardo Dantas. (Orgs.). São Paulo: Alameda, 2012.

_____. Realismo pictórico e Nação: as pinturas brasileiras de Frans Post. In: TOSTES, Vera Lúcia Bottrel e BENCHETRIT, Sarah Fassa (org.) *A Presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Livro do Museu Histórico Nacional, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* - 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

HOLANDA, Sérgio B. de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo. Cia das Letras, 2010.

LAGO, Bia Corrêa do (org.). *Frans Post e o Brasil holandês na coleção do Instituto Ricardo Brennand: catálogo da exposição*. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2003.

LAGO, Pedro & Bia Corrêa do, *Frans Post (1612-1680): Obra Completa*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

LAGO, Pedro e DUCOS, Blaise. *Frans Post: O Brasil na corte de Luís XIV*. Catálogo da exposição. Paris. Ed. 5 Continents: Museu do Louvre, 2005.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

_____. *O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 3° ed., São Paulo: Alameda, 2008.

_____. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. *Imagens do Brasil holandês 1630-1654*. Rio de Janeiro: Paço Imperial; São Paulo: Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 1987.

MELLO, José Antônio G. de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. 5° Edição. Prefácio de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro: TopBooks, Universidade Editora. 2007.

_____. *Estudos pernambucanos: crítica e problemas de algumas fontes da história de Pernambuco*. 2° ed., Recife: FUNDARPE, 1986.

MENEZES, José L. M. *Arquitetura e Urbanismo no Recife do Conde João Maurício de Nassau*. In: *O Brasil e os holandeses, 1630-1654*. Paulo Herkenhoff (org.). Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

MENEZES, Catarina Agudo. & SILVA, Maria Angélica da. *Os engenhos alagoanos e as telas de Frans Post: investigações iconográficas*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

_____. Fragmentos visuais da História: O uso das vistas de Frans Post nos estudos de História urbana In: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem. *Anais*, Londrina-PR. Maio de 2009.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO



04

SEBASTIÃO SILVA SOARES
ELIANA GONÇALVES DA SILVA FONSECA

**A PESQUISA E ESCRITA
(AUTO)BIOGRÁFICA COM PROFESSORES:
ENTRE PRINCÍPIOS CONCEITUAIS
E DIMENSÕES PRÁTICAS**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.785.99-120

RESUMO

Este capítulo tem por objetivo uma reflexão sobre as dimensões teóricas e práticas da pesquisa e escrita (auto)biográfica no campo da formação docente. O texto foi construído a partir do referencial teórico sobre história de vida de professores e a pesquisa e escrita (auto)biográfica, como dispositivo formativo ou instrumento de coleta de dados. Os dados apresentados são produções do uso do gênero textual memorial e o caderno de memórias na formação de professores em duas instituições de ensino superior. Os dados nos direcionam um (re)pensar da pesquisa e da prática pedagógica com professores, principalmente frente à valorização da pessoa e profissional professor como sujeito histórico e social.

Palavras chave:

Pesquisa e escrita (auto)biográfica, formação docente, memorial, caderno de memórias.

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de estudos na dimensão (auto)biográfica sobre a formação docente tem sido foco de vários estudos, principalmente em relação à trajetória formativa, os saberes docentes e o desenvolvimento profissional do professor.

As investigações tem demonstrado a importância de valorizar a pessoa do professor na sua história de vida, suas experiências e formação, como sujeito histórico e social. Além disso, o reconhecimento do professor como detentor de uma memória individual e coletiva (NÓVOA 2000; D'AVILA; SONNEVILLE, 2012; BOLÍVAR, 2016).

Com base nesta proposição, este trabalho tem objetivo apresentar uma reflexão sobre as dimensões teóricas e práticas da pesquisa e escrita (auto)biográfica no campo da formação docente. O texto foi construído a partir do referencial sobre a história de vida de professores à luz da pesquisa e escrita (auto)biográfica como dispositivos formativos e/ou fontes de coleta de dados na pesquisa de educação.

Os dados apresentados são produções do uso do gênero textual memorial e o caderno de memórias na formação de professores em duas instituições de ensino superior, uma localizada na região Norte e outra região Sudeste do Brasil. Embora a realização da pesquisa e escrita (auto)biográfica podem ser realizadas com diversos instrumentos na sua construção (SOUZA, 2008), devido as limitações metodológicas deste trabalho, focaremos nas experiências com o uso do memorial e do caderno

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

de memórias como recursos formativos e metodológicos nesse campo de estudo.

Esperamos que as análises e experiências apresentadas nesta comunicação possam contribuir com as reflexões em torno da história de vida de professores com o uso da metodologia da pesquisa e escrita (auto)biográfica como instrumento de investigação e pesquisa-formação, em particular o gênero textual memorial e o caderno de memórias.

HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES COM A PESQUISA E ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA

O campo da pesquisa sobre a história de vida dos professores, segundo Nóvoa (2000), advém de um longo histórico da racionalização do processo educacional no qual exige da educação um fim para a transformação econômica e social, em especial na década de 1980. Nesse processo, a figura do professor foi apresentada apenas como mero executor das atividades de ensino, deixando de lado a pessoa do professor e seus saberes na organização do fazer pedagógico ou, conforme Fontana (2010, p. 20), “criando utopias que pretendiam (e pretendem) substituir os docentes por máquinas”.

Sobre isso, Nóvoa (2000) afirma que a publicação do livro “O professor é uma pessoa” de autoria de Ada Abrahan no ano de 1984, contribuiu para o processo de valorização da história de vida dos professores no campo da formação e política educacional. Para Nóvoa (2000, p. 17), “as opções que cada um de nós tem de fazer como

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

**lugares de enunciação
E MEMÓRIA**

SUMÁRIO

professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam a nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”.

Dessa forma, o fazer profissional docente é permeado de saberes e experiências do eu pessoal, e isto requer reconhecimento e valorização no campo das políticas de formação e exercício profissional do professor por parte dos agentes políticos e educacionais. Isso porque “a aprendizagem da docência, ocorre, primeiramente, pelo conhecimento de si, permitindo-se o acesso a diferentes memórias, representações e subjetividades que o processo identitário comporta” (D’AVILA; SONNEVILLE, 2012, p 37). Assim, o professor é concebido como sujeito ativo da sua prática, autor e detentor de uma história de vida individual e coletiva.

Segundo Finger e Nóvoa (2010), essa abordagem da pesquisa em educação e nas ciências sociais é recente; no entanto, o uso do método biográfico se desenvolveu no final do século XIX na Alemanha como resposta a sociologia positivista da época. Conforme Ferrerotti (2010), o método (auto)biográfico surge de uma necessidade metodológica frente aos dilemas enfrentados na época pela corrente positivista clássica, principalmente na perspectiva em que ocorre a separação sujeito e objeto no campo da investigação.

Além disso, o autor menciona que a proposta do método (auto) bibliográfico surge pela exigência do mundo em constantes mudanças, onde o homem busca respostas para as vivências sociais, de modo qualitativo; “as pessoas querem

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que lhes impoe” (FERRAROTTI, 2010, p. 35).

D’ávila e Sonnevile (2012), afirmam que nessa abordagem, ocorre uma valorização do sujeito da pesquisa, pois o objetivo maior do estudo é mais compreender e emancipar as vozes dos sujeitos que, naquele contexto, são autores e personagens da sua história do que propriamente narrar os acontecimentos. Sob esse ângulo, as autoras afirmam que muitos desses estudos focam a história de vida de indivíduos não valorizadas pela história tradicional. Para Souza (2008):

As histórias de vida, são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, através da adequação e de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica da formação do adulto, a partir dos saberes tácitos ou experiências e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si (SOUZA, 2008, p. 90).

Nesse aspecto, as histórias de vida assumem um caráter de formação e investigação, pois no exercício do reviver as lembranças do passado o sujeito tem a condição e oportunidade de construir e reconstruir saberes de um passado presente, tornando esse ato um pensar de si e do outro, em especial o método (auto) biográfico no campo de investigação sobre a formação inicial e continuada de professores.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA lugares de enunciação E MEMÓRIA SUMÁRIO

Sobre a dimensão metodológica, Souza (2008, p. 89) afirma que na pesquisa com histórias de vida “tem-se duas dimensões para obtenção de dados que são eles: “documentos pessoais” (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as “entrevistas biográficas” que podem ser orais ou escritas”, acrescidas de outras dimensões conceituais e metodológicas no desenvolvimento da pesquisa, sendo elas na maioria das vezes ramificações da história de vida individual e/ou coletiva. Assim, para o autor a História Oral ou história de vida assume uma dimensão polissêmica “como autobiografia, biografia, relato oral, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação” (SOUZA, 2008, p. 87).

Segundo Dominicé (2010), a abordagem de história da vida no campo da educação nos permite entender uma perspectiva em que devemos considerar a vida enquanto espaço de formação, pois a história de vida do indivíduo é perpassada de diversos contextos, ações e sujeitos, “é mais destinado a compreender o que sucede à educação nos processos de formação dos adultos, e em consequência a acrescentar momentos educativos ao contexto histórico mais vasto do seu significado” (DOMINICÉ, 2010, p. 202).

Para o autor, a história de vida no campo da pesquisa e da escrita (auto)biográfica se torna um espaço de reflexão e análise das verdades ora construídas num tempo/espaço específico na vida do indivíduo, o que pode levar a um exercício constante de revisão, adaptação e mudança. A história de vida conforme Goodson (2000, p. 75) nos permite analisar a vida do professor

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

com a história da sociedade, “esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam o indivíduo”.

Segundo Guimarães (2006), à luz dos estudos da história oral, essa perspectiva de pesquisa valoriza as experiências dos sujeitos inseridos num contexto histórico-social, logo “as experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador” (GUIMARÃES, 2006, p. 39).

Na história de vida, construímos narrativas sobre as concepções, desejos e experiências do sujeito sobre a sua vida. De acordo com Bom Meihy (2000, p. 62), “a experiência deve ser, desde logo, o ser alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial”. Por meio da história oral de vida é possível adentrar na história subjetiva do sujeito, podendo ele relevar ou ocultar determinado fato na sua narrativa. Além disso, o autor declara que não existe uma ordem cronológica das ações, o sujeito pode construir diversos caminhos para apresentar a narrativa pessoal.

A história de vida possibilita a retomada de experiências passadas como projeções para o futuro. Por meio da história de vida é possível compreender as dimensões temporais e espaciais que conduzem a trajetória formativa dos sujeitos, permitindo a construção de identidades pessoal e profissional.

Para Bolívar (2016, p. 251) “narrar, a sí mismo o a otros, lo que ha sido o va a ser el proyecto personal de vida es una estrategia identitária, en cuanto apropiación de lo vivido, para dar sentido a las condiciones de trabajo”. Para o autor a história

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

SUMÁRIO

de vida é permeada de fatores externos e internos que ao serem narrados ganham novas dimensões e significados para o narrador e pesquisador, pois no esforço reflexivo de compreenderem as vivências e experiências do passado novas ideias e combinações são construídas em torno de um projeto futuro,

Una historia de vida se construye integrando todos aquellos elementos del pasado que el sujeto considera relevantes para describir, entender o representar la situación actual y enfrentarse prospectivamente al futuro. Las historias de vida explicitan y hacen visibles (para sí mismo y para otros) aquel conjunto de percepciones, intereses, dudas, orientaciones, hitos y circunstancias que han influido y configurado, de modo significativo, quien se es y por qué se actúa como se hace (BOLÍVAR, 2016, p. 252).

Nesse sentido na história de vida, a memória é invocada a todo momento pelo sujeito, que busca pela sua memória narrar os fatos e acontecimentos vivenciados e experienciados, tornando assim autor da sua própria narrativa. Nessa dimensão, o processo narrativo torna-se um elemento importante de revisão e avaliação dos fatos e fenômenos vivenciados entre pesquisador e narrador.

Nesse sentido, na história de vida, a memória é invocada a todo momento pelo sujeito, que busca pela sua memória narrar os fatos e acontecimentos vivenciados e experienciados, tornando assim autor da sua própria narrativa. Nesse sentido, diversos estudos internacionais e nacionais têm possibilitado a compreensão sobre a importância da história de vida para o contexto da educação, dentre eles citamos os trabalhos de Antônio Novoa,

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Michael Huberman, Ivor Goodson; Franco Ferrarotti, Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Matthias Finger dentre outros.

No contexto nacional, temos os estudos desenvolvidos por Elizeu Clementino de Souza da Universidade do estado da Bahia, Maria Helena Barreto Abrahão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Maria da Conceição Passeggi da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, as produções do Grupo de Estudos Docência, Mémoire e Gênero da Universidade de São Paulo.

Segundo Souza (2008), as publicações e reflexões construídas acerca do tema tem favorecido na ampliação e divulgação de estudos, bem como os andamentos, mudanças e permanências de tendências nas abordagens da pesquisa e escrita (auto)biográfica no país. Desse modo, o campo de estudos sobre a trajetória de vida dos professores à luz da pesquisa e escrita (auto)biográfica ganha espaço no contexto da pesquisa, especialmente no que se refere à formação, ao desenvolvimento profissional e à prática pedagógica.

O MEMORIAL E O CADERNO DE MEMÓRIAS: ALGUMAS DEFINIÇÕES

A produção do gênero textual memorial no contexto dos cursos de licenciatura é uma realidade presente, especificamente, no campo estágio supervisionado. Por meio do memorial, os professores de campo de estágio buscam compreender

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

**lugares de enunciação
E MEMÓRIA**

SUMÁRIO

e avaliar as experiências vivenciadas pelos alunos no campo do estágio ou durante a formação no curso de graduação.

Percebemos também que o memorial é um gênero textual solicitado em diversos processos de seleção e concursos públicos, pois é “compreendido como dispositivo de formação ou instrumento de avaliação” (PASSEGGI, 2010, p. 04). Por ser um gênero textual (auto) biográfico, por meio do memorial o autor pode narrar, descrever, relembrar, reconfigurar sentimentos, saberes históricos e sociais de determinada experiência pessoal ou profissional.

A produção do texto exige do escritor a retomada das experiências a serem narradas, sendo que muitas vezes, a organização das ideias não apresenta uma ordem linear sobre os fatos, o que demarca a subjetividade envolvida na escrita, isso porque “o tempo narrativo pode apresentar [...] Cenas longamente narradas e separadas por transições breves, ou por resumos interativos [...] podem ser os pilares do processo narrativo”. (RICOEUR, 2010, p. 135). Devido seu estilo interativo e autoformativo, compreendemos que o gênero memorial é um dispositivo importante na formação dos professores, em particular, por relevar as facetas que perpassam o aprender da docência, a construção da identidade pessoal e profissional, bem como a mobilização de saberes,

[...] através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 91).

Já o texto narrativo no contexto da pesquisa, é um recurso que possibilita o pesquisador compreender as trajetórias formativas dos sujeitos, à luz de uma memória individual e coletiva. Por outro lado, o texto narrativo na sua dimensão de investigação-formação é uma instância formativa, já que “as experiências de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, *a priori* ou *a posteriori*, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber-fazer, de saber pensar e de saber situar-se” (JOSSO, 2010, p. 266).

Nesse ínterim, o texto narrativo seja na modalidade do gênero memorial seja no caderno de memórias, será apresentado a seguir, podem ser dispositivos importantes na formação dos professores, nos quais tornam possível compreender as trajetórias formativas dos professores e suas identidades (NÓVOA, 2000). Haja vista que o enfoque da pesquisa e escrita (auto) biográfica busca promover o reconhecimento e valorização dos professores como sujeitos de saberes e detentores de uma história política, social e cultural (SOUZA, 2008).

No que diz respeito ao caderno de memórias, é possível conceituar este como uma atividade de cunho narrativo, no qual possibilita o sujeito a desvelar sua história. É um gênero textual composto por uma história contada em primeira pessoa, em que se estabelece uma ligação entre passado e presente.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

E MEMÓRIA

SUMÁRIO



Expressões e verbos marcam o tempo passado (tempo de lembrar pelo narrador).

Assim, o caderno de memórias é um instrumento formativo e diagnóstico do professor e do aluno por ser um texto no qual é possível narrar as experiências como seres históricos e detentores de saberes históricos e culturais. Sobre isso, Guimarães (2003) argumenta que o professor não pode desconsiderar realidade dos alunos e a história de vida deles. Para a autora, a função do professor é desenvolver a compreensão sobre a consciência histórica respeitando seus saberes,

O professor não opera no vazio. Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educacionais (GUIMARÃES, 2003 p. 90).

Nessa dimensão, a história como fonte de saber histórico não é exclusiva dos livros didáticos e espaços universitários. Encontramos os saberes históricos nas manifestações culturais de um povo e cultura. Vivenciamos o saber histórico no cotidiano por meio de ações, nas relações de convivência na sociedade. Logo, nas identidades narrativas da classe (dos alunos) que perpassam o processo da aprendizagem. Isso porque, acreditamos que “a consciência histórica não é “simples conhecimento do passado”, mas um entendimento do presente e uma antecipação do futuro” (GUIMARÃES, 2003, p. 90).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

É possível compreender assim, que a narrativa à luz da pesquisa e escrita (auto)biográfica como dispositivos de formação ou instrumentos de dados, adquirem um fator fundamental no agir histórico de cada ser humano. Essa questão pode ser justificada pelas experiências entre o gênero memorial e o caderno de memórias que serão apresentados a seguir, nas quais foi possível vivenciar e compreender respeito entre os alunos e professor no compartilhar de histórias de vida, na valorização dos saberes, emancipação de vozes e identidades. Em outras palavras,

a pesquisa narrativa e a escrita de si sobre si mesmo desvendam modelos e dispositivo se procedimentos tácitos vividos pelos sujeitos, ao permitir entender como os professores em formação estabelecem sentidos e sua história de escolarização, ao trabalho escolar e como podem atuar, diferentemente ou próximo das experiências formadoras desenvolvidas ao longo da vida. (SOUZA, 2004, p. 371)

O MEMORIAL E O CADERNO DE MEMÓRIAS: NO CONTEXTO DA PESQUISA E DA PRÁTICA FORMATIVA

Para título de ilustração, apresentamos neste tópico as experiências da pesquisa e escrita (auto)biográfica no campo da formação docente. A primeira experiência diz respeito ao trabalho de orientação com o gênero memorial com os alunos dos cursos de licenciaturas na Universidade Federal do

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

lugares de enunciação



Tocantins. Na Instituição, temos realizados de modo sistemático a solicitação da produção do gênero memorial como dispositivo formativo e analítico na compreensão do objeto de estudo a ser desenvolvido nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) pelos acadêmicos.

O trabalho inicial parte da problemática apresentada pelo estudante frente ao objeto que pretende pesquisar. Embora seja uma fase inicial do TCC, acreditamos que esse momento da escrita (auto)biográfica e revisão da proposta de pesquisa representa ao jovem pesquisador um espaço/tempo de revisão e narração sobre o problema de pesquisa a partir de um momento marcante da sua história de vida pessoal e profissional, pois

los docentes poseen un conjunto de saberes experienciales contruidos a lo largo de la vida, que pueden ser objeto de reflexión crítica, al servicio de un desarrollo profesional individual e identidad profesional Situar al adulto como centro del proceso formativo, busca valorizar estas experiencias inscritas en proyectos autobiográficos, como posibilidad de orientación y reorientación profesional (BOLIVAR, 2017, p. 08).

Outra experiência corresponde à produção do gênero memorial intitulado “Quem Sou Eu?” na disciplina de Metodologia da Pesquisa com os alunos da graduação em Educação do Campo. Nessa atividade, os acadêmicos foram convidados a narrar por escrito sobre a trajetória de vida pessoal e escolar até o momento de ingressar na universidade. Após a conclusão do texto, os acadêmicos foram direcionados para apresentar

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

também expectativas em relação ao curso, em particular, seus os medos, desejos e projeções futuras.

Por essa atividade apresentar um aspecto individual, muitos acadêmicos no processo apresentam dificuldades na elaboração do texto. Frente a isso, antes iniciar as atividades o professor apresentou a turma alguns mecanismos relevantes na organização e produção do gênero solicitado. Ressaltamos aqui, que essa atividade foi pensada inicialmente como um instrumento de diagnóstico para o docente conhecer a turma ingressante no curso.

Todavia, diante dos dados produzidos e reconhecimento da experiência pela classe e coordenação do curso, entendemos que a metodologia empregada pode representar uma alternativa de formativa para os professores, pois em grande parte, as experiências são construídas na trajetória formativa dos acadêmicos sem um exercício sistemático do pensamento narrativo e crítico (JOSSO, 2010).

Já no campo da pesquisa com o memorial, é possível citar duas pesquisas recentes realizadas na Instituição que têm empregado o uso do memorial nos trabalhos de conclusão de curso em nível de especialização e graduação respectivamente. Para exemplo, expomos a pesquisa da acadêmica Menezes, cujo objetivo foi compreender a trajetória do processo de formação e o desenvolvimento da prática pedagógica dos professores no contexto da educação do campo.

A autora usou o memorial descritivo para mapear a trajetória de vida e profissional de uma escola do campo no estado

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

SUMÁRIO

do Tocantins. Como resultado, a autora ressaltou a importância de traçar novas diretrizes para as pesquisas sobre formação de professores, conseqüentemente, maior foco na história de vida e formação docente como ponto de partida para compreender o desvendar da prática pedagógica em sala de aula.

Outro exemplo é o estudo, em desenvolvimento, da acadêmica Silva, que tem por objetivo analisar a constituição das trajetórias formativas dos egressos do Plano Nacional de Formação de professores da Educação Básica (PARFOR)/ Pedagogia UFT antes e depois do programa. Para a coleta de dados, a autora utiliza o memorial descritivo, pois busca lançar e compreender as percepções e ideias que os egressos apresentam sobre a política educacional do PARFOR, bem como as limitações e possibilidades que enfrentaram ao longo da sua trajetória formativa.

No que diz respeito à prática da escrita (auto)biográfica com o caderno de memórias, recorreremos à experiência realizada no ano de 2016, no curso de Licenciatura em Pedagogia nas disciplinas de História do Brasil e Fundamentos e Metodologia do Ensino de História da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) na cidade de Uberlândia – MG. A proposta pedagógica surgiu a partir de uma observação em classe, por meio de algumas reflexões sobre as temáticas “memória social e educação”.

A ação iniciou-se com relatos dos acadêmicos sobre a infância da modalidade oral, posteriormente, os acadêmicos apresentaram objetos que lembrassem a infância, levando em consideração a experiência de vida de cada acadêmico.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

O objetivo da proposta foi proporcionar aos estudantes a compreensão da importância de sua história na construção da identidade, além da utilização de estratégias como a construção do caderno de memórias, numa dimensão de fonte histórica individual e social que perpassa a vida dos acadêmicos.

Ressaltamos que alguns alunos não compreenderam a importância da construção do caderno de memórias, em especial os mais jovens. Contudo, com a colaboração dos acadêmicos que tinham maior idade, devido à experiência vivenciada ao longo dos anos, o problema foi sendo sanado junto à classe. Foi possível notar também dilemas na questão emocional de alguns acadêmicos ao narrem suas trajetórias, o que exigiu maior compreensão do professor e da turma frente às narrativas apresentadas.

Sobre isso, é importante ressaltar que a própria literatura já menciona alguns desses fatos na perspectiva da escrita (auto) biográfica, pois “a escrita narrativa, como uma atividade meta-reflexiva, mobiliza o sujeito a uma tomada de consciência, por emergir do conhecimento de si e das dimensões intuitivas, pessoais” (SOUZA, 2004, p.171). Entretanto, percebemos com o trabalho com a turma o que seria considerado um obstáculo no processo foi superado pela classe, a qual desenvolveu de forma autônoma os cadernos de memórias. Evocando a arte do sentido da investigação sobre si mesmo por meio da narração oral e escrita.

Ao realizar uma análise dessa ação, ficou nítido que muitas narrativas emocionaram a classe e o professor, seja pelas dores

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

que cada acadêmico vivenciou, bem como as trajetórias de superação. Ao final do 2º semestre com a turma, finalizamos a proposta com a exposição dos cadernos de memórias com a autorização e participação dos colaboradores. Compreendemos assim, que as atividades construídas desencadearam uma percepção do valor que os acadêmicos representam para suas famílias e como as percepções e representações poderão refletir na condução da vida e inserção na docência como alunos ou professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acreditamos que a metodologia da pesquisa e escrita (auto)biográfica na formação docente tornam-se elementos importante na compreensão da trajetória de vida e profissional do professor em formação. Por meio da prática do memorial foi possível mapear o percurso formativo dos alunos em nível de graduação e pós-graduação. Além disso, o memorial tornou-se um instrumento de análise formativa e diagnóstica sobre os conhecimentos e saberes históricos e sociais construídos no processo.

Já o caderno de memórias foi possível evidenciar as experiências e narrações individuais e coletivas do grupo sobre um fenômeno vivenciado. Percebemos assim, que o memorial e o caderno de memórias podem ser dispositivos e instrumentos na formação e pesquisa com professores, principalmente por

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

apresentar um aspecto narrativo e discursivo permeado de vozes e saberes.

As reflexões apresentadas não finalizam, mas visam ampliar a retomada da necessidade de compreender a identidade pessoal e profissional do professor em formação, como mecanismo de participação social e emancipação de memórias narrativas (SOUZA, 2008). Isso porque a memória como recurso narrativo e formativo tem um papel fundamental na construção de nossa trajetória de vida e consciência histórica.

REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, Antonio. Las historias de vida y construcción de identidades profesionales. In: ABRAHÃO Maria Helena, FRISON Lourdes, BARREIRO Christianny (Org.). *A Nova Aventura (Auto)Biográfica. Tomo I*. Porto Alegre: Edipucrs, 2016, pp. 251-287.

_____. Biographical and Narrative Research in Iberoamerica: Emergency, Development and State Fields”) en Ivor Goodson, Ari Antikainen, Pat Sikes, Molly Andrews (Eds.) *International Handbook on Narrative and Life History*. Cap. 15 (pp. 202-213). New York: Routledge, 2017.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2000.

D’AVILA, Cristina Maria; SONNEVILLE, Jacques. Trilhas percorridas na formação de professores: da epistemologia da prática à fenomenologia existencial. In: VEIGA, Ilma Passos A.; D’AVILA, Cristina (org.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, pp. 23 - 44.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: *O método (auto) biográfico e a formação*. FINGIR, Matthias; NÓVOA, António (Org). Natal, EDUFRRN, 2010.

FINGIR, Matthias; NÓVOA, António. Introdução. In: *O método (auto) biográfico e a formação*. FINGIR, Matthias; NÓVOA, António (Org). Natal, EDUFRRN, 2010.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: *O método (auto) biográfico e a formação*. FINGIR, Matthias; NÓVOA, António (Org). Natal, EDUFRRN, 2010.

FONTANA, Roseli A. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOODSON, Ivor F. Dar voz aos professores: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: *O método (auto) biográfico e a formação*. FINGIR, Matthias; NÓVOA, António (Org). Natal, EDUFRRN, 2010.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e práticas de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. *Ser professor no Brasil – História Oral de Vida*. Campinas/ SP: Papirus, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M.W. Entrevista narrativa. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2002. p.90-113.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de vida. In: *Vida de Professores*. NÓVOA, António (Org), Portugal, Porto Editora, 2000.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re) conhecimento. In: *Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura*. VERBENA, Maria Rocha Cordeiro; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2010.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: narrativa do itinerário escolar e formação de professores Tese (Doutorado em Educação)* - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de educação, 2004.

_____. A formação como processo de conhecimento: histórias de vida e abordagem (auto)biográfica. In: *Vozes da Educação: memória, história e formação de professores*. ARAUJO, Mairce da Silva e outros (Org). Petrópolis: DP et Alli, Rio de Janeiro: Faperj, 2008.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO



05

**AMANDA CARDOSO BARBOSA
VIVIANE BERNADETH GANDRA BRANDÃO
LAURA RAFAELA SILVA AMADOR**

**MULHER, MÃE E CHEFE DE FAMÍLIA:
NARRATIVA ACERCA DA
MONOPARENTALIDADE FEMININA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.785.121-145

RESUMO

O Surgimento da família, bem como das suas novas configurações, perpassa por um lugar de discussão que envolve aspectos históricos e culturais narrados por sujeitos e grupos distintos em diversos contextos sociais. A família monoparental ganhou destaque nas últimas décadas por configurar-se como uma nova formação familiar e por demandar da sociedade um olhar atento quanto as suas especificidades. No presente artigo objetivamos apresentar as relações e estratégias de vida desenvolvidas no seio de grande parte das famílias monoparentais femininas pobres. O relato de vida nos propiciou trabalhar com temas históricos a partir da experiência social cotidiana do sujeito.

Palavras-chave:

família monoparental; estratégias; redes; história de vida.

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A família é considerada uma instituição presente em todas as sociedades, porém, sofre variações quanto a sua composição e funções atribuídas a seus membros. É através da família que os indivíduos estabelecem o primeiro contato com o mundo e desenvolvem os primeiros sentimentos, reações e palavras. Historicamente o modelo nuclear composto por pai, mãe e filhos, permaneceu como o único arranjo social que devesse de fato ser considerado como família. No entanto, nas últimas décadas, estudiosos se debruçaram a fim de evidenciar os demais arranjos familiares existentes em nossa sociedade, dos quais destacaremos a família monoparental feminina, caracterizada, de modo geral, pela ausência do cônjuge ou companheiro.

Tal arranjo familiar se origina de diversas formas, tais como: por meio do divórcio, da viuvez ou da opção por não ter, ou não encontrar um companheiro. Ela também é considerada monoparental feminina quando há presença do companheiro ou marido, mas a mulher é a responsável pela manutenção do domicílio. Portanto, o presente texto apresenta uma pesquisa cujo objetivo foi identificar o processo de constituição e organização de domicílios monoparentais chefiados por mulheres.

Inicialmente apresentamos considerações em torno da família monoparental feminina e do crescimento dos domicílios chefiados por mulheres no Brasil, o porquê desse fenômeno está acontecendo e as abordagens em torno do termo chefia.

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Dentre os principais autores utilizados destacamos Givisiez e Oliveira (2010) e Carvalho (1998).

Com o suporte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD do ano de 2009, coletamos dados secundários que indicam o número médio de domicílios chefiados por mulheres no país, a média do número de filhos (as) que compõem tais famílias, o valor médio dos rendimentos mensais e a estimativa de tempo gasto em atividades domésticas. Por fim, apresentamos a pesquisa de campo a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: o estudo de caso e a história de vida. Como percurso metodológico realizou-se as seguintes etapas: encontro com a entrevistada, entrega do Termo de Consentimento Livre, esclarecimento do objetivo da pesquisa e aplicação de entrevista aberta. Após a transcrição da entrevista, as falas foram distribuídas por temáticas e descritas de forma especial por categorias, baseando-se em autores que possibilitaram um maior entendimento acerca da realidade encontrada.

As discussões que envolvem a temática não se esgotam aqui, portanto, esperamos que o nosso trabalho contribua com as investigações acerca do assunto e proporcione ao leitor uma aproximação com o tema.

FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA

Segundo Maciel (2002) a família é o lugar privilegiado em que acontece a socialização primária e é nesse lócus que o indivíduo vai internalizando o mundo conhecido por ele como verdadeiro

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

e real. Scarpellini e Carlos (2011) designam o conceito de família como uma instituição social estruturada por um grupo de pessoas associados pela filiação por um mesmo ancestral, via adoção ou casamento, que compartilham um sobrenome igual, herdado de antecessores diretos dos matrimônios realizados na família. As autoras afirmam ainda que a família pode ser considerada como instituições e agrupamentos sociais com constituição e atribuições bastante diversas, nesse sentido, refletir acerca do tema família, é pensar que ela é resultado de relações sociais existentes em várias culturas, e segue necessidades e interesses de certos momentos.

Picanço (2012) afirma que o termo família se deriva do latim “*famulus*”, ao qual significa “escravo doméstico”. Tal expressão foi criada na Roma Antiga para nomear uma nova categoria social, que se emergia entre as tribos latinas ao serem postas à escravidão legalizada e à agricultura. A “família natural” no direito se baseia no elo de sangue e no casamento. Ela é o grupo formado apenas dos filhos e cônjuges. Nessa concepção a família natural tem por alicerce o casamento e as ligações jurídicas entre filhos, cônjuges e deles resultantes.

O presente tópico faz uma discussão acerca dos domicílios chefiados por mulheres. Buscamos identificar o que tem provocado esse fenômeno. Para tanto, apresentamos alguns dados estatísticos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do ano de 2009, no qual aborda de forma específica o caso brasileiro.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Givisiez e Oliveira (2010) afirmam que, nas duas últimas décadas, o aumento da quantidade de mulheres que se afirmam responsáveis pelo domicílio tem sido alvo de observação em alguns países da América Latina. Os autores apresentam duas explicações possíveis que justificam o aumento desse fenômeno. A primeira está relacionada ao empoderamento das mulheres e ao aumento da participação delas no mercado de trabalho. Isto é, o crescente número de mulheres responsáveis pelos domicílios estaria relacionado ao poder econômico, social e cultural que elas vêm conquistando atualmente. A segunda hipótese está relacionada ao aumento do número de mulheres chefes de famílias pobres, onde as mesmas são forçadas a assumir a manutenção financeira da residência através de um emprego em sua maioria precário. Nessa hipótese “o aumento dos divórcios ou de mães que criam seus filhos sozinhas teria como consequência o aumento da pobreza das famílias, ou o fenômeno da feminização da pobreza...” (GIVISIEZ e OLIVEIRA, 2010, p. 01).

Carvalho (1998) foi uma das primeiras autoras a pesquisar sobre a temática da família monoparental. A autora afirma que o termo chefia feminina é usado em situações em que famílias e/ou domicílios são conduzidos por mulheres apenas, onde o parceiro não existe, em situações de viuvez, mulheres separadas com filhos e mães solteiras. Surge como uma categoria não autônoma, porém formada através da negação de um modelo dominante, a chefia masculina. Entretanto, apesar do termo ter trago muitas vantagens, enriquecendo o discurso acerca da questão da família contemporânea, tal definição se mostra limitada. Os

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

“estudos, censos e estatísticas oficiais tendem de antemão a optar por critérios que favorecem as noções de autoridade e dominância masculina” (CARVALHO, p.02, 1998), isso porque em nossa sociedade há fortes valores patriarcais. A família em que há o homem e a mulher, e ela é quem sustenta a casa, raramente isso será considerado motivo para nomeá-la chefe. Outro problema existente em relação ao conceito no âmbito das fronteiras entre domicílio e família “é que as definições típicas da chefia tendem a subestimar a existência de outras formas de família dentro de um mesmo domicílio” (CARVALHO, p.03, 1998).

A introdução do desenvolvimento capitalista nas sociedades favoreceu para o desenvolvimento do comprometimento da mulher pelo sustento de dependentes e pelo domicílio, relacionado à transição de uma economia suporte familiar para uma de suporte individual. A autonomia econômica dos demais membros da residência colabora, em geral, para a minoração da importância do pai como membro principal responsável economicamente pela casa. Um movimento simultâneo e cultural de modernização colaborou para o processo de redefinição das responsabilidades entre os componentes da residência e resulta em mudanças, especialmente em relação à movimentação de dinheiro no domicílio.

A realidade das mães de famílias monoparentais se configura pela acumulação de várias responsabilidades e funções associadas ao âmbito doméstico, o provimento das necessidades dos membros da família e o cuidado com os filhos, tendo como resultado a sobrecarga de suas competências, o desafio da conciliação entre o emprego e a vida familiar interpretado

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

pela dicotomia de providenciar o sustento e ter uma participação afetiva maior no âmbito familiar em relação aos filhos (SOUZA e PARRÃO, 2015).

Ainda conforme Carvalho (1998) os compromissos domésticos e de cuidados com os filhos tendem também forçá-las a buscar trabalhos com mais flexibilidade, como na esfera informal ou produção doméstica, onde a rentabilidade tende a ser inferior e intermitente. Quando estão no âmbito formal ou em meios industriais, evidências empíricas comprovam que trabalhos executados por mulheres sofrem a interferência do gênero, resultando em baixas remunerações para mulheres em comparação aos trabalhadores masculinos com trabalhos equivalentes. Razões como estas são responsáveis pelo alargamento das diferenças de vantagens e oportunidades entre homens e mulheres de uma só classe social.

A relevância da fragmentação de chefia feminina deveria, contudo, esquivar-se de outra armadilha teórica. Trata-se de restringir o agrupamento de mulheres mantenedoras, “compreendendo-o como um subgrupo do grupo das mulheres sem parceiros, da chefia de jure” (CARVALHO, 1998). É significativo alargar o significado de mulheres mantenedoras e o grupo de residências mantidas por mulheres, “incorporando mulheres casadas ou vivendo em parceria” (CARVALHO, 1998). As que mantêm a casa podem viver só, assim como manterem um vínculo onde o parceiro/marido seja presente.

Até o ano de 2009 mais de nove milhões de domicílios no Brasil possuíam como chefe de família a mulher. Fazendo

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

uma ligação com o total de domicílios brasileiros, os monoparentais chefiados por mulheres representam aproximadamente um percentual de 15%. A PNAD além de quantificar o número existente de residências chefiadas por mulheres, também trouxe características destas, como cor da pele, idade, nível de escolaridade e salário. Segundo os dados divulgados, em geral as chefes de família são viúvas, representando aproximadamente 33%, as solteiras representam 32,5% e as divorciadas, separadas judicialmente e as separadas de fato – representam respectivamente 13,4%, 12,2% e 8,8%.

No que concerne à faixa etária, observamos que casadas, separadas judicialmente e divorciadas apresentam idade média entre 47 e 48 anos. O valor mais contínuo (a moda) para as solteiras é de 40 anos e para as casadas é 46, 47 e 48 anos, divorciadas, viúvas e separadas judicialmente é de 69 anos, revelando claramente a relação entre idade e estado civil da chefe.

Para analisar o nível de escolaridade dessas mulheres criou-se uma classificação da variável “anos de estudo”, que por sua vez correlaciona série e grau de a pessoa está inserida. Foi realizada a correlação de modo que cada série feita com aprovação equivaleu a 1 (um) ano de estudo. A tabela a seguir mostra o grau de alfabetização por estado civil dessas mulheres.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Tabela 2: Mulheres chefes de domicílio monoparental, por estado civil e por anos de estudo. Brasil – 2009. (Em porcentagem)

Anos de estudo	Separada				
	Solteira	Casada	judicialmente	Divorciada	Viúva
Sem Inst. e Menos 1 ano	21	9,3	8	4,8	56,9
De 1 a 3 anos	27,5	8,4	11,3	6,9	46
4 anos de estudo	25,5	8,9	10,4	9,5	45,6
5 a 7 anos de estudo	40,9	9,1	12,6	11,1	26,4
8 anos de estudo	35,8	8,6	12,5	16,5	26,7
9 a 10 anos de estudo	46,3	8,2	11,9	14,4	19,3
11 anos de estudo	39,7	8,9	14,8	19,5	17,2
12 a 14 anos de estudo	36,1	9,2	14	23,8	16,9
15 ou mais anos de estudo	29,6	8,3	17,1	28,8	16,2
Não determinados	51,5	9,3	15,6	10,5	13,1

Fonte: PNAD, 2009.

O cálculo dos anos de estudo se iniciou em um ano, a contar da primeira série feita com aprovação de curso de ensino fundamental (com durabilidade de oito anos) de grau primeiro ou elementar; em cinco anos de estudo da conclusão da primeira série com outorga de curso de médio ciclo inicial; em nove anos de estudo da primeira série feita com outorga de curso de ensino médio; em doze anos de estudo após a primeira série feita com outorga de curso superior de graduação. Na categoria intitulada “não determinados” temos as pessoas que não quiseram informar os dados. Os dados foram reunidos para saber se as mulheres concluíram o ensino primário, fundamental, médio e se houve a conclusão do ensino superior.

A partir das informações coletadas em relação ao trabalho, afazeres domésticos e renda, constatou-se que a maior parte das mulheres chefes de família realiza algum trabalho (aproximadamente 52%). Porém, dentre elas, as divorciadas trabalham mais, elas representam 70%, posteriormente as separadas judicialmente representando 66%, em seguida as solteiras representando 66%, depois as separadas de fato representando 56% e por fim as viúvas representando 26% dessas mulheres que exercem algum trabalho.

No que diz respeito às horas semanais que foram gastas nos afazeres, observamos que entre as mulheres chefes de domicílio que não realizam tarefas em casa, a maior parte é entre as viúvas, representando mais de 10% e o menor percentual está entre as separadas judicialmente, representando 5,9%. Por outro lado, as que mais destinam tempo a tais atividades são as viúvas, totalizando mais de 75 horas semanais de afazeres domésticos.

É entre as solteiras que se identificou a maior parte de baixos rendimentos mensais. As mulheres que possuem mais de cinco salários mínimos são as chefes divorciadas, 5,5% delas estão no padrão de rendimento domiciliar per capita. Ainda na mesma faixa de salário que as divorciadas, estão as viúvas, representando pouco mais de 3% e as demais chefes de domicílio não atingem nem 2% desse patamar de rendimento. Analisando todos os dados, pode-se reconhecer que mais de 50% (5.558.674) das chefes de domicílio estão incluídas na categoria *sem dinheiro até um salário mínimo*, e 15 apenas 3% delas

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

tem rendimento mensal domiciliar per capita acima de cinco salários mínimos (254.389).

Outra importante característica que a PNAD apresentou foi relacionada à cor da pele das chefia feminina dos domicílios monoparentais. De acordo com Azevedo, Magalhães e Lazo (2010) “a distribuição dos estados civis têm uma relação com a cor ou raça da chefe”. As mulheres brancas chefes de domicílio são: 35% viúvas, 26% solteiras, 17% divorciadas, 14% separadas judicialmente e 8% casadas. As chefes de cor parda, o percentual de solteiras é o maior com 41%, de viúvas 31% e cerca de 10% entre as separadas, casadas e divorciadas. As mulheres declaradas pretas possuem maior percentual nas chefes viúvas, com 30%, em seguida estão as solteiras com 28%. Nas demais mulheres chefes de domicílios a porcentagem fica em média de 10%, nota-se um tipo parecido entre as mulheres casadas, separadas judicialmente, separadas de fato e divorciadas.

Em relação às informações sobre os filhos, no total a quantidade foi de 15.647.495 filhos morando em residências monoparentais com chefia feminina, no ano de 2009. Nas residências com as chefes solteiras, os filhos representam 33%; nos domicílios com chefes viúvas, o percentual de filhos é de 31%; já nas residências com chefes separadas e divorciadas, e separadas de fato, o percentual indicado é de respectivamente 13% e 10%.

As chefes de domicílio separadas de fato e separadas judicialmente têm mais filhos morando na mesma residência. Entre as casadas (separadas de fato), a média maior é 1,89 e entre as separadas judicialmente a média é de 1,81, observou-se que as

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

chefes de domicílio que são casadas no papel, mas legalmente ainda não se separaram, a média mostra que elas tem maior quantidade de filhos residindo no mesmo domicílio.

Em cerca de mais de 15 milhões de filhos vivendo em domicílios monoparentais com chefia feminina, a maior parte deles, 53% são do sexo masculino. É importante conhecer as residências por estado civil da chefe de acordo com a idade do filho, para compreender melhor os tipos diversos de domicílio em estudo. Assim, de acordo com a variável idade dos filhos e a variável estado civil da mãe, verifica-se que os padrões de idade são diferentes em relação ao estado civil da chefia do domicílio. A faixa etária de 10 a 24 anos predomina na maior parte dos filhos, representando quase 50%. A faixa etária com maior porcentagem chegando a 18% é a entre 15 e 19 anos.

E os filhos menores, de 0 a 4 anos, representam um terço dos filhos adolescentes, com idade entre 15 e 19 anos, representando 6,6%. Em relação aos anos de estudo, as autoras afirmam que “aproximadamente 18% dos filhos não tem instrução ou tem menos de um ano de estudo”, porém, tal dado pode estar ligado à baixa idade. As chefes de domicílio solteiras apresentam filhos com menor escolaridade comparado as demais, tal fato também se deve a pouca idade dos filhos, as chefes que apresentam filhos com número maior de estudos são as divorciadas, estas também se destacam pela sua renda, em relação as demais chefes de domicílio.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E ESTABELECIMENTO DE REDES SOCIAIS: LEMBRANÇAS E RESSIGNIFICAÇÕES

Objetivamos aqui analisar e compreender as estratégias de sobrevivência que a nossa entrevistada desenvolveu após torna-se chefe de família, bem como o estabelecimento de redes sociais. As expressões estratégias de sobrevivência e estratégia familiar foram cunhadas nas abordagens e estudos antropológicos em relação aos comportamentos de famílias pobres para conseguir dar conta da maneira integrada com que agem, planejando aprimorar tanto a distribuição dos recursos que desfrutam alcançar quanto o acesso. Atracado nas prioridades e organização internas que, na prática determinam estas ações, caracterizam a cada momento do ciclo da família o local de cada membro na unidade doméstica (DRAIBE, 2005). Já a expressão “redes sociais” diz respeito especificamente ao apoio instrumental a ajuda na divisão de responsabilidades, geralmente, na informação prestada à pessoa e na ajuda financeira.

Nossa entrevistada possui quarenta e cinco anos e atualmente mora com a filha em casa própria. O motivo que originou o seu atual formato familiar foi à separação que aconteceu há quatorze anos. Após a separação Silvana¹ foi morar com a mãe e passou a trabalhar fora para sustentar a família, como ela relata abaixo:

1. No sentido de evitar que a identidade real da entrevistada seja revelada, trocamos os nomes reais por fictícios.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

“Nos separamos... Nesse período fiz muita coisa... Quando eu fiz o curso técnico, eu fazia a noite e trabalhava de dia, e só em subemprego Laura... Já trabalhei de serviços domésticos! Era de carteira assinada, eu falo subemprego porque trabalhava muito e ganhava pouco... Era de carteira assinada, o único que não foi de carteira assinada, esse nem considero como emprego, esse era terrível Laura! Era engarrafando pimenta malagueta e ardia a mão, usava luva e ainda ardia a mão da gente, esse também não aguentei ficar muito tempo, eu sofri! Ah! Já fiz tanta coisa! Já vendi roupa, já vendi Avon, já vendi Natura, já fiz muita coisa pra ganhar dinheiro, já fiz bijuteria Laura, já fiz tanta coisa, mas graças a Deus venci, criei meus filhos, todos!”

A estratégia encontrada por Silvana após a separação foi trabalhar em muitos empregos para garantir a sobrevivência dela, de sua mãe e filhos. A relação com empregos ligados às atividades domésticas ou localizados em estratos ocupacionais considerados mais baixos é uma realidade na vida de mulheres chefes de família que possuem pouca ou nenhuma qualificação profissional. No entanto, podemos perceber também nas falas o interesse da entrevistada em se profissionalizar através de um curso técnico. Atividades como vendas de cosméticos porta a porta e artesanato, geralmente, são praticadas por pessoas, na sua maioria mulheres, para complementar a renda que é ínfima se comparada aos gastos existentes. Assim que se separou, Silvana não pôde contar com a pensão do ex-companheiro para auxiliar nos gastos com os seus filhos. Foi após um longo período que a mesma conseguiu que seus filhos usufríssem de tal direito.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

“...ele mudou de endereço, não fiquei sabendo pra onde ele se mudou, fiquei muito tempo sem notícias, até que eu conseguir localizar onde ele estava morando, foi aí que eu consegui procurar o advogado e requerer a pensão pra mim, porque até então eu não sabia onde ele morava. Aí nessa trajetória, assim... Nesse período fiz muita coisa... Lucas tinha três anos de idade, ai nisso, Tiago com 15 anos começou a trabalhar... Aí ele já me ajudava! ...Então aí, assim, criei os meninos sem apoio dele, Tiago ia fazer 15 anos quando eu separei dele e Lucas ia fazer três anos de idade, então, ficamos cinco ou sete anos não me lembro exatamente a data, sem ter notícias dele, até então depois que eu descobri onde que ele tava morando. Pesquisei até descobrir o endereço dele, aí levei ele no advogado, foi ai que o advogado requereu a pensão pra mim, mas assim era uma merreca de pensão, 45% de um salário mínimo que ele dava para os meninos, só ia lá e depositava também! Assim, ele não teve mais contato com os meninos, os meninos não consideram ele como pai porque quando ele saiu da vida nossa, os meninos eram muito pequenos...”

A assistência financeira por parte de seu ex-companheiro não veio de imediato, ficando a cargo dela toda a responsabilidade de prover o lar. Podemos notar também que o seu filho começou a trabalhar para ajudar no rendimento da família, essa realidade é salientada por Pacheco (2005, p.77) “[...] outra estratégia, também adotada por estas famílias pobres para lidar, no caso, com a pauperização e obter um rendimento mínimo necessário para o sustento da família, é o engajamento de vários de seus membros [...] no mercado de trabalho”. Ao final de sua fala, Silvana deixa claro que a pensão, era o único tipo de assistência

que os filhos começaram a ter do pai, o mesmo após o reencontro não demonstrou que queria se aproximar dos filhos.

Silvana relata como sua vida financeira mudou após a separação:

“[...] Olha Laura, ficou pior! [...] Antes era ele, ele nunca deixou faltar nada para os meninos, a gente tinha uma vida mais ou menos tranquila, mas eu não me arrependo porque diante de tudo que passei! Por mais que hoje falte dinheiro, nunca faltou o alimento, graças a Deus, por mais que faltem as coisas supérfluas, mas devido o sofrimento que eu passei ter sido tanto, que essas coisas pra mim não faz diferença, não faz falta”.

Diante do relato da nossa entrevistada, notamos que anteriormente o papel de provedor do lar pertencia ao seu ex-companheiro, situação essa descrita por Carloto (2005, p.4) “a rígida divisão de papéis e trabalho, opondo a esfera produtiva à esfera reprodutiva, coloca no senso comum, como modelo de família “normal”, os homens como provedores e as mulheres como responsáveis pela esfera doméstica [...]”, porém o que notamos é que esse tipo divisão é cada vez menos comum com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e dos homens participando cada vez mais das tarefas domésticas.

Anos mais tarde, Silvana passou por uma perda que foi a morte de sua mãe, como ela conta a seguir:

[...] Minha mãe veio adoecer, teve Alzheimer, aí nós começamos a cuidar dela, então assim, como eu morava com ela, eu cuidava dela, mas a partir do momento em que ela começou a dar trabalho, ficou acamada, minha outras

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

duas irmãs começou a me ajudar a cuidar dela! Então a gente dividia da seguinte maneira, eu ficava com ela seis meses, minha outra irmã seis, e a outra seis, então assim, a gente tinha aquele intervalo de um ano pra descansar, porque era muito puxado, ela dependia da gente pra tudo, assim... Ela não andava mais , ela não falava, usava fralda, era muito difícil [...] Com um mês que eu estava estudando, Deus recolheu minha mãe!”

Durante o tempo em que sua mãe esteve doente, Silvana contou com a ajuda de suas irmãs para cuidar de sua mãe, uma vez que ela como chefe de família tinha que sair para trabalhar. Porém, quando era a sua vez de cuidar de sua mãe, Silvana conta que saía do emprego para se dedicar ao cuidado da mesma e que por isso permanecia nos empregos por um ano. Durante sua trajetória de vida Silvana pôde contar com a ajuda de muitas pessoas de sua família para superar as situações que foram surgindo no decorrer da sua vida. Iremos mostrar aqui alguns momentos em que ela teve a ajuda dessas pessoas, mas antes vamos falar um pouco da origem dos estudos relacionados às redes sociais e do seu conceito.

A palavra rede é antiga e se originou do latim *retis*, que quer dizer entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. Os estudos primários desenvolvidos na investigação de redes sociais são dos âmbitos da Psicologia Social, Sociologia e Antropologia. A gênese da ideia localiza-se nos estudos em relação ao conceito de “estrutura social” iniciadas em 1930 pelo Radcliffe Brown um antropólogo social inglês, de onde se ocasionou a metáfora de “rede”. Com

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

base nessa origem, posteriores 40 anos depois, as pesquisas de redes foram elaboradas em três distintas linhas: os cliques e os padrões de relações interpessoais (pesquisadores de Harvard), a estrutura de relações comunitárias em sociedades aldeãs e tribos (antropólogos de Manchester) e a teoria dos grafos e a análise sociométrica (Zampier, 2007).

Podemos compreender rede social como relações de solidariedade presentes em determinado momento da vida de um sujeito, organizadas por vínculos entre grupos, parentesco, organizações, vizinhanças, e indivíduos edificados ao longo do tempo. Tais vínculos têm várias naturezas, e podem ter sido desenvolvidos intencionalmente, apesar de que sua maioria tenha princípio em relações advindas de outros contextos. Podemos idealizar a rede como formada por diversas “camadas”, cada qual relacionada a uma forma de relação e a certo período de tempo. Todas se encontram em permanente transformação e interação, apesar de que o peso referente das relações herdadas transforme essa dinâmica incremental (Marques, 1999).

No que tange as redes sociais (de ajuda ou solidariedade) Silvana se recorda de um momento que passou em que ela precisou do apoio das irmãs e do filho:

“É muito boa, são só eu e mais duas irmãs minhas, nós moramos próximas, a minha irmã mais velha mora do lado da casa minha e minha irmã mais nova construiu em cima da minha casa. Então, eu fiquei na casa que era de mãe, aí eu tinha um irmão também, mas aí ele já era falecido, só que ele deixou um herdeiro, aí logo depois que minha mãe faleceu, esse sobrinho meu né?! Filho do meu irmão ressuscitou e veio querendo a parte dele

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

na casa, aí conclusão né minha filha, só despesa Laura, pra fazer o inventário... e graças à Deus eu tenho Tiago! A minha irmã mais velha a que mora lá do lado já tinha a casa dela, então ela falou que não fazia questão da parte dela não, aí a gente fez o inventário, negociou com esse meu sobrinho, aí parte da avaliação da casa é como se fosse dividido em quatro, só que minha irmã mais velha abriu mão, para mim e para a minha outra irmã, aí a parte que ficou com ele, foi de 44mil, aí ele aceitou receber 44 parcelas R\$1.000,00 reais, aí Tiago paga R\$500,00 pra ele e minha irmã que mora em cima paga R\$500,00 todo mês. Então assim, a relação nossa é boa, muito boa, elas ajudam financeiramente, sou mais unida com minha irmã mais velha, eu acho que é porque ela é separada também, eu tenho mais ligação com ela. Mas ajuda sim, uma ajuda a outra constantemente.”

Podemos notar diante de sua fala que a nossa entrevistada tem nas suas irmãs e em seu filho Tiago, uma rede social que ela pode contar. O pagamento da parte da casa pelo seu filho Tiago ao sobrinho e a atitude de sua irmã mais velha em não querer a parte dela na casa foram momentos em que ela precisou e eles a ajudaram. Ao final de sua fala percebemos também que Silvana tem entre as irmãs uma rede social mútua, onde uma ajuda a outra e que isso possibilita para ela uma certa estabilidade.

Durante todo o relato da história de vida, Silvana deixa nítido o seu interesse em fazer um curso superior. Porém, na sua fala podemos perceber o quanto teve uma trajetória difícil, perpassada por situações que lhe fizeram interromper por vezes o estudo. Dentre tais situações encontrava-se o fato do

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

ex-companheiro ter resistência ao sonho de Silvana e mostrar-se como um obstáculo para a realização do mesmo.

“[...]Ele (o ex-companheiro) era uma pessoa assim, muito difícil, ele não aceitava que eu trabalhasse, eu queria trabalhar, queria continuar estudando, ele não aceitava, ele queria que... Não sei se era ciúmes, porque ele era uma pessoa mais velha, ele não aceitava que eu trabalhasse, queria continuar estudando aí ele não aceitava. Teve uma vez mesmo, que eu falei que ia fazer um curso técnico de enfermagem, aí eu sai, fui fazer a matrícula, fiz a matrícula, aí quando eu comecei a estudar, ele pegou e falou assim: “Se você insistir em estudar, você não precisa de estudar, você tem que ficar dentro de casa cuidando dos seus filhos, da sua família, se você insistir em estudar, eu te mato! [...]Ele tinha muito ciúmes de mim, ele achava ruim se eu saísse... Assim, sozinha! Se saísse assim, visitar uma irmã, um parente você entendeu? Ele achava ruim assim que eu saísse, ele não aceitava que eu saia sozinha, ele queria que sempre fosse à companhia dele, então assim, não tinha muitas desavenças porque às vezes eu procurava sempre não dá motivos, eu procurava sempre fazer a vontade dele, mas vai chegando num ponto que você não aguenta! Você vê que não é aquilo que você quer para sua vida, mas ele era uma pessoa agressiva! Ele era assim...”

Como a vontade de Silvana agora era fazer um curso superior, ao ser questionada se após a separação ela conseguiu voltar aos estudos, a mesma disse:

“[...]Não deu pra estudar, porque assim, é muito cansativo, e eu sempre tive vontade de fazer um curso superior[...]”

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

A difícil conciliação entre o trabalho e os afazeres domésticos também é uma das características presentes nas famílias chefiadas por mulheres, fato que se agrava mais ainda quando a conciliação com os estudos também se torna um objetivo. Silvana somente conseguiu entrar na universidade depois que o seus filhos estavam numa idade mais avançada e que não dependessem tanto dela:

“Assim que os meninos já estavam estabilizados e tudo, já tudo criado, eu resolvi tentar o vestibular! Eu nunca tinha tentado um vestibular, a primeira vez que eu ia tentar! [...] Aí eu comecei a falar com as meninas, tipo, a iniciativa de querer estudar né, eu falei gente eu podia voltar a estudar, falei assim, Lucas tá trabalhando, Tiago casou, ele ainda me ajudava muito, aí eu falei: Vou começar a estudar! Aí eu comecei a estudar, minha sobrinha me forneceu uns materiais, aí foquei naquelas matérias que era de peso do curso que era Sociologia, Filosofia, Português, até que História e Geografia eu não estudei, eu sempre fui muito ruim em História... eu só não zerei, porque se tivesse zorado, eu não tinha passado, mas graças a Deus, passei!”

Podemos concluir após o relato da história de vida de Silvana, que as dificuldades encontradas nas famílias que tem como chefe de domicílio a mulher, não devem ser atribuídas unicamente à inexistência da figura masculina no domicílio, mas sim a questões que vão além e que abarcam fatores econômicos, relações de poder e dominação. As mulheres são capazes de prover os seus domicílios sozinhas, porém, no caso de famílias monoparentais pobres, a trajetória de vida é marcada

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

por situações de grande vulnerabilidade social, cabendo desse modo, uma maior atenção do poder público a essas questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que apresentamos durante o trabalho, podemos perceber que a família não é uma instituição estática, mas sim dinâmica, sendo que as mudanças que acontecem na nossa sociedade tendem a incidir diretamente nos arranjos familiares. O modelo de família patriarcal e nuclear deixou de ser o único e nesse sentido, as discussões acerca da família monoparental feminina ganhou mais espaço em nossa sociedade. A realidade das mulheres chefes de família resulta em um acúmulo de responsabilidades relacionadas ao ambiente doméstico, à criação dos filhos e ao trabalho que gera o desafio cotidiano de conciliar o emprego fora de casa com as atribuições do âmbito familiar.

A questão de gênero, a pouca ou nenhuma qualificação profissional faz com essas mulheres acabem ganhando muito menos que os homens e realizando atividades domésticas, empregos sem carteira assinada, ou seja, empregos precários que não garantem um bom rendimento mensal. Tais empregos, em contrapartida possibilitam que elas tenham uma agenda flexibilizada de horários para poderem conciliar as outras responsabilidades do domicílio. Essas famílias além de criarem suas estratégias de sobrevivência, contam com a assistência de parentes, vizinhos e amigos para poderem suprir suas necessidades de alguma maneira, sejam de forma financeira,

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

sentimental, moral e até mesmo espiritual, fenômeno que intitulamos anteriormente de “rede social”. Esperamos que os dados e relatos aqui apresentados contribuam com aqueles (as) interessados no tema e propicie caminhos para novas indagações e investigações.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Luiza M. S. Santos. A mulher trabalhadora na dinâmica da manutenção e da chefia domiciliar. *Revista Estudos Feministas*. V.6, nº1, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12032/11309>>. Acesso em 18 março 2018.

CARLOTO, Cássia Maria. A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza. 2005. *Revista Virtual Textos & Contextos*. Nº 4, dez, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/994/774>>. Acesso: 12 maio 2016.

DRAIBE, Sônia Miriam. Por um reforço da proteção à família: contribuição à reforma dos programas de assistência social no Brasil. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug (Org). *Família Brasileira a Base de Tudo*. São Paulo: Cortez, 2005.

GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de. Chefia feminina de domicílios em alguns países da América Latina: empoderamento feminino ou aumento da pobreza? In: *Congresso de la asociación latino-americana de la papa – ALAP, 2010*, Peru. Disponível em: < http://www.alapop.org/Congreso2010/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2010_FINAL60.pdf>. Acesso em 18 de março 2018.

MACIEL. Carlos Alberto Batista. A família na Amazônia: desafios para a Assistência Social In: *Revista Serviço Social e Sociedade*. nº 71. Editora Cortez, 2002.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

MARQUES, Eduardo C. L. *Redes Sociais, segregação e pobreza em São Paulo*. 2007. 182 f. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PACHECO, Ana Lúcia Paes de Barro. *Mulheres pobres e chefes de família*. 2005. 260 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. *PNAD 2209 – Primeiras análises: investigando a chefia feminina de família*. Nº65. 2010. Disponível em < http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/101111_comunicadoipea65.pdf >. Acesso em 18 março 2018.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. *A relação entre escola e família - as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem*. 2012. 152 f. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa. 2012.

SOUZA, Maria Danielly Franchini. PARRÃO, Juliene Aglio. A chefia familiar nas famílias monoparentais em situação de vulnerabilidade social residentes no município de Presidente Bernardes. 2015. In: *Encontro de Iniciação Científica - ETIC*, 2015, Lisboa. Disponível em: <file:///C:/Users/Amanda/Downloads/4759-12563-1-PB.pdf>. Acesso em 18 de março 2018.

ZAMPIER, Maika Bueque. *Movimentos sociais, apropriação das tecnologias da informação e comunicação e a centralidade na rede da Coordenadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo*. 2007. 239 f. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2007.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO



06

**PATRICIA BIEGING
RAUL INÁCIO BUSARELLO**

**EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS:
AS GRANDES ENCHENTES DE
BLUMENAU NA VOZ DE MARIA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2018.785.146-168

RESUMO

Este capítulo traz as memórias de Maria acerca das grandes enchentes de 1983 e 1984 ocorridas em Blumenau-SC. O objetivo é evidenciar os acontecimentos que não estão impressos na história “oficial” da cidade. Esta pesquisa segue metodologia qualitativa com base em história oral. Os dados foram captados por entrevista em profundidade. Como conclusão, percebe-se que Maria, por vezes, assume o papel de protagonista e, por vezes, de testemunha ocular, trazendo uma memória que imprime não somente os acontecimentos das tragédias, mas o resgate das raízes da cultura alemã. Apesar de Maria evidenciar a dura realidade que viveu no período, em suas falas, parece não fazer parte delas. O sofrimento do outro se mostra maior. Isso é evidenciado quando reproduz narrativas que giravam de boca em boca e pelo rádio, tomando uma dimensão maior do que sua própria experiência em relação às tragédias.

Palavras-chave:

Memória individual, Memória coletiva, História oral, Construção social.

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é evidenciar os acontecimentos vividos nas duas grandes enchentes ocorridas na cidade de Blumenau, Santa Catarina, as quais não estão impressas na história “oficial” da cidade. A seleção dessa época se dá por se tratar de dois dos piores acontecimentos na região do Vale do Itajaí, os quais deixaram não somente desabrigados e feridos, mas muitos mortos. A emoção e a tensão no resgate de uma história sofrida não somente para Maria quanto para o povo de Blumenau apresenta momentos da reconstrução da cidade. São pontos em que os moradores da cidade tiveram de mudar radicalmente de vida, sendo um dos destaques o resgate da cultura alemã até então adormecida.

Consideramos, neste trabalho, que a memória individual de apenas uma testemunha é parte importante da memória coletiva (BOSI, 2003), havendo, desta forma, uma relação direta entre as duas.

Este estudo investiga as memórias de Maria,¹ uma senhora de 64 anos, católica, de descendência belga, nascida em Ilhota, moradora da cidade de Blumenau e sócia de uma empresa de venda e manutenção de balanças. Maria foi escolhida para esta pesquisa por, na época, ter 35 anos, estar em processo de separação e ainda por enfrentar, sozinha e com três filhos pequenos, tal situação.

1. A entrevista em profundidade foi realizada no dia 20 de outubro de 2013, na cidade de Blumenau-SC. As transcrições das falas são relacionadas ao longo do texto de forma coloquial para garantir a fidelidade dos relatos de Maria.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA lugares de enunciação E MEMÓRIA SUMÁRIO

Primeira de oito filhos, Maria experienciou desde cedo a responsabilidade da casa, ajudando os pais na criação dos irmãos mais novos. Devido às condições financeiras de sua família, seu pai era marceneiro e sua mãe era costureira, iniciou no mercado de trabalho logo cedo, tendo de deixar os estudos para tornar-se operária numa grande fábrica têxtil da cidade. Sua trajetória é marcada por alegrias, percalços e também tristezas. A fé a acompanha desde a infância e lhe dá forças para seguir em frente e enfrentar as dificuldades da vida. Maria, nesta entrevista, relembra a calamidade em que se transformou a cidade de Blumenau² nos anos de 1983 e 1984, período em que ocorreram duas das maiores enchentes da cidade, deixando muitos feridos, desabrigados e mortos.

No depoimento, a testemunha relata o que viu e o que sentiu diante da fúria incontrolável da natureza. Sua fala é carregada por um sentimento de solidariedade e compaixão, o qual pode ser percebido também por outros personagens que participaram dessa história e que deixaram suas marcas registradas oficialmente.

2. Blumenau é um município da região do Vale do Itajaí, Estado de Santa Catarina, fundada em 2 de setembro de 1850 pelo filósofo e farmacêutico alemão Hermann Bruno Otto Blumenau. Destaca-se pela colonização alemã, tendo o cotidiano e os hábitos dos imigrantes europeus em sua essência. A economia destaca-se pela informática e pelo setor têxtil, com empresas de portes nacional e internacional. Fica a 149 quilômetros de Florianópolis, capital do Estado. Antes mesmo da colonização, a região de Blumenau era habitada por índios caingangues, xoclengues e botocudos. Hermann Bruno Otto Blumenau obteve, em 1850, do governo provincial uma área de terras de duas léguas, para estabelecer uma colônia agrícola (DAY, 2013b).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

PROCEDIMENTO MERCADOLÓGICO

O método escolhido para o registro do depoimento de Maria foi a entrevista semiestruturada, e sua fala foi gravada em áudio para que fosse possível a posterior transcrição. A escolha pelo instrumento da memória oral para este estudo dá-se, pois, “longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos e vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza” (Bosi, 2003, p. 15).

A realização de entrevista em profundidade dá-se pela interação entre participante e pesquisador, uma vez que toda entrevista requer troca e cooperação (BAUER; GASKELL, 2008). O objetivo do uso dessa técnica foi de que a conversa pudesse conduzir a dados qualitativos relevantes. Bauer e Gaskell (2008) explicam que a técnica da entrevista em profundidade é ideal quando a análise da pesquisa se foca em objeto ou situações em que as experiências individuais detalhadas são importantes e, além disso, buscam provocar a sensibilidade dos sujeitos. Seguindo ainda as recomendações de Bauer e Gaskell (2008), a entrevista durou uma hora, sendo que os autores recomendam que a abordagem seja realizada entre 1h e 1h30min.

A pesquisa empírica também levou em conta a presença da pesquisadora no campo, de certa forma, a qual também foi parte do estudo e, mesmo tendo todos os cuidados, sempre vai alterar um pouco o campo estudado. Torna-se necessária a ambientação no campo da pesquisa e também o cuidado e a crítica constante das técnicas e forma utilizadas. “A relação

social entre o pesquisado e o pesquisador produz um efeito de censura muito forte, redobrado pela presença do gravador: é sem dúvida ela que torna certas opiniões inconfessáveis (salvo por breves fugas ou por lapsos)” (BOURDIEU, 1997, p. 701). Bourdieu (1997) também salienta para a permanente vigilância do ponto de vista. Sabemos, obviamente, que nenhuma ciência é neutra (Bourdieu, 1983), porém a crítica e a reflexão durante todo o desenvolvimento da pesquisa são importantes e indispensáveis. “O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista” (BOURDIEU, 1997, p. 713).

O levantamento e a análise dos dados seguiram a orientação qualitativa, que tem como objetivo ajudar a entender e explicar os fenômenos sociais e conhecer a visão de mundo construída pelos indivíduos por meio de suas interações sociais, tentando manter ao máximo a naturalidade do ambiente pesquisado (MERRIAM, 1998). Partindo do princípio de que os métodos de pesquisa empírica são flexíveis, buscou-se deixar a testemunha confortável quanto a seus depoimentos, construindo a trajetória da pesquisa conforme a conversa se desenrolava.

Com a transcrição e a seleção dos depoimentos da testemunha, também percebemos como é importante contextualizar seu discurso no contexto da época e, especialmente, com o que a cidade vinha enfrentando nos últimos anos. Mesmo em se tratando de apenas o discurso de uma testemunha, pode-se perceber que ele também traz marcas de uma narrativa coletiva. A singularidade da narrativa de Maria é refletida na Psicologia social que, para Vygotsky (2004, p. 368), deve “conquistar para

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

a psicologia o direito de considerar o singular, ou seja, o indivíduo, como um microcosmo. Como um tipo, como um exemplo ou modelo de sociedade”. Considerando os apontamentos de Vygotsky, este estudo justifica-se pelo fato de que o depoimento de Maria é, também, a voz de um povo, da coletividade, no contexto vivenciado.

HISTÓRIAS E TESTEMUNHAS: NARRATIVAS ORAIS

Conhecer a história pela visão de uma testemunha é recontar os fatos de uma época ou de um acontecimento vivido de maneira singular e que, acima de tudo, é também uma peça que compõe o grande quebra-cabeça da história de um povo e de suas experiências de vida. A testemunha, em sua relação com a história, ajuda a elaborar o discurso da vida cotidiana, informal, contudo tão importante quanto o que nos contam os relatos oficiais de um tempo. A memória individual, assim, narra os acontecimentos que, mesmo sendo algo particular de quem o conta, é também composto pela história.

Apesar de a memória individual parecer, inicialmente, algo muito particular de cada indivíduo, ela deve ser entendida como uma construção social coletiva (HALBWACHS, 2006), considerando suas variações, transformações e mudanças. Ao falar do passado, somos interpelados também pelo presente e pelas nossas referências sociais e culturais. A memória e as representações que temos em cada época são construídas ao longo do

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

tempo. Ocorre aí a seleção dos fatos, dos registros dos sujeitos frente à vivência.

As sensações, as emoções e as interpretações de experiências passadas ganham novos significados conforme nossa memória reinterpreta os fatos. “A lembrança é uma combinação complexa que integra fragmentos registrados do acontecimento, conhecimentos preexistentes, crenças e expectativas que o sujeito traz em relação ao acontecimento” (SCHWOB, 2005, p. 89). Assim, o lembrar e o esquecer fazem parte da nossa memória e, a cada vez que a ativamos os acontecimentos, eles se mostram diferentes e ressignificados, reconfigurando os discursos e as lembranças. Como nos diz Bosi (2003, p. 62), “recordar é sempre um ato de criação”.

O cérebro organiza, reinventa e seleciona as lembranças a partir do ponto de vista de cada sujeito e do lugar que o mesmo ocupa no contexto da história. Apesar disso, a memória individual fala também da memória coletiva, considerando a relação direta que é estabelecida entre as duas.

A importância do testemunho oral pode estar, muitas vezes, não em seu apego aos fatos, mas antes em sua divergência com eles, ali onde a imaginação e o simbolismo desejam penetrar [...]. A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendido com os outros e vigor imaginativo (THOMPSON, 2002, p. 184)

Pela palavra da testemunha, somos levados a outras vertentes e outros olhares para o mesmo fato. São mostradas

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

SUMÁRIO

as conexões com as experiências de vida dos sujeitos. São aspectos da história muitas vezes não contados nos registros, mas que nos levam a um mundo muito mais complexo e, singularmente, posicionado entre o acontecimento e a vida cotidiana (BOSI, 2003).

A recordação de um tempo que marcou a vida do sujeito faz com que este seja remetido ao passado e reconstrua momentos em que foi o protagonista da história ou da qual foi testemunha ocular. O retorno ao passado traz consigo uma nova reflexão dos fatos vividos, não somente pelos acontecimentos diretamente relacionados ao depoente, mas pelo grupo ao qual pertencia.

A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição em relação ao que será lembrado (BOSI, 1993, p. 281, grifo do autor).

Assim, a memória, mesmo que resgatada por apenas um sujeito, é uma construção coletiva repleta dos hábitos e da cultura de um grupo determinado, ou seja, ela é tanto elaborada individual quanto coletivamente. “O conteúdo inicial dessas lembranças, que as destaca de todas as outras, se explicaria pelo fato de estarem no ponto em que se cruzam duas ou mais séries de pensamentos, pelos quais elas se interligam a tantos outros grupos diferentes” (HALBWACHS, 2006, p. 48). A memória individual é, então, a união e o ajuste das memórias dos demais membros do grupo ao qual o sujeito pertence, porém, a partir

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

de uma seleção individual, justificando, assim, as lembranças e a seleção diferenciada dos acontecimentos.

MEMÓRIA: CATÁSTROFE E FÉ

A enchente de 1983 baixou e, logo em seguida, veio outra [a de 1984], foi bem próximo uma da outra (Maria).

Fundada em 1850, a cidade de Blumenau (Santa Catarina) e a Região do Vale do Itajaí vêm registrando grandes enchentes com um intervalo breve, cerca de um ou dois anos entre cada uma. Em 1880, a cidade registrou o nível da água na marca de 17,10 metros acima do nível normal. Porém duas das grandes catástrofes da cidade, trazendo prejuízos e mortes, ocorreram em 1983 (15,34 metros) e em 1984 (15,46 metros). A primeira enchente deixou 197.790 desabrigados e 49 mortos em 90 municípios catarinenses, causando pânico, arrastando casas inteiras e deixando, durante 32 dias, moradores ilhados e sem alimentos ou água potável. A segunda durou poucos dias, mas o suficiente para que a população, em relação ao vivenciado no ano anterior, entrasse em pânico.

As duas enchentes deixaram registrados na memória dos moradores do Vale do Itajaí e, principalmente, dos de Blumenau momentos difíceis, mas também de muito trabalho pela reconstrução da cidade. Quando falamos com blumenauenses, que, de alguma forma, vivenciaram aqueles momentos, percebemos o quanto aqueles anos serviram não somente para marcar a história

**CULTURA,
HISTÓRIA
DE VIDA**

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

da cidade, mas também para evidenciar o orgulho por terem resgatado uma região que havia se tornado um grande lamaçal.

Maria, nossa testemunha, apesar de não ter a sua casa alagada por morar em um dos mais altos morros da proximidade do centro da cidade, participou ativamente no auxílio aos desabrigados e na reestruturação da empresa em que trabalhava naquela época.

O noticiário estava sempre falando da enchente e do tanto que ia enchendo, e cada vez ia chovendo mais. Então eles [os noticiários] se baseavam pela chuva que vinha do Alto Vale do Itajaí. Que seria Rio do Sul pra cima. Já tinha a barragem lá e que a barragem estava muito cheia e que as chuvas continuavam. Claro que, na época, o noticiário não era como hoje, né... imediato. Naquela época, ainda demorava um pouco, mas a gente ficava na expectativa. Daí, quando começou mesmo a encher, né, o rio e alagar lugares que ainda não tinha alagado, daí todo mundo se preveniu. Começamos a levantar tudo, né. A água começou a vir, e o pessoal começou a subir o morro. A gente soube pelo noticiário que ia chegar a 15 metros, eu não lembro direito quanto é que deu, mas acho que chegou de 15 para 16 metros (Maria).

O noticiário acompanhado pelo rádio é, para nossa testemunha, o mensageiro do tempo que estava por vir. Avaliando as informações trazidas, Maria e seus vizinhos organizavam-se para tomar as providências necessárias. Mesmo passando pelo momento mais difícil de sua vida, o divórcio, em 1982, e com três filhos pequenos para criar (7, 4 e 1 ano de idade), Maria abriu

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

sua casa e abrigou as pessoas que subiam o morro pedindo abrigo e ajuda.

Nós, no morro, felizmente, não tivemos problema nenhum de enchente. O que a gente fazia era recolher o pessoal que vinha pra cima do morro. Aqui todos se conheciam e, como moravam aqui, podiam subir o morro, porque, se estava para o lado de lá [falando dos moradores da redondeza do centro da cidade], não conseguiam mais subir. Na Ponta Aguda, inunda com 12 metros e, na Rua Venezuela, inunda com 13 metros. Daí eles vinham pedir socorro. Ficaram aqui na minha casa, também na casa da minha mãe. E, depois que a enchente começou a baixar, as pessoas vinham pedir para lavar as roupas que tinham conseguido salvar. Não tinha água. Daí, como nós tínhamos a cachoeira ali atrás de casa, as pessoas vinham para lavar um pouco de roupa, para ver o que tinham salvado (Maria).

Percebe-se, na voz e na narrativa de Maria, a reconstrução da memória coletiva da cidade e dos seus moradores, mesmo diante de sua vivência particular e da situação calamitosa que havia se instalado na cidade. Ela se sentia na obrigação, como cidadã, de abrigar todos os que vinham lhe pedir ajuda.

Eu tinha 35 anos na época e tinha três filhos pequenos em casa. Não foi fácil. É uma coisa que deixa a gente preocupada. A casa estava cheia dos vizinhos que estávamos abrigoando... E ainda os três pequenos. Não tem como não se preocupar. Mais (sic) um ajudava o outro, e eram todas pessoas boas e precisando de ajuda. Faz parte! Passamos, pela graça de Deus! (Maria)

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Mesmo não se sentindo ameaçada pelas águas que subiam, sua dor transparece em sua fala e em sua entonação enquanto nos narra. Por segundos, o abismo entre a sua realidade, morando em um local teoricamente seguro das águas, e a dos seus amigos, vizinhos e colegas que estavam com suas casas em risco parece desaparecer quando diz que levou um grande susto quando o seu ex-marido lhe enviou mantimentos. Sua amargura e dor, pelo sofrimento do divórcio que passara no ano anterior às enchentes, faz mudar o tom de sua voz.

Sofremos um pouco sem alimento, pois ninguém pensava que ia dar uma enchente tão grande e ninguém se preveniu. Foi difícil suportar mais de uma semana sem energia e com pouco alimento. Não podia comprar alimento perecível, porque também não tinha energia. Então comprava mais farinha, feijão, arroz e coisas que davam para fazer. Foi nessa época que o meu ex-marido, que morava em outra cidade, começou a mandar alimentos e água. De forma direta, foi mesmo o alimento que começou a faltar. Eu tinha três filhos pequenos e foi bem complicado (Maria).

Os valores e as crenças de Maria aparecem muito marcados no seu discurso sobre o passado. De família católica fervorosa, sua visão dos acontecimentos e sua contribuição aparecem delineados por uma força sagrada, a qual é compartilhada também com os vizinhos e com as pessoas abrigadas em sua casa, em uma época tão triste. Mesmo sem ter perdido familiares, o sentimento e a dor são compartilhados. A busca por um final feliz em meio à calamidade em que se encontrava a cidade é implorada ao divino, a Deus.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Os vizinhos vinham aqui pra casa para as novenas, e a gente enchia a casa e rezava para que Deus ajudasse e parasse de chover. Os vizinhos vinham e orávamos bastante. A fé é uma coisa que fortifica a gente. Vai crendo, que, daqui a pouco, a chuva vai parar e a água vai baixar. A gente achava que ia inundar Blumenau inteiro. Orávamos muito mesmo (Maria).

A oração e a crença em Deus são dois fatores presentes em praticamente toda a narrativa de Maria. A base religiosa e o significado de sua crença moldam as suas atitudes em relação ao próximo. As novenas constantes realizadas na casa de sua mãe, que morava nas proximidades, foram intensificadas durante as enchentes na cidade, mostrando-nos aí a força desse fenômeno social (DURKHEIM, 1989) compartilhado entre todos à sua volta. A crença na força de suas orações parecia, diante do que já havia feito por seus vizinhos, a única ação coerente a ser realizada, além de aguardar a água baixar.

Para Durkheim (2012, p. 27),

A vida religiosa supõe a produção de forças sui generis, as quais elevam o indivíduo acima dele mesmo, que o transportam a um outro meio que não aquele no qual se esgota sua existência profana e que o fazem viver uma vida muito diferente, mais elevada e mais intensa.

Isso justifica o discurso de Maria quando afirma que “a fé é uma coisa que fortifica a gente”. Nesse trecho nossa testemunha apresenta essa busca por algo superior, pedindo a Deus que ajude os homens e os fortifique não somente para superar um período

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

de terríveis experiências, mas também que lhes dê forças para recomeçar uma nova vida e superar os traumas vividos. Durkheim nos ajuda ainda a entender o significado do agrupamento das pessoas nas novenas realizadas pela mãe de Maria. Segundo o sociólogo, “As únicas forças morais superiores àquelas do indivíduo, que se encontram no mundo observável, são as que resultam do agrupamento de forças individuais, da síntese delas na e pela sociedade: as forças coletivas” (DURKHEIM, 2012, p. 28). A força das orações, nas novenas, faladas em coro e em voz alta, não somente acalentavam os corações das pessoas presentes, mas lhes dava forças para continuar.

Blumenau é composta predominantemente pela colonização alemã, tendo as primeiras imigrações ocorrido em 1850. Grandes problemas sociais enfrentados na Europa no início do século XIX e a notícia de fartura de terras no Brasil levaram a um grande processo migratório. Hermann Bruno Otto Blumenau³ foi o responsável pela criação de uma das principais colônias alemãs do Estado de Santa Catarina. Relatos dizem que os primeiros colonos a habitar Blumenau tiveram de desbravar as terras e viviam basicamente da agricultura, fazendo a terra dar frutos com o seu próprio suor. Percebe-se nos moradores de Blumenau um grande orgulho por pertencer à cidade e, principalmente, por ter herdado de seus antepassados a força para o trabalho e para a reconstrução da vida. Isso pode ser percebido

3. Natural da Alemanha, Hermann Bruno Otto Blumenau, filósofo, administrador e químico farmacêutico, nasceu em 26 de dezembro de 1819, no Ducado de Braunschweig, e morreu em 30 de outubro de 1899, em Braunschweig. Em 1880, sua casa foi totalmente destruída pela enchente. Após viver 34 anos em Blumenau, seu fundador partiu definitivamente para a Alemanha. Em 1974, seus restos mortais foram transferidos da Alemanha para Blumenau e depositados no Mausoléu erguido em sua homenagem (Day, 2008).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

na fala de Maria ao citar a reestruturação do povo, a reconquista de seus bens e de sua vida destruída por frequentes catástrofes.

Não sei se é porque é uma cidade de origem alemã, que são pessoas batalhadoras, sempre que tinha uma catástrofe aqui. E lá, naquela época, foi uma enchente muito grande, tanto por falta de água... Que isso foi mais difícil pra chegar... Mas o povo é trabalhador. Um ajuda o outro, e é muita preocupação pelo outro. Mesmo aquele que não sofreu diretamente estava ajudando o outro a se reerguer (Maria).

O pertencimento a uma pátria e a busca por uma identidade trazem na narrativa de Maria a resposta para a força do seu povo diante da perda de suas casas, de filhos, esposas e maridos mortos nas enchentes e na retomada da vida normal. Um exemplo simples do orgulho pela descendência alemã na região é a manutenção do idioma pelas gerações. “A memória construída acerca do pioneirismo dos colonos é uma maneira de se justificar a necessidade de se ‘tirar a cidade da lama’, tal qual os imigrantes o fizeram por tantas vezes. Esta memória serve de paradigma a ser seguido” (FROTSCHER, 1997, p. 70). Bosi (1994) explica essa herança familiar e essa força de reconstrução que passa de gerações para gerações, segundo ela: “Na memória dos idosos é possível encontrar uma história social bem definida, pois eles já passaram por certo tipo de sociedade com características bem marcadas e já viveram quadros de referência familiar e cultural também já conhecidos” (BOSI, 1994, p. 60). O valor do trabalho é uma marca muito forte na cidade,

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

SUMÁRIO



mantida com muito orgulho pelos descendentes, sendo esta uma ideologia muito forte, carregada e oxigenada ao longo dos anos.

Para construir uma memória que identifique o blumenauense como germânico, ordeiro e trabalhador, o discurso da “laboriosidade blumenauense”, retomado durante a reconstrução, também desenterra a história da colonização alemã de Blumenau. Essa memória construída seleciona do século passado alguns elementos, como o pioneirismo dos colonos, para conferir à cidade uma identidade. [...] Dignifica-se o papel dos colonizadores alemães que, segundo este discurso, transformaram a selva em sociedade civilizada (FROTSCHER, 1997, p. 69).

Apesar de Maria demonstrar, em sua narrativa, a força e a coragem diante de tantos desastres vividos pelo povo blumenauense, ela também nos mostra certo cansaço com relação à instabilidade da região, em que nunca se sabe quando alguma calamidade irá se abater sobre a cidade.

Passar por isso é uma coisa horrível. As pessoas que estão dentro de suas casas e conquistam as coisas com esforço, benze e, de repente, vê a sua própria moradia sendo levada pelas águas, ficando só com a roupa do corpo, às vezes. É uma coisa muito terrível! Não é bom nem a gente pensar. Quando começa a chover em Blumenau, o povo já fica de alerta. Faz até promessa para que não aconteça. Não é fácil passar por uma catástrofe assim (Maria).

Tive uma amiga muito próxima que ajudou muito a gente numa época anterior. Ela perdeu tudo, inclusive, perdeu o marido. Ele entrou na água para ajudar os vizinhos e

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

pegou leptospirose. Foi bem doído pra gente. Ela ficou com os filhos pequenos, viúva, perdeu casa e marido. Como ela, muitos perderam. Mães perderam filhos, esposas, maridos, isso aconteceu bastante (Maria).

A memória de Maria, longe de ser apenas uma narrativa individual, também mostra um pouco da memória coletiva da cidade. As perdas materiais e as mortes atingiram, somente no ano de 1983, 197.790 pessoas. Mesmo não tendo perdido parentes ou bens materiais, Maria se mostra chocada e caledada com as intempéries que a natureza vem aplicando sobre a cidade. Percebe-se uma importante interligação e confronto entre a memória coletiva e a memória individual, pois, segundo Cardini (1993, p. 326), “A lembrança não se constrói sem a memória coletiva, mas, ao mesmo tempo, a recordação pessoal é uma forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas”. A convergência feita pelas lembranças da memória de Maria com os fatos particulares e presenciados por ela são essenciais para o resgate da história de um tempo e das relações sociais estabelecidas.

O ponto final dessa viagem pelas memórias de Maria é o momento da reconstrução da cidade e da volta à rotina.

Nessa época, eu trabalhava nas Lojas Americanas. Só não precisei ir lá limpar, depois que a água baixou, pois eu era sozinha e tinha três filhos pequenos em casa. Daí eles disseram que era para eu não ir ajudar. Quando baixou a água, eu fui para ajudar e recolocar os produtos nas prateleiras (Maria).

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

Eles fizeram a Oktoberfest [em 1984] para dar mais alegria para o povo, pois tinham sofrido, sofrido, sofrido. Já se tinha pensado em fazer uma festa para o povo, pois em Blumenau não tinha nada. Era para trazer mais alegria mesmo (Maria).

Apesar de ter sofrido e se mobilizado para o resgate e acolhimento dos moradores próximos à sua casa, Maria fala como se a criação da *Oktoberfest*, evento criado para dar alegria à população sofrida da cidade, não se aplicasse também a ela. Mesmo passando restrições quanto a alimentos, água e por ter dividido a casa com outras pessoas que não eram seus parentes, ela coloca os fatos como se tivessem acontecido em outra cidade, que não a dela. Em alguns momentos da narrativa das enchentes em Blumenau nos anos de 1983 e 1984, Maria se inclui e, em outros, exclui-se, criando uma espécie de distanciamento ao que poderíamos chamar de recompensa pelas calamidades vividas em anos anteriores. A *Oktoberfest*, festa das tradições alemãs, foi inicialmente criada não somente para trazer mais alegria para os moradores da cidade, mas também como uma forma de fazer girar a economia da cidade, ajudando a reerguê-la.

A aproximação e o distanciamento durante a narrativa de Maria chamam a atenção pelo fato de que a “recompensa” parece não lhe pertencer, mas sim ao povo da cidade, pois eles precisavam de alegria. Existe aí a ressignificação de suas memórias e dos fatos vividos, uma tentativa de olhar para o passado de outra forma. A lembrança do passado faz Maria traçar novos

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

caminhos através do distanciamento e da aproximação de suas trajetórias de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos, neste estudo, algumas das experiências vividas por Maria nas enchentes de Blumenau, nos anos de 1983 e 1984, duas das maiores catástrofes enfrentadas pela cidade. Apesar de a narrativa focar apenas na experiência de Maria, pôde-se perceber, em todo o seu discurso, a memória não somente individual, mas coletiva de sua região. Traz relatos de um tempo difícil para a cidade e para os seus moradores. Numa fala por vezes tensa, por vezes emotiva, a nossa testemunha resgatou e ressignificou algumas lembranças que fizeram parte de momentos importantes para a cidade, como a reviravolta dos moradores após a destruição e o resgate da cultura alemã que, talvez na época, estivesse adormecida. O reforço da ideologia do povo alemão é trazido para solidificar o valor do trabalho árduo de um povo e, especialmente, na retomada da autoestima diante da calamidade em que Blumenau havia se transformado.

Apesar de seu papel de protagonista evidenciar a dura realidade que viveu no período, Maria, como testemunha ocular, parece se transportar para outro mundo, como se tivesse acompanhado os acontecimentos apenas como espectadora. Nesse caso, sua voz reflete o sofrimento do outro como algo muito maior que o dela. Isso é evidenciado quando relata histórias que nem mesmo observou ou vivenciou, mas reproduziu com base em

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

narrativas que giravam de boca em boca ou pela transmissão do rádio. São histórias vistas e ouvidas que, em sua interpretação, ganham uma dimensão maior do que sua própria história.

O orgulho pela cidade e por seu povo foram pontos marcantes na narrativa da nossa testemunha. A fé, presente em sua vida em tempos brandos, é intensificada durante os intermináveis e inesperados dias de chuva. O conforto para seguir em frente vem da força espiritual, do apelo a algo superior e muito mais forte, da amizade e da compaixão. O coletivo mostra-se como uma importante chave para a visualização de um futuro promissor.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes. 2008.

BOSI, E. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, 4 (1-2), 277-284. 1993.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia social*. São Paulo: Ateliê. 2003.

BOURDIEU, P. O campo científico. In *Pierre Bourdieu: sociologia*. (pp. 122-155). São Paulo: Ática. 1983.

BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes. 1997.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação E MEMÓRIA

SUMÁRIO

CARDINI, F. A memória coletiva no pensamento de M. Halbwachs. *Conferência proferida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*, em 10 de novembro de 1993.

DAY, A. Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. *Blog de Adalberto Day*. Recuperado a partir de <http://adalbertoday.blogspot.com.br/2008/05/dr-hermann-bruno-otto-blumenau.html>. 2008.

DAY, A. As enchentes em Blumenau. *Blumenews*. Recuperado a partir de <http://adalbertoday.blogspot.com.br/2007/11/as-enchentes-em-blumenau.html>. 2013a.

DAY, A. Blog do cientista social e professor universitário Adalberto Day. Recuperado a partir de <http://adalbertoday.blogspot.com.br>. 2013b.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas. 1989.

DURKHEIM, E. O problema religioso e a dualidade da natureza humana. *Debates do NER*, 13 (22), 27-61. 2012.

FROTSCHER, M. Blumenau nas enchentes de 1983 e 1984 e o imaginário da “Cidade do Trabalho”. *Revista Esboços – Revista do programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, 5 (5), 61-70. Recuperado a partir de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/%20esbocos/article/view/526/9765>. 1997.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro. 2006.

Merriam, S. B. (1998). Qualitative research and case study applications in education: revised and expanded from i case study research in *Education*. *San Francisco*: Jossey-Bass.

Moradores de Blumenau relembram dificuldades da enchente de 1983. *Portal G1*. Recuperado a partir de <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/07/moradores-de-blumenau-relembram-dificuldades-da-enchente-de-1983.html>. 2013.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

SCHOWOB, M. *Como conservar e desenvolver a sua memória*. (Irene Ernest Dias, trad.). Rio de Janeiro: Ediouro. 2005.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

VYGOTSKY, L. S. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO



ORGANIZADORES

PATRICIA BIEGING

Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), Mestre em Educação, na linha Educação e Comunicação (UFSC), especialista em Propaganda e Marketing e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda. É parecerista do Programa FUMDES - Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior - da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. É avaliadora Ad Hoc de Periódicos Nacionais e Internacionais. Faz parte do Comitê Editorial Científico da Editora Pimenta Cultural. Trabalha com comunicação há 23 anos. É palestrante e consultora nas área de comunicação e educação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em telecomunicação, planejamento e marketing corporativo e cultural. Suas publicações abordam temas ligados a: televisão, transmídia, identidade cultural, experiências estéticas, práticas culturais e de consumo e, especialmente, cinema interativo. Possui artigos publicados em congressos e periódicos nacionais e internacionais. Em 2011 publicou o livro sob título: "Populares e Perdedores: crianças falam sobre os estereótipos da mídia". Possui experiência de trabalho e estudos no exterior. E-mail: pbieging@gmail.com

RAUL INÁCIO BUSARELLO

Doutor e Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, na área de pesquisa Mídia e Conhecimento. Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e Pós-graduado em Design Gráfico e Estratégia Corporativa. Faz parte do Comitê Editorial Científico da Editora Pimenta Cultural. É avaliador Ad Hoc da Revista Vozes e Diálogo da Universidade do Vale do Itajaí. Tem vivência acadêmica e profissional no exterior, tendo estudado Cinema em Nova Iorque, EUA.

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

Como diretor e roteirista participou da produção de uma dezena de curtas e um longa metragem. Tem experiência na área de Comunicação com ênfase em Arte, Cinema, Design e Inovação, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativa hipermediática, artes visuais, animação gráfica e audiovisual, cinema, história em quadrinhos, design gráfico, gestão de marcas, indústria cultural, publicidade, mercadologia e criação/produção publicitária. Em 2009 foi premiado pela criação da marca comemorativa dos 60 anos do Museu de Arte de Santa Catarina. Em 2013 recebeu um prêmio latinoamericano pelo desenvolvimento de objeto de aprendizagem que permite à pessoas surdas aprenderem conceitos de representação gráfica através de histórias em quadrinhos hipermédia. Em 2014 o seu projeto de doutorado classificou-se em primeiro lugar no Painel Científico EGC/2014 na área de Mídia e Conhecimento, da UFSC. Atualmente é diretor de criação da Pimenta Cultural e docente da Escola de Artes, Arquitetura, Design e Moda da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: raulbusarello@gmail.com

AUTORES

AMANDA CARDOSO BARBOSA E SILVEIRA

Professora no curso de Serviço Social, lotada no Departamento de Política e Ciências Sociais (DPCS) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES- MG). Tutora no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental, do Hospital Universitário Clemente de Faria - UNIMONTES. Mestre em Desenvolvimento Social pelo PPGDS - UNIMONTES (2015). Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (2012). Experiência em metodologias de pesquisa qualitativa, Serviço Social e Desenvolvimento Social, com ênfase nos seguintes temas: políticas sociais; pobreza e desigualdade social; relações de poder e dominação no século XX. E-mail: amandacardosobar@hotmail.com

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

BRUNA CAROLINA DE LIMA SIQUEIRA DOS SANTOS

Mestranda no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Mestrado em Educação da Universidade do vale do Itajaí - UNIVALI. Especialização em nível Lato Sensu em Gestão e Supervisão Escolar, pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU (2014). Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Niltons Lins (2012). Carreira desenvolvida na área de Pedagogia, experiência em regência de aulas, coordenação e apoio de ensino em ambiente educacional presencial e a distância, elaboração de atividades interdisciplinares, desenvolvimento e implementação de projetos. Atualmente membro da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental - REASUL e pesquisadora assistente no Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade - GEEAS, vinculado ao PPGE da UNIVALI. E-mail: bruna_siqueiras@hotmail.com

DAIANE CAETANO COSTA DE AQUINO

Possui graduação em Pedagogia Licenciatura Plena (2009) pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), especializações nível Lato Sensu em: Pedagogia Gestora com ênfase em Administração, Supervisão e Orientação Escolar (2010) pela Associação Catarinense de Ensino; Orientação Escolar (2011) pela Associação Catarinense de Ensino; Educação Pobreza e Desigualdade Social (2016) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Mestrado Acadêmico em Educação da UNIVALI, atualmente Pesquisadora assistente no grupo de Pesquisa Educação e Trabalho na mesma instituição. E-mail: daiannyaquino@hotmail.com

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

ELIANA GONÇALVES DA SILVA FONSECA

Doutoranda da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Educação -Linha de pesquisa de Saberes e Práticas Educativas. Mestra em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE) bolsista CAPES. Estudo sobre a formação de professores no processo de inclusão digital. Graduação em História. Especialização.Lato Sensu em Metodologia do Ensino Superior (Faculdade Politécnica de Uberlândia).Uso da informática ao estímulo ao aprendizado no ensino de História. Especialização em Educação (Universidade Estadual de Minas Gerais-Campus Ituiutaba) Estudou sobre a evasão no Ensino Noturno. Experiência profissional como docente nas áreas de História e Geografia no Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio , Técnico- Magistério em rede pública e particular. No ensino superior ministrou aulas nas disciplinas de História do Brasil,História Moderna, História Contemporânea e Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, Tópicos Especiais em Pedagogia e Pesquisa em Educação na Universidade Presidente Antônio Carlos (2003 a 2007 -Campus Uberaba) e (2016 a 2017- Campus Uberlândia) .Experiência com docência em cursos de pós graduação nas disciplinas de Gestão em Educação e Novas Tecnologias educacionais. E-mail: elianagsfonsceca@gmail.com

FRANCISCO ISAAC DANTAS DE OLIVEIRA

Licenciado em História pela Universidade Potiguar em 2009; Mestre em História e Espaços pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2013; Especialista em Literatura e Ensino pelo IFRN em 2015. Tem experiência profissional na pesquisa acadêmica e lecionando desde do Ensino Básico até a Pós-Graduação em Instituições Públicas e Privadas de Natal e Região Metropolitana do Rio Grande do Norte. E-mail: isaacdantas@yahoo.com.br

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

INDIAMARIS PEREIRA

Possui formação em Redes de Computadores e Magistério com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia; Especialista em Libras, Supervisão Educacional, Alfabetização e Letramento. Atualmente é professora bilíngue, fluente em Libras, do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC atuando nos cursos: Superior de Pedagogia Bilíngue, Técnico Subsequente em Tradução e Pós Graduação Lato Sensu em Educação Profissional e Tecnológica — EPT. É pesquisadora na área de Educação, com ênfase em Estudos Surdos envolvida principalmente com desenvolvimento de pesquisas nos seguintes temas: Tecnologia e Educação, Tecnologia e Educação de Surdos, Cultura, Cultura Surda, Cultura e Tecnologia, Currículo, Currículo Intercultural, Internacionalização do Currículo, Currículo na Educação de Surdos, Currículo na Educação Profissional Científica e Tecnológica. cursando Mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí Univali —Capes 5. E-mail: indiamaris@gmail.com

JULIANA TIBURCIO SILVEIRA FOSSALUZZA

Doutora e Mestra em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - SP – FCLAr-UNESP, em que desenvolveu pesquisas na área de Fundamentos da Educação. É licenciada em Pedagogia pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto - SP – IBILCE-UNESP. É docente no Centro Universitário do Norte Paulista de São José do Rio Preto - SP (UNORP). Atualmente, tem se dedicado ao estudo da obra freiriana, no sentido de contribuir, ao resgatar Paulo Freire, para o desenvolvimento de uma práxis educativa crítico-ética, e também tem realizado estudos, desde o doutorado, que abordem as memórias-trabalho e política de professores da Educação Básica e do Ensino Superior. E-mail: julianatiburciofossaluzza@gmail.com

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

lugares de enunciação

SUMÁRIO

LAURA RAFAELA SILVA AMADOR

Assistente Social graduada pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. E-mail: laurarafaelamcr@hotmail.com

SEBASTIÃO SILVA SOARES

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Professor na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: sebastiaokenndy@yahoo.com.br

VIVIANE BERNADETH GANDRA BRANDÃO

Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Puc Minas. Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos, graduada em Serviço Social e Letras-Espanhol. Atualmente, é professora da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes no Departamento de Ciências Sociais - Área Serviço Social e professora da Soebras. Tem experiência como docente do ensino superior, coordenadora didática e de estágio, tutora da Residência Multiprofissional em Saúde Mental na área do Serviço Social. Além de ter sido assistente social em um movimento internacional de educação popular com crianças, adolescentes e jovens. São temas de interesse investigativo: Cultura, Educação, Formação Profissional e Serviço Social. E-mail: viviane.gandra1@hotmail.com

CULTURA, HISTÓRIA DE VIDA

lugares de enunciação

E MEMÓRIA

SUMÁRIO

